



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO NORTE DO TOCANTINS**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

Fabiane Silva Barroso

Língua Indígena Apinajé de Sinais:
a marca da iconicidade como princípio organizador do léxico

Araguaína

2026

Fabiane Silva Barroso

Língua Indígena Apinajé de Sinais:
a marca da iconicidade como princípio organizador do léxico

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação
em Linguística e Literatura da Universidade
Federal do Norte do Tocantins como requisito
para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Dr. Francisco Edviges
Albuquerque

Araguaína

2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT
Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B2771 Barroso, Fabiane Silva.

Língua Indígena Apinajé de Sinais: a marca da iconicidade como princípio organizador do léxico / Fabiane Silva Barroso. - Centro de Ciências Integradas - CCI, TO, 2026.

178 f.

Tese (Doutorado) (Pós-Graduação - Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLLit) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2026.

Orientador: Francisco Edviges Albuquerque.

1. Libras. 2. Língua Indígena Apinajé de Sinais. 3. Glossário bilíngue.

CDD 410

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Fabiane Silva Barroso

LINGUA INDIGENA APINAJÉ DE SINAIS:
a marca da iconicidade como princípio organizador do léxico


Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Este trabalho, em nível de doutorado, foi avaliado e aprovado em sua forma final pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Data de aprovação: 04/03/2026


Banca examinadora:

Documento assinado digitalmente
 FRANCISCO EDVIGES ALBUQUERQUE
Data: 05/03/2026 19:22:58-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>


Prof. Dr. Francisco Edvigés Albuquerque – Orientador – UFNT

Documento assinado digitalmente
 MARIA DA GUA TAVEIRO SILVA
Data: 05/03/2026 17:27:15-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>


Professora Dr^a Maria da Guia Taveiro Silva – membro interno – Uemasul

Documento assinado digitalmente
 RAIMUNDO NONATO DE PADUA CÂNCIO
Data: 05/03/2026 17:40:38-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professor Dr Raimundo Nonato de Pádua Câncio - Membro interno – UFNT

Documento assinado digitalmente
 ALEXANDRE MELO DE SOUSA
Data: 05/03/2026 17:34:02-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professor Dr Alexandre Melo de Souza -Membro Externo – UFAL

Documento assinado digitalmente
 MARCIA MONTEIRO CARVALHO
Data: 05/03/2026 18:37:39-0300
Verifique em <https://validar.br.gov.br>

Professora Dr^a Marcia Monteiro Carvalho -Membro Externo - UFPA

AGRADECIMENTOS

A Deus acima de tudo!

A presente tese resulta de um percurso acadêmico, científico e humano construído com a contribuição de diversas pessoas e instituições, às quais registro minha sincera gratidão.

Agradeço à Universidade Federal do Norte do Tocantins e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura - PPGLIT, pelo acolhimento institucional, pela formação acadêmica proporcionada e pelas condições que possibilitaram o desenvolvimento teórico e metodológico desta investigação.

Registro meu profundo agradecimento ao meu orientador, Francisco Edviges Albuquerque, pela condução segura, pelo rigor acadêmico e pela sensibilidade com que acompanhou cada etapa desta pesquisa. Sua solidariedade em relação ao tema, bem como sua compreensão quanto à minha condição de pesquisadora surda — realidade que lhe é também próxima enquanto pai de uma pessoa surda — foram fundamentais para que este trabalho se desenvolvesse em um ambiente de respeito, escuta e compromisso humano e científico. Gostaria também de expressar meu sincero agradecimento à banca de qualificação, cujas contribuições, sugestões e reflexões foram fundamentais para o amadurecimento desta pesquisa e para o aprimoramento deste trabalho.

Manifesto meu reconhecimento aos discentes indígenas, que participaram desta pesquisa como colaboradores e investigadores, contribuindo de forma ativa para a produção dos dados, para as reflexões desenvolvidas e para a construção do conhecimento aqui apresentado. Seus saberes, experiências e perspectivas culturais e linguísticas foram essenciais para a consistência, a ética e a legitimidade deste estudo.

Expresso também meu sincero agradecimento aos indígenas surdos do povo Apinajé e a seus familiares, que me acolheram em suas aldeias com confiança e generosidade. A partilha de suas vivências, de sua língua e de sua cultura foi indispensável para que esta pesquisa se desenvolvesse de maneira respeitosa, responsável e comprometida com a valorização dos saberes indígenas e das línguas de sinais emergentes.

Agradeço de modo especial à intérprete de Libras Andreza Castro, que me acompanhou durante as visitas às aldeias, contribuindo de forma essencial para a comunicação, para a mediação linguística e para a realização ética e acessível do trabalho de campo.

Registro também meu reconhecimento ao surdo tocanopolino Carlos Eduardo e sua família, pelo apoio constante ao longo destes anos de pesquisa, pela parceria e pelo incentivo, que fortaleceram minha trajetória acadêmica e pessoal.

Registro, ainda, uma menção honrosa e respeitosa à memória de Oscarina Apinajé e Guilherme Apinajé, indígenas surdos que faleceram ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Suas trajetórias, presenças e contribuições permanecem vivas neste trabalho, que também busca honrar suas memórias.

Agradeço à cidade de Tocantinópolis e ao estado do Tocantins, territórios que me acolheram durante esta etapa da vida acadêmica e pessoal. Foi nesse contexto que esta pesquisa ganhou forma, significado e compromisso social.

À minha família, registro minha profunda gratidão pelo apoio constante ao longo de toda esta trajetória. Agradeço especialmente à minha mãe, Leia, pelo amor, pela base sólida e pelo incentivo permanente aos estudos, e à minha irmã, Sabrina Barroso, pelo carinho e pelo apoio em todos os momentos; e ao meu pai, Santos (in memoriam), cujo exemplo de garra, dignidade e dedicação permanece como referência constante em minha vida.

À minha filha, agradeço por ser fonte permanente de inspiração, alegria e sentido, iluminando os dias desta caminhada.

De maneira muito especial, agradeço ao meu marido, companheiro de vida e de percurso acadêmico, pelo apoio incondicional em todas as etapas deste processo. Sua presença foi fundamental, oferecendo suporte emocional, equilíbrio nos momentos de desafio e contribuição direta para o desenvolvimento da pesquisa, atuando como intérprete, conselheiro e parceiro.

Ao encerrar este ciclo, despeço-me do Tocantins com profunda gratidão pelos aprendizados, vínculos e experiências vividas, e retorno a Minas Gerais, minha terra natal, renovada pelos caminhos percorridos e comprometida em seguir contribuindo com a educação, a pesquisa e a valorização das línguas e culturas indígenas.

A todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta tese, deixo registrado meu sincero agradecimento.

RESUMO

Esta tese investiga a Língua Indígena Apinajé de Sinais (LIAS), uma língua gesto-visual utilizada pelos indígenas Surdos do povo Apinajé, no Tocantins (TO). A pesquisa parte das observações preliminares de Barroso (2022), que identificaram a presença de um repertório comunicativo distinto da Língua Brasileira de Sinais (Libras), motivando a necessidade de examinar a legitimidade desse sistema enquanto língua natural. O objetivo central da pesquisa consiste em analisar a influência da iconicidade na formação do léxico da LIAS e descrever suas características estruturais e culturais. Para isso, a tese dialoga com autores que discutem a iconicidade, o léxico e a cultura nas línguas de sinais (Carneiro, 2017; Souza; Quadros, 2023) e com pesquisas dedicadas às Línguas Indígenas de Sinais (Ferreira, 2021; Santos, 2023; Garcia, 2024; Santos, 2024), situando a LIAS no campo emergente dessas línguas minoritárias. A metodologia combinou abordagem etnográfica e procedimentos descritivos, articulando observação participante, convivência prolongada nas aldeias Palmeira e Patizal, registros fotográficos e videográficos, entrevistas informais e anotações de campo. O processo analítico envolveu a transcrição detalhada dos sinais, descrição linguística com base nos parâmetros das línguas de sinais, comparação estrutural e análise semântica, especialmente, em relação aos sinais correspondentes da Libras. Destaca-se o papel fundamental dos discentes indígenas Apinajé do curso Educação do Campo, que atuaram como mediadores culturais e linguísticos, contribuindo para contextualizar usos, validar interpretações, identificar variações e esclarecer nuances culturais. Esse diálogo permanente entre pesquisadora, discentes e comunidade fortaleceu a consistência e a autenticidade do *corpus*. Foram documentados 49 sinais organizados em cinco campos semânticos: alimentos, animais, relações familiares, verbos e elementos da natureza. Trata-se do primeiro glossário sistematizado da LIAS, o que confere caráter inédito à pesquisa. Os resultados evidenciam que a iconicidade constitui o principal princípio de formação do léxico, profundamente influenciado pelas práticas culturais e ambientais do povo Apinajé. Em grande parte dos sinais, observou-se o predomínio do foco no processo — como sinais ligados ao preparo de alimentos, atividades cotidianas e práticas tradicionais — em contraste com padrões mais lexicalizados presentes na Libras. Essa característica demonstra que a LIAS não apenas representa o referente, mas reencena ações socialmente significativas, reafirmando a relação entre corpo, cultura e língua. A análise também identificou sinais compartilhados entre LIAS e Libras, decorrentes principalmente do contato linguístico promovido pela escolarização e pela circulação de repertórios da Libras no contexto indígena. A influência da Libras não descaracteriza a LIAS; ao contrário, reafirma sua autonomia e aponta para a necessidade de políticas linguísticas que assegurem sua preservação, conforme alertam pesquisas recentes sobre outras LISs. Conclui-se que a LIAS constitui uma LIS autônoma, dotada de léxico, estrutura e motivações culturais próprias, distinta da Libras e de sinais caseiros; sua documentação inédita contribui significativamente para os estudos linguísticos, amplia o debate sobre a diversidade das línguas de sinais no Brasil e reforça a importância da preservação das Línguas Indígenas de Sinais como patrimônio cultural e identitário dos povos indígenas.

Palavras-chave: Libras. Língua Indígena Apinajé de Sinais. Glossário Bilingue. Povo Apinajé.

ABSTRACT

This PhD thesis investigates the Apinajé Indigenous Sign Language (LIAS, in the Portuguese acronym), a visual-gestural language used by Deaf indigenous individuals from the Apinajé people, from Tocantins (TO). This research builds on the preliminary observations of Barroso (2022), which identified the presence of a distinct communicative repertoire from Brazilian Sign Language (Libras), thus motivating the need to examine the legitimacy of this system as a natural language. The main objective of this research is to analyze the influence of iconicity on the construction of lexicon in LIAS, as well as describing its structural and cultural characteristics. In order to do so, this thesis dialogues with authors that discuss iconicity, lexicon, and culture in sign languages (Carneiro, 2017; Souza & Quadros, 2023), as well as with studies dedicated to Indigenous Sign Languages (Ferreira, 2021; Santos, 2023; Garcia, 2024; Santos, 2024), situating LIAS within the emerging field of these minority languages. Our methodology combined an ethnographic approach with descriptive procedures, drawing on participant observation, prolonged social interaction in the Palmeira and Patizal villages, photographic and video recordings, informal interviews, and field notes. The analytical process entailed the detailed transcription of the signs, linguistic descriptions based on sign language parameters, structural comparison and semantical analysis, especially in relation to the corresponding signs from Libras. The key role of Apinajé Indigenous students from the Field Education program is highlighted, as they acted as cultural and linguistic mediators, contributing to the contextualization of language use, validation of interpreting, identification of variation, and the clarification of cultural nuances. This ongoing dialogue among the researcher, the students, and the community strengthened the consistency and authenticity of the corpus. We have documented 49 signs which were organized in five semantic fields: food items, animals, family relationships, verbs, and elements of nature. This is the first systematized glossary of LIAS, which gives the research an unprecedented character. The results show that iconicity constitutes the main principle underlying lexical formation, deeply influenced by the cultural and environmental practices of the Apinajé people. In a large portion of the signs, a predominance of a process-oriented focus was observed — such as signs related to the preparation of food items, daily activities and traditional practices — in contrast with more lexicalized patterns in Libras. This characteristic demonstrates that LIAS not only represents the referent but also reenacts socially meaningful actions, reaffirming the relationship between body, culture, and language. Our analysis also identified shared signs between LIAS and Libras, mainly resulting from language contact fostered by schooling and by the circulation of Libras repertoires within the Indigenous context. The influence of Libras does not undermine LIAS, on the contrary, it reaffirms its independence and points to the need for language policies that ensure its preservation, as highlighted by recent research on other Indigenous Sign Languages. It is concluded that LIAS constitutes an autonomous Indigenous Sign Language, endowed with its own lexicon, structure, and cultural motivations, distinct from Libras and from home signs. Its unprecedented documentation makes a significant contribution to linguistic studies, broadens the debate on the diversity of sign languages in Brazil, and reinforces the importance of preserving Indigenous Sign Languages as cultural and identity heritage of Indigenous peoples.

Keywords: Libras. Apinajé Indigenous Sign Language. Bilingual Glossary. People Apinajé.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Quadro com 79 CMs.....	28
Figura 2 - Ponto de articulação.....	30
Figura 3 - Tipos de movimento	31
Figura 4 - Orientação da Mão.....	32
Figura 5 - Ficha catalográfica da LIMS	53
Figura 6 - Levantamento preliminar da LIAS em 2021	63
Figura 7 - Levantamento preliminar da LIAS em 2024	64
Figura 8 - Pesquisa de Campo	66
Figura 9 - Entrevistas.....	67
Figura 10 - Passo a passo metodológico da pesquisa de campo.....	69

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Aportes legais	22
Quadro 2 - Parâmetros da Libras	27
Quadro 3 - LIS Catalogadas	47
Quadro 4 - Comparação entre Garcia (2024) e Santos (2024) sobre as LIS no Brasil.....	49
Quadro 5 - LIS na BDTD de 2020 a 2025.....	50
Quadro 6 - População de indígenas Surdos Apinajé	59
Quadro 7 - Sinal do povo Apinajé	75
Quadro 8 - Sinal de abacate (LIAS)	77
Quadro 9 - Sinal de abacaxi (LIAS)	78
Quadro 10 - Sinal de açaí (LIAS).....	79
Quadro 11 - Sinal de arroz (LIAS)	80
Quadro 12 - Sinal de café (LIAS).....	81
Quadro 13 - Sinal de caju (LIAS).....	82
Quadro 14 - Sinal de carne (LIAS).....	83
Quadro 15 - Sinal de cuscuz (LIAS)	84
Quadro 16 - Sinal de farinha (LIAS).....	85
Quadro 17 - Sinal de feijão (LIAS)	86
Quadro 18 - Sinal de mandioca (LIAS).....	87
Quadro 19 - Sinal de manga (LIAS).....	88
Quadro 20 - Sinal de milho (LIAS).....	89
Quadro 21 - Sinal de ovo (LIAS)	90
Quadro 22 - Sinal de tapioca (LIAS).....	91
Quadro 23 - Sinal de abelha (LIAS)	93
Quadro 24 - Sinal de aranha (LIAS).....	94
Quadro 25 - Sinal de arara (LIAS)	95
Quadro 26 - Sinal de cachorro (LIAS)	96
Quadro 27 - Sinal de cobra (LIAS)	97
Quadro 28 - Sinal de escorpião (LIAS).....	98
Quadro 29 - Sinal de formiga (LIAS).....	99
Quadro 30 - Sinal de gado (boi ou vaca) (LIAS)	100
Quadro 31 - Sinal de galinha (LIAS).....	101
Quadro 32 - Sinal de gato (LIAS)	102
Quadro 33 - Sinal de macaco (LIAS)	103
Quadro 34 - Sinal de pato (LIAS)	104
Quadro 35 - Sinal de peixe (LIAS).....	105

Quadro 36 - Sinal de porco (LIAS)	106
Quadro 37 - Sinal de rato (LIAS)	107
Quadro 38 - Sinal de sapo (LIAS)	108
Quadro 39 - Sinal de avô/avó (LIAS).....	110
Quadro 40 - Sinal de família (LIAS)	111
Quadro 41 - Sinal de homem (LIAS)	112
Quadro 42 - Sinal de mulher (LIAS).....	113
Quadro 43 - Sinal de irmãos/parentes (LIAS).....	114
Quadro 44 - Sinal de assar (LIAS)	115
Quadro 45 - Sinal de brincar de menina (LIAS)	116
Quadro 46 - Sinal de brincar de menino (LIAS)	117
Quadro 47 - Sinal de cozinhar (LIAS).....	118
Quadro 48 - Sinal de dançar dos homens (LIAS).....	119
Quadro 49 - Sinal de dançar das mulheres (LIAS).....	120
Quadro 50 - Sinal de ler/escrever/estudar (LIAS).....	121
Quadro 51 - Sinal de árvore (LIAS)	123
Quadro 52 - Sinal de dia (LIAS)	124
Quadro 53 - Sinal de tarde (LIAS)	125
Quadro 54 - Sinal de noite (LIAS)	126
Quadro 55 - Sinal de fogo (LIAS).....	127
Quadro 56 - Sinais de Alimentos documentados.....	131
Quadro 57 - Sinais de Animais documentados.....	131
Quadro 58 – Sinais de Relações familiares documentados	132
Quadro 59 – Sinais de Verbos documentados	132
Quadro 60 – Sinais de Elementos da natureza documentados	132
Quadro 61 - Alimentos e sua descrição integrada	133
Quadro 62 - Animais e sua descrição integrada	134
Quadro 63 - Relações familiares e sua descrição integrada	135
Quadro 64 - Verbos e sua descrição integrada	135
Quadro 65 - Elementos da natureza e sua descrição integrada.....	136

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CM	Configuração de Mãos
EFC	Expressão Facial e Corporal
Funai	Fundação Nacional do Indígena
GtLIS	Grupo de Trabalho das Línguas Indígenas de Sinais
IA	Inteligência Artificial
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
LIAS	Língua Indígena Apinajé de Sinais
LIAV	Língua Indígena Apinajé Vocal
LIMS	Língua Indígena Munduruku de Sinais
LIS	Língua Indígena de Sinais
LIPS	Língua Indígena Pataxó de Sinais
LITS	Língua Indígena Terena de Sinais
M	Movimento
MEC	Ministério da Educação
OM	Orientação da Mão
PA	Ponto de Articulação
SIASI	Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins
Unesco	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 QUESTÃO DE PESQUISA	16
1.1.1 Hipótese	16
1.2 A PESQUISA E SEUS OBJETIVOS.....	16
1.2.1 Objetivo geral	18
1.2.2 Objetivos específicos	18
1.3 ESTRUTURA DA TESE	18
2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	21
2.1 APORTES LEGAIS	23
2.2 LIBRAS: UMA LÍNGUA DE SINAIS URBANA	25
2.3 A ICONICIDADE NAS LINGUAS DE SINAIS	33
2.4 A RELAÇÃO ENTRE A CULTURA E A LÍNGUA	35
2.4.1 Identidades surdas	37
2.6 O LÉXICO NAS LINGUAS DE SINAIS	40
2.7 GLOSSÁRIOS: UMA FERRAMENTA DE REGISTRO DAS LINGUAS DE SINAIS ..	43
3 OS ESTUDOS SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS	45
3.1 A ICONICIDADE DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS	54
4 O POVO APINAJÉ	57
4.1 OS INDÍGENAS SURDOS APINAJÉ	59
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	61
5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A COLETA DOS DADOS	64
5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS.....	68
5.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ESCRITA DA TESE.....	70
6 LÍNGUA INDÍGENA APINAJÉ DE SINAIS (LIAS)	72
6.1 GLOSSÁRIO bilíngue: LIAS e libras	74
6.1.1 Alimentos	76
6.1.2 Animais	92
6.1.3 Relações familiares	109
6.1.4 Verbos	115
6.1.5 Elementos da natureza	122
7 ANÁLISE DE DADOS	129

7.1 FOCO NO PROCESSO X FOCO NO PRODUTO	130
7.1.1 Influência da iconicidade e da cultura na construção do sinal na LIAS	133
7.2 ENTRE DUAS LÍNGUAS DE SINAIS: INFLUÊNCIA DA LIBRAS E A PRESERVAÇÃO DA LIAS.....	137
7.2.1 Existência de sinais compartilhados	138
8 CONCLUSÃO.....	141
8.1 RESPOSTAS AOS OBJETIVOS.....	141
8.2 LIMITAÇÕES.....	143
8.3 PERSPECTIVAS PARA NOVAS PESQUISAS.....	145
8.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	149
REFERÊNCIAS	152
APÊNDICE A – LISTA DE PALAVRAS E IMAGENS SELECIONADAS.....	155
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	172
APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO / FUNAI.....	175
ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO EM TERRA INDÍGENA N° 53/2025	176
ANEXO B – COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO	178

1 INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado aprofunda a investigação iniciada em minha dissertação, intitulada “Educação Escolar Indígena: Um olhar para o contexto Apinajé” (Barroso, 2022). Naquela pesquisa, constatou-se a presença de sete indígenas Surdos entre o povo Apinajé, distribuídos em quatro aldeias distintas, e a existência de uma forma de comunicação própria, que se diferenciava da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O presente trabalho expande essa descoberta inicial, identificando as peculiaridades do que estamos nomeando como Língua Indígena Apinajé de Sinais (LIAS).

Em consonância com o viés de continuidade que permeia esta pesquisa, torna-se pertinente retomar a gênese do interesse pela temática, a qual se manifestou com meu ingresso na docência universitária em abril de 2019, na Universidade Federal do Tocantins (UFT), evento que deflagrou uma instigante jornada investigativa a partir de questionamentos levantados por discentes indígenas do curso de Licenciatura em Educação do Campo. Logo nas primeiras aulas da disciplina “Língua Brasileira de Sinais (Libras)”, fui interpelada acerca do processo de aprendizagem dessa língua por crianças Surdas pertencentes ao povo Apinajé.

A informação da existência de indígenas surdos nas proximidades de Tocantinópolis-TO despertou meu interesse e, embora a resposta inicial aos alunos tenha sido uma simplificação do processo de aquisição de língua como sendo o resultado da interação humana, a indagação deflagrou uma série de questões subjacentes. Estas incluíam a investigação sobre a possível existência de uma língua de sinais autônoma do povo Apinajé, a compreensão do processo de aquisição dessa língua por crianças indígenas Surdas, a possibilidade de sua caracterização enquanto uma variedade linguística da Libras e, a análise do funcionamento da educação escolar para os indígenas surdos Apinajé.

Vale ressaltar que a minha conexão com esta tese transcende o âmbito acadêmico, entrelaçando-se com as dimensões mais profundas da minha identidade e experiência. Ela se ancora em três pilares cruciais: o fato de ser Surda, ser professora de indígenas do povo Apinajé e ser psicóloga, compreendendo a importância da língua na constituição do ser humano. A minha vivência como Surda me permite acessar um conhecimento íntimo da cultura Surda, das lutas e das conquistas da comunidade. Essa experiência pessoal, aliada à formação acadêmica, enriquece a análise das políticas e práticas educacionais, conferindo uma perspectiva autêntica à pesquisa.

A minha atuação como educadora de indígenas Apinajé me proporciona uma compreensão profunda da diversidade linguística e cultural. Essa experiência amplia o escopo da minha pesquisa, permitindo-me explorar as interseções entre a cultura Surda e as culturas indígenas, bem como as especificidades da Língua Indígena de Sinais (LIS), e, por fim, a minha formação em psicologia me permite analisar a influência da língua na constituição da identidade, do pensamento e da interação social. Essa perspectiva teórica, aliada à minha experiência pessoal e profissional, me permite explorar a importância da língua de sinais na construção da identidade Surda e na promoção da inclusão. A tese, portanto, se configura como um espaço de reflexão sobre a intersecção entre língua, cultura e identidade, buscando evidenciar a importância da língua de sinais na vida dos indígenas Surdos do povo Apinajé.

1.1 QUESTÃO DE PESQUISA

As observações preliminares conduzidas por mim (Barroso, 2022) evidenciaram a manifestação de um sistema comunicativo de sinais distintivo da Libras entre os indígenas Surdos Apinajé e seus familiares mais próximos. A partir dessa constatação empírica, impõe-se a necessidade de responder à seguinte pergunta: a forma de comunicação dos indígenas surdos do povo Apinajé pode, de fato, ser caracterizada como uma língua?

1.1.1 Hipótese

A hipótese desta tese é que a forma de comunicação utilizada pelos indígenas Surdos Apinajé e seus familiares configura-se como uma LIS autônoma. Esta língua possui estrutura e léxico próprios, distintos da Libras e de sinais caseiros, refletindo as particularidades socioculturais do povo Apinajé, possuindo a complexidade necessária para a comunicação cotidiana na aldeia.

1.2 A PESQUISA E SEUS OBJETIVOS

A presente pesquisa reveste-se de significativa importância para diversos campos do conhecimento, notadamente para os estudos Surdos, para a emergente área dos estudos das LIS e para a linguística em sua amplitude. No âmbito dos estudos Surdos, esta investigação oferece uma oportunidade ímpar de expandir a compreensão da experiência do fenômeno linguístico da surdez em contextos culturais distintos daquele majoritariamente estudado, que é o das

sociedades urbanas. Ao focalizar no povo indígena Apinajé, a pesquisa pode revelar nuances específicas da identidade Surda, das práticas comunicativas e dos processos de socialização que são moldados por uma cosmovisão e uma estrutura social particular. A identificação e a descrição da língua de sinais utilizada por eles, seja ela uma variedade da Libras ou uma língua de sinais própria, contribuirá para descentralizar o olhar nos estudos da surdez, enriquecendo o debate sobre a diversidade linguística e cultural das pessoas Surdas.

Para o campo dos estudos das LIS, esta pesquisa representa uma contribuição potencialmente seminal. Trata-se de uma área de investigação ainda incipiente, com poucos estudos documentados sobre a existência e a estrutura de línguas de sinais desenvolvidas organicamente em comunidades indígenas. A investigação sobre se o povo Apinajé possui uma língua de sinais própria ou se utiliza uma variação da Libras pode adicionar à literatura científica um caso concreto e detalhado sobre essas línguas minoritárias. A documentação e a análise linguística dessa possível língua de sinais podem revelar características estruturais únicas, processos de criação lexical e gramatical singulares e a sua relação com a cultura local.

De uma perspectiva mais ampla da Linguística, a presente pesquisa oferece dados empíricos relevantes para o debate sobre a natureza da linguagem humana, a variação linguística e os processos de contato linguístico. A investigação sobre a possível emergência de uma língua de sinais em uma comunidade multilíngue (língua vocal-auditiva Apinajé e contato com a sociedade majoritária falante de português e de Libras) pode fornecer *insights* sobre os mecanismos universais e específicos da criação e da evolução das línguas de sinais. Além disso, a documentação de uma LIS, potencialmente desconhecida pela linguística pode expandir o escopo das teorias linguísticas e desafiar pressupostos baseados predominantemente em línguas orais e em línguas de sinais já bem estabelecidas, como a Libras.

Em suma, a pesquisa sobre a experiência linguística dos indígenas Surdos Apinajé possui o potencial de gerar contribuições significativas e originais para os estudos Surdos, para o campo emergente das LISs e para a linguística de modo geral, enriquecendo a compreensão da diversidade linguística e cultural humana e impulsionando futuras investigações em áreas correlatas.

1.2.1 Objetivo geral

Partindo da premissa que a comunicação dos indígenas Surdos Apinajé, é uma língua de sinais autônoma e independente da Libras. O objetivo desta tese centrou-se em examinar a influência da iconicidade na formação do léxico da LIAS, evidenciando sua legitimidade como língua natural.

1.2.2 Objetivos específicos

- Documentar os sinais utilizados pela comunidade Surda Apinajé.
- Descrever gramaticalmente os sinais LIAS;
- Comparar os sinais da LIAS com os sinais equivalentes na Libras, identificando as semelhanças e as diferenças entre eles;
- Produzir um glossário bilíngue: LIAS e Libras, organizado por campo semântico.

1.3 ESTRUTURA DA TESE

A presente tese foi estruturada de maneira progressiva e metodologicamente coerente, aos fundamentos que sustentam a identificação, a descrição e a análise da LIAS. Para isso, os capítulos foram organizados de modo a articular, de forma integrada, a contextualização teórica, o percurso metodológico, o corpus descritivo e as análises que fundamentam as conclusões do estudo. O conjunto do trabalho foi construído de forma a refletir, simultaneamente, a complexidade do fenômeno investigado e o compromisso da autora com a documentação linguística sensível ao contexto sociocultural do povo Apinajé.

A Introdução situa o leitor no âmbito da pesquisa, apresentando a gênese do estudo, a questão de pesquisa, a hipótese, os objetivos e a justificativa (Seções 1.1 e 1.2). Esse capítulo também evidencia a trajetória da autora e sua relação com a temática, o que contribui para esclarecer a perspectiva analítica que orienta todo o desenvolvimento da tese. O Capítulo 2 apresenta a contextualização histórica e teórica necessária para compreender o lugar das línguas de sinais no Brasil, abordando os aportes legais (Seção 2.1), a constituição da Libras (Seção 2.2), a importância da iconicidade (Seção 2.3), a relação entre língua e cultura (Seção 2.4), as identidades surdas (Seção 2.4.1), o léxico nas línguas de sinais (Seção 2.6) e o papel dos glossários enquanto instrumentos de registro (Seção 2.7). Este capítulo estabelece o arcabouço conceitual que orientará a leitura da LIAS nos capítulos descritivos posteriores.

O Capítulo 3 dedica-se aos estudos sobre as LISs, discutindo pesquisas nacionais contemporâneas e oferecendo um panorama do campo emergente em que a presente tese se insere. Ao apresentar contribuições como as de Ferreira (2021), Santos (2023), Garcia (2024) e outros autores, este capítulo situa a LIAS no contexto mais amplo das línguas de sinais minoritárias e ressalta a relevância de sua documentação para a preservação do patrimônio linguístico indígena.

O Capítulo 4 apresenta o povo Apinajé, descrevendo sua organização social, práticas culturais e modos de interação que influenciam diretamente a constituição de repertórios visuais próprios. A subseção sobre os indígenas Surdos Apinajé (Seção 4.1) destaca as dinâmicas familiares e comunitárias que sustentam o uso da LIAS, oferecendo informações essenciais para compreender o contexto social em que essa língua emerge.

O Capítulo 5 detalha os procedimentos metodológicos da pesquisa. Nele, são apresentados os caminhos adotados para a coleta dos dados (Seção 5.1), os critérios de análise (Seção 5.2) e as especificidades da escrita acadêmica da autora (Seção 5.3), considerando sua condição de pesquisadora Surda e usuária de Libras como segunda língua. Esse capítulo reforça a transparência metodológica e explicita as decisões que orientaram o registro e a interpretação do corpus.

O Capítulo 6 constitui o núcleo descritivo da tese. Nele, a LIAS é apresentada como língua, e o glossário é organizado por campos semânticos — alimentos (Seção 6.2), animais (Seção 6.2), relações familiares (Seção 6.3), verbos (Seção 6.4) e elementos da natureza (Seção 6.5) —, permitindo observar regularidades estruturais, motivações culturais e padrões de composição. Trata-se da primeira sistematização formal da LIAS, o que confere caráter inédito a este capítulo.

O Capítulo 7 dedica-se à análise do corpus coletado. Inicialmente, discute-se a distinção entre foco no processo e foco no produto (Seção 7.1), destacando como a LIAS privilegia representações construídas a partir de vivências comunitárias. Em seguida, analisa-se a influência da cultura e da iconicidade na formação dos sinais (Seção 7.1.1), evidenciando as motivações visuais vinculadas ao cotidiano Apinajé. Por fim, o capítulo examina o contato linguístico entre LIAS e Libras (Seção 7.2), apontando suas implicações para a preservação da LIAS e para a compreensão das dinâmicas sociolinguísticas que a atravessam.

Por último, o Capítulo 8 reúne as considerações conclusivas. São apresentadas as respostas aos objetivos (Seção 8.1), as limitações encontradas ao longo da pesquisa (Seção 8.2), as perspectivas para novos estudos (Seção 8.3) e as considerações finais (Seção 8.4). Nesse capítulo, enfatiza-se a relevância científica, social e cultural da documentação da LIAS e

reafirma-se a necessidade de continuidade das pesquisas voltadas à preservação das LISs no Brasil.

Dessa forma, a organização desta tese buscou refletir o percurso investigativo desenvolvido, articulando a fundamentação teórica, a contextualização sociocultural, o rigor metodológico, a descrição linguística e a análise crítica em uma estrutura que acompanha o movimento de construção do conhecimento sobre a LIAS. A estruturação sequencial dos capítulos foi pensada para permitir que o leitor compreenda, com clareza, a emergência, a especificidade e a importância da LIAS no cenário linguístico brasileiro.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Antes de adentrarmos na análise dos aspectos linguísticos da Libras, é fundamental contextualizar a história das pessoas com deficiência, incluindo a comunidade Surda. Ao longo dos séculos, essa população enfrentou um percurso marcado por segregação, abandono e exclusão, moldado por diferentes paradigmas que refletiam a visão da sociedade sobre a deficiência. Na Antiguidade, a deficiência era frequentemente interpretada como um sinal de fraqueza, maldição, punição divina ou possessão demoníaca. Em algumas sociedades da Grécia Antiga, a valorização da perfeição física levava ao abandono ou infanticídio de bebês com deficiência. A associação da deficiência ao pecado ou à possessão demoníaca, resultou no isolamento de pessoas com deficiência em mosteiros e asilos, onde eram submetidas a tratamentos desumanos (Pessotti, 1984; Gurgel, 2019).

Com o advento da modernidade, a ideia de razão e progresso consolidou o conceito de normalidade, contribuindo para a visão da deficiência como uma anormalidade a ser corrigida ou controlada. Nesse contexto, surgiram as primeiras instituições especializadas, como hospitais psiquiátricos e escolas para cegos e surdos, que muitas vezes funcionavam como depósitos humanos, segregando pessoas com deficiência da sociedade e submetendo-as a tratamentos cruéis. A Revolução Industrial intensificou a exclusão, ao valorizar a capacidade produtiva e marginalizar pessoas com deficiência, consideradas incapazes de trabalhar (Sasaki, 1997).

No Brasil, um marco crucial na história da educação de surdos foi a fundação do Instituto dos Surdos-Mudos, em 26 de setembro de 1857, durante o regime imperial de Dom Pedro II. A criação desse instituto, que mais tarde se tornaria o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), representou um avanço significativo em um período de incipiente reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência. A iniciativa de Dom Pedro II refletia um movimento de modernização e atenção às necessidades sociais emergentes no país. A instituição pioneira tinha como objetivo principal oferecer educação formal para surdos, até então marginalizados do sistema educacional brasileiro.

A fundação do INES não apenas abriu portas para a educação de Surdos, e o desenvolvimento do que hoje se conhece como Libras, mas também influenciou a articulação e a criação das políticas públicas futuras voltadas para os direitos linguísticos do Povo Surdo. Desta forma, o ponto de partida para a descrição dos documentos legais brasileiros, tomará como base a fundação do INES, como ponto de partida das políticas educacionais e linguísticas subsequentes.

A consolidação do ensino público e gratuito no Brasil teve seu marco inicial na Constituição de 1891, a segunda do país. No entanto, a menção específica à educação de pessoas com deficiência surgiu somente na Constituição de 1946. Ao abordar questões relativas à educação, essa Carta Magna, estabeleceu que: “Cada sistema de ensino terá obrigatoriamente serviços de assistência educacional que assegurem aos alunos necessitados condições de eficiência escolar” (Brasil, 1946, Art. 172). Embora genérica, essa disposição constitucional representou um avanço significativo ao reconhecer a necessidade de assistência educacional para alunos com deficiência ou com algum tipo de necessidade específica. Ao determinar a obrigatoriedade de serviços de assistência educacional, este documento abriu caminho para a implementação de políticas e programas voltados à inclusão de pessoas com deficiência no sistema educacional brasileiro.

Embora a Constituição de 1946 (Brasil, 1946) representasse um avanço significativo no reconhecimento do direito à educação, a sua efetivação para pessoas com deficiência enfrentou obstáculos consideráveis nas décadas subsequentes. A superação desses desafios demandou a implementação de políticas públicas específicas, a formação de profissionais qualificados e a promoção de uma cultura inclusiva em todas as esferas da sociedade. A trajetória legislativa brasileira, no que tange à educação das pessoas com deficiência, demonstra um progressivo aprimoramento, com marcos importantes como:

Quadro 1 - Aportes legais

Legislação	Descrição
Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988):	Consagrou o direito à educação como um direito social, abrindo caminho para a inclusão de pessoas com deficiência no sistema educacional.
Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9.394/1996 (Brasil, 1996)	Estabeleceu diretrizes para a educação especial, garantindo o atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino
Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002)	Reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legal de comunicação e expressão da comunidade Surda.
Decreto nº 5.626/2005 (Brasil, 2005)	Regulamentou a Lei nº 10.436/2002, detalhando as diretrizes para o ensino de Libras e a formação de profissionais.
Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência) nº 13.146/2015 (Brasil, 2015)	Consolidou os direitos das pessoas com deficiência, incluindo o direito à educação inclusiva em todos os níveis de ensino.
Lei nº 14.191/2021 (Brasil, 2021)	Altera a LDB e inclui a Educação Bilíngue de Surdos, como modalidade de ensino.
Decreto nº 11.785, de 20 de novembro de 2023 (Brasil, 2023)	Institui o Programa Federal de Ações Afirmativas (PFAA) e cita pela primeira vez na legislação a necessidade da presença dos intérpretes das Línguas Indígenas de Sinais,

Fonte: Produzido pela autora.

Além da legislação nacional, o Brasil é signatário de diversos tratados e convenções internacionais que reforçam o direito à educação inclusiva, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006). A análise detalhada desses documentos legais, em conjunto com outras normas e políticas públicas, permitirá compreender a evolução do arcabouço jurídico que sustenta os direitos linguísticos e educacionais das pessoas Surdas, bem como os desafios e perspectivas para a sua plena concretização.

2.1 APORTES LEGAIS

A presente seção da tese busca explorar a trajetória da inclusão de pessoas Surdas, incluindo os indígenas Surdos no contexto educacional brasileiro, analisando a evolução das políticas públicas e os marcos legais que fundamentam esse processo e a constituição da Libras e da Língua Indígena de Sinais como línguas oficiais. Inicialmente, a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) representou um divisor de águas, ao consagrar o direito à educação como um direito social, abrindo portas para a inserção de pessoas com deficiência no sistema educacional. Este marco constitucional estabeleceu as bases para a construção de um sistema educacional mais inclusivo, que considerasse as necessidades e especificidades de todos os cidadãos.

Posteriormente, a Lei nº 9.394/1996 (Brasil, 1996) ou Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) aprofundou as diretrizes para a educação especial, garantindo o atendimento educacional especializado, preferencialmente na rede regular de ensino. A LDB representou um avanço significativo ao reconhecer a importância de um atendimento educacional que respeitasse as particularidades dos alunos com deficiência, promovendo sua integração no ambiente escolar comum. Dessa forma, é inegável que o processo educacional das pessoas Surdas, em conjunto com os movimentos sociais da comunidade Surda, desempenhou um papel fundamental na criação de políticas públicas voltadas para os direitos linguísticos, abrangendo também os indígenas Surdos.

A trajetória de luta pelo reconhecimento da Libras, marcada pela pressão exercida pelos movimentos sociais, a produção de conhecimento acadêmico e a articulação com educadores e linguistas foram determinantes para a mudança de paradigma na educação de Surdos, superando o modelo clínico-terapêutico e abrindo caminho para o reconhecimento da Libras como língua oficial. A inclusão dos indígenas Surdos nesse processo de luta e a defesa de seus direitos linguísticos específicos é recente, e tem repercutido em novas políticas públicas conforme será explanada logo a frente.

O manifesto “A Educação que Nós Surdos Queremos” (Feneis, 1999), para a formulação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (Brasil, 2002; 2005). Essas políticas públicas objetivaram o reconhecimento da Libras como língua oficial, a sua difusão e a ampliação do acesso à educação para surdos, promovendo um paradigma educacional distinto daquele vigente na década de 1990, marcado pela educação especial tradicional (Barroso, 2022). A seguir buscar-se-á refletir sobre a oficialização da Libras e a ausência da menção sobre as possíveis Línguas Indígenas de Sinais existentes no Brasil.

A Lei nº 10.436/2002, ao reconhecer a Libras como meio legal de comunicação e expressão, representou um marco fundamental na luta pelos direitos linguísticos da comunidade Surda brasileira. Contudo, a análise crítica do texto revela uma lacuna significativa: a ausência de menção às Línguas Indígenas de Sinais. Pois bem, ao se definir Libras como um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, oriundo das comunidades de pessoas Surdas do Brasil, ignora a existência de outras línguas de sinais utilizadas pelos povos indígenas. Essa omissão desconsiderou as particularidades das Línguas Indígenas de Sinais que possuem estruturas e características distintas da Libras, como tem-se sido evidenciado pelas pesquisas recentes.

Apesar da ausência de menção explícita, é importante ressaltar que a Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) reconhece o direito dos povos indígenas à sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. Esse reconhecimento constitucional pode ser interpretado como um amparo para a proteção e valorização das Línguas Indígenas de Sinais, mesmo que não estejam explicitamente mencionadas na Lei nº 10.436/2002 (Brasil, 2002). A superação da lacuna legislativa tem sido superada pelo diálogo intercultural, entre pesquisadores, os povos indígenas e os indígenas Surdos, promovendo o reconhecimento e a valorização das Línguas Indígenas de Sinais registradas de diversos trabalhos acadêmicos.

A Lei nº 13.146/2015 (Brasil, 2015), representa um marco importante na garantia dos direitos das pessoas com deficiência no Brasil. Porém, ela apesar de ser um documento recente, também não menciona explicitamente as Línguas Indígenas de Sinais, porém, ela estabelece princípios e diretrizes que podem ser interpretados como abrangentes o suficiente para incluir os direitos linguísticos de todas as minorias, incluindo os indígenas Surdos. Como por exemplo:

Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas [...]

Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação (Brasil, 2015, Art. 2 e 4).

A definição acima também inclui os indígenas Surdos que utilizam línguas de sinais próprias de seus povos e o princípio de igualdade e não discriminação pode ser invocado para garantir o direito dos indígenas Surdos ao uso de suas próprias línguas de sinais, que são parte integrante de sua cultura e identidade. Como dito anteriormente, embora a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (BRASIL, 2015) não mencione explicitamente as Línguas Indígenas de Sinais, seus princípios e diretrizes podem ser interpretados como abrangentes o suficiente para incluir os direitos linguísticos de todas as minorias. No entanto, é importante ressaltar que este campo do conhecimento ainda é pouco explorado no Brasil, e que estudos como esse são fundamentais para se preservar, divulgar e contribuir para a garantia dos direitos linguísticos dos indígenas Surdos.

A inclusão explícita da Língua Indígena de Sinais no arcabouço legal brasileiro, materializada pelo Decreto nº 11.785, de 20 de novembro de 2023 (Brasil, 2023), constitui um avanço substancial. Este decreto, que institui o Programa Federal de Ações Afirmativas (PFAA) no âmbito da administração pública federal direta, almeja promover a igualdade e a equidade, reconhecendo e abordando as disparidades históricas enfrentadas por grupos minoritários no país. O Artigo 4º, inciso X, do referido decreto, ao prescrever o "fomento de práticas de inclusão das pessoas indígenas, como a interpretação de línguas indígenas, inclusive a Língua Indígena de Sinais", ressalta a relevância do reconhecimento e da valorização destas línguas de sinais, assegurando os direitos linguísticos e a inclusão dos indígenas Surdos. De modo que este capítulo visa explorar os principais aspectos linguísticos da Libras, a saber os parâmetros da Libras.

2.2 LIBRAS: UMA LÍNGUA DE SINAIS URBANA

A Libras é reconhecida como uma língua natural, de modalidade visual-gestual, desenvolvida a partir das interações entre pessoas surdas em contextos predominantemente urbanos. Para Ferreira-Brito (1995) a Libras, ou melhor, a “Língua de Sinais dos Centros Urbanos” é resultado da concentração de Surdos em instituições educacionais, associações e espaços coletivos nas cidades brasileiras, especialmente a partir do século XIX. Esses ambientes favoreceram o encontro entre diferentes formas de comunicação gestual — tanto de origem familiar quanto comunitária — e propiciaram a formação de um sistema linguístico compartilhado e socialmente estável.

Ferreira-Brito (2010) destaca que a Libras não se originou de processos formais de ensino nem de adaptações do português, mas da interação social entre surdos, que, ao se

reunirem em ambientes urbanos, estruturaram uma língua dotada de gramática própria, de regras de combinação e de mecanismos de criação lexical e sintática. Essa gênese urbana explica, em parte, a variação linguística observada entre as regiões do país e a predominância de sinais e expressões que se difundiram a partir das grandes capitais, como Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Portanto, compreender a Libras como uma língua de sinais urbana é reconhecer que sua história está intrinsecamente vinculada aos processos de urbanização e à formação das comunidades surdas nas cidades brasileiras. A Libras é, ao mesmo tempo, um produto da experiência social urbana e um instrumento de resistência identitária e cultural, consolidado pela vivência coletiva e pela luta política das pessoas surdas por reconhecimento e acesso linguístico.

Neste sentido, vale lembrar que os dispositivos legais citados anteriormente e que fundamentam a presente discussão foram concebidos sob a premissa de que a Libras se configura como um sistema linguístico vivo, dinâmico e de complexidade intrínseca, possuindo características linguísticas próprias e bem definidas. Em análise seminal, Quadros e Karnopp (2004) examinaram a Libras sob uma ótica estritamente linguística, evidenciando que esta modalidade comunicativa preenche integralmente os critérios estabelecidos para o reconhecimento de uma língua natural, dotada de gramática, léxico e estrutura singulares.

As referidas autoras aprofundaram-se nos aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos da Libras, expondo sua autonomia e seu vasto potencial expressivo, equiparando-se, nesse sentido, a qualquer outra língua natural, independentemente de sua manifestação ser sinalizada ou vocal-auditiva. Em consonância com essa perspectiva, cumpre ressaltar que, assim como as línguas orais se estruturam a partir de fonemas vocais, e, a Libras opera mediante quatro parâmetros configuracionais manuais e um não manual, elementos basilares que estabelecem a distinção entre os sinais. São eles:

Quadro 2 - Parâmetros da Libras

Parâmetros da Libras
Configuração da mão (CM): Refere-se ao formato específico que a mão e/ou dedos assumem durante a execução de um sinal, podendo corresponder a grafemas do alfabeto manual ou a outras formas gestuais. Este parâmetro linguístico abrange a disposição individual dos dedos durante o ato de sinalizar, como por exemplo, o posicionamento do polegar e as interações táteis entre os dedos.
Ponto de articulação (PA): Refere-se à localização precisa no corpo ou no espaço neutro em que um sinal é produzido. Incluem os membros superiores/inferiores, tronco, barriga, testa, o queixo ou a zona adjacente ao corpo do emissor
Movimento (M): Designa a trajetória espacial, ou seja, o movimento da mão ou das mãos durante a articulação de um sinal. Engloba diversos tipos, como o movimento retilíneo, circular, vibratório, de flexão e extensão, rotacional, de torção, de aproximação e afastamento, entre outros padrões de movimento.
Orientação da mão (OM): Designa a direção espacial da palma da mão ao realizar um sinal, abrange variações como a palma da mão para cima, para baixo, para os lados (radial ou ulnar), para frente, para trás ou em posições oblíquas.
Expressões faciais e corporais (EFC): Constituem os componentes não manuais dos sinais, veiculam informações gramaticais e semânticas de importância fundamental. Estes elementos incluem, o franzir da testa, o elevar as sobrancelhas, arregalar os olhos, o apertar os lábios, os movimentos da cabeça ou da boca, a direção do olhar, os movimentos dos ombros, a tensão muscular e o posicionamento do corpo, por exemplo.

Fonte: Quadros e Karnopp (2004).

Optou-se por iniciar esta narrativa dos parâmetros configuracionais da Libras pela configuração de mão (CM), ou seja, pela forma que a mão e/ou dedos assumem na realização de um determinado sinal. Pode-se afirmar que a CM é vital para a estrutura, o significado e a correta execução dos sinais em Libras. Sem a compreensão e o uso adequado das diferentes CMs, a comunicação na Libras seria imprecisa e dificultada. Assim como os fonemas nas línguas orais distinguem palavras, as diferentes configurações de mão são essenciais para diferenciar os significados de sinais em Libras. Sinais que compartilham outros parâmetros (como ponto de articulação, movimento e orientação) podem ter significados completamente distintos apenas pela variação na configuração da mão.

A CM constitui um dos pilares centrais na formação dos sinais, uma vez que é a partir da combinação específica entre a CM e os demais parâmetros que se obtém um sinal único, portador de um significado particular. Outro aspecto relevante diz respeito ao número expressivo de configurações descritas na literatura: 46 segundo Ferreira-Brito (1995), 64 conforme Felipe (2005) e 79 identificadas pelo grupo de pesquisa do INES (2022). Esses dados evidenciam a complexidade e a riqueza do léxico da Libras.

Além disso, é possível estabelecer uma analogia entre a CM e os fonemas e morfemas das línguas orais. Assim como os fonemas — unidades sonoras mínimas — distinguem palavras, e os morfemas representam as menores unidades portadoras de significado, as configurações de mão desempenham papel equivalente na organização estrutural da Libras. A substituição de uma única CM pode alterar completamente o significado de um sinal, de modo

semelhante ao impacto da mudança de um fonema na constituição de uma palavra em línguas orais.

Figura 1 - Quadro com 79 CMs



Fonte: Grupo de pesquisa do curso de LIBRAS do Instituto Nacional de Educação de Surdos

Fonte: INES (2022).

A ampliação do quadro com as CMs apresentada acima reforça a evolução e o refinamento dos estudos linguísticos sobre a Libras, evidenciando a crescente sistematização e complexidade dessa língua. Enquanto Ferreira-Brito (1995) identificava 46 CMs e Felipe (2005) ampliava esse número para 64, o levantamento mais recente do INES (Ines, 2022) contabiliza 79 configurações, representando um avanço significativo na compreensão da diversidade articulatória da Libras. Essa ampliação demonstra não apenas o dinamismo da língua, mas também o reconhecimento de variações regionais, estilísticas e fonológicas que compõem seu repertório. Tal diversidade de configurações de mão reflete a riqueza lexical da Libras, pois cada CM, ao combinar-se com os demais parâmetros — ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais —, origina sinais distintos e significativos.

Em síntese, a precisão na realização da CM é essencial para que o sinal seja compreendido de forma clara e sem ambiguidades. A menor variação na forma das mãos pode alterar completamente o sentido de um sinal, comprometendo a comunicação e a intenção de quem sinaliza. A Libras, como toda língua natural, é composta por um conjunto de elementos que se combinam para produzir significado, e a CM constitui um de seus pilares fundamentais. Ela não atua isoladamente, mas em estreita relação com outros parâmetros configuracionais que, juntos, estruturam a base linguística dos sinais. É nessa interação que se constrói o sentido, revelando a complexidade e a sutileza da Libras.

Dessa forma, pode-se dizer que quase todos os sinais da Libras resultam da articulação entre uma ou mais configurações de mãos, associadas a um ponto específico do corpo e a um movimento do sinalizante. Essa combinação é o que permite à língua expressar uma ampla gama de significados, tornando-a dinâmica, expressiva e plenamente funcional. Concluída a análise sobre as configurações de mãos, o próximo parâmetro a ser apresentado é o Ponto de Articulação (PA) — o local exato onde o sinal é realizado. Esse parâmetro desempenha papel decisivo na construção do significado, pois é a partir dele que o corpo e o espaço neutro a frente do corpo passam a atuar como suporte físico e simbólico para a materialização dos sinais.

Figura 2 - Ponto de articulação



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 57).

O ponto de articulação (PA) pode ser conceitualizado como o *locus* específico no corpo do emissor ou no espaço neutro à sua frente, onde a CM estabelece contato ou se posiciona para a produção de um sinal em Libras. Ressalta-se que o PA não constitui uma área genérica, mas sim um ponto preciso, cuja significância é determinada pela sua interação com a CM, seja por meio de contato físico ou posicionamento espacial. A variação do PA, portanto, induz a alterações no significado do sinal, evidenciando sua relevância estrutural na Libras.

O terceiro parâmetro configuracional da Libras é o movimento (M), ou seja, a trajetória espacial que a mão ou as mãos percorrem durante a realização do sinal, é válido esclarecer que o sinal pode ter o movimento realizado pela mão em si, aliado ao movimento direcional da mão, como por exemplo o sinal de difícil. O M pode ser de diferentes tipos como: o movimento retilíneo, circular, vibratório, de flexão e extensão, rotacional, de torção, de aproximação e afastamento, entre outros padrões de movimento.

Figura 3 - Tipos de movimento

<p>TIPO</p> <p><i>Contorno ou forma geométrica:</i> retilíneo, helicoidal, circular, semi-circular, sinuoso, angular, pontual;</p> <p><i>Interação:</i> alternado, de aproximação, de separação, de inserção, cruzado;</p> <p><i>Contato:</i> de ligação, de agarrar, de deslizamento, de toque, de esfregar, de riscar, de escovar ou de pincelar;</p> <p><i>Torcedura do pulso:</i> rotação, com refreamento;</p> <p><i>Dobramento do pulso:</i> para cima, para baixo;</p> <p><i>Interno das mãos:</i> abertura, fechamento, curvamento e dobramento (simultâneo/gradativo)</p>
<p>DIRECIONALIDADE</p> <p><i>Direcional</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - <u>Unidirecional:</u> para cima, para baixo, para direita, para esquerda, para dentro, para fora, para o centro, para lateral inferior esquerda, para lateral inferior direita, para lateral superior esquerda, para lateral superior direita, para específico ponto referencial; - <u>Bidirecional:</u> para cima e baixo, para esquerda e direita, para dentro e fora, para laterais opostas – superior direita e inferior esquerda; <p><i>Não-direcional</i></p>
<p>MANEIRA</p> <p><i>Qualidade, tensão e velocidade</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - contínuo; - de retenção; - refreado.
<p>FREQÜÊNCIA</p> <p><i>Repetição</i></p> <ul style="list-style-type: none"> - simples; - repetido.

Fonte: Ferreira-Brito (1990) *apud* Quadros e Karnopp (2004, p. 56).

Em adição aos parâmetros configuracionais estruturais – CM, PA e M (Quadros; Karnopp, 2004) – a Libras incorpora a Orientação da Mão (OM) e a Expressão Facial e Corporal (EFC) como elementos essenciais à sua estrutura linguística. No que concerne à OM, esta pode ser definida como a direção espacial para a qual a palma da mão se volta durante a execução de um sinal em Libras. Essa orientação abrange uma variedade de possibilidades direcionais, incluindo para cima, para baixo, para as laterais (radial ou ulnar), para frente, para trás e posições oblíquas.

Figura 4 - Orientação da Mão



Fonte: Adaptado de Quadros e Karnopp (2004, p. 60).

Por fim, as EFC, os componentes não manuais dos sinais, carregados de informações gramaticais e semânticas de importância crucial para a melhor compreensão da sentença em Libras. Para exemplificar: por exemplo, as EFC abrangem uma vasta gama de movimentos musculares na face, incluindo o franzir da testa, o arregalar dos olhos, a direção do olhar, o movimento da boca e das bochechas. Cada configuração facial pode sinalizar diferentes funções gramaticais ou intensificar o significado do sinal manual. De maneira análoga, os movimentos e a postura corporal complementam a informação veiculada pelos sinais manuais e pelas expressões faciais. A inclinação do corpo, o movimento da cabeça, o contato visual e a direção do olhar podem estabelecer relações espaciais, indicar referentes discursivos.

Em suma, a Libras emerge como um sistema linguístico complexo e estruturado, cuja sua manifestação se concretiza na combinação intrínseca de, no mínimo, três dos parâmetros configuracionais fundamentais (CM, PA e M) (Stokoe, 1960; Quadros; Karnopp, 2004). A articulação simultânea e contrastiva desses elementos primários confere singularidade e distinção semântica aos sinais, permitindo a veiculação de um vasto leque de significados. A compreensão da Libras como uma língua de sinais de natureza urbana, marcada por processos históricos de padronização, institucionalização e circulação em espaços educacionais e

mediáticos, permite reconhecer que sua estrutura linguística resulta de múltiplos fatores socioculturais.

Nesse contexto, torna-se essencial observar que, embora a Libras tenha se desenvolvido majoritariamente em centros urbanos e em contextos de educação formal, ela preserva características visuais que refletem sua origem comunitária e sua base icônica. A dimensão visual da língua não se limita à função comunicativa: ela expressa modos de pensar, de representar e de construir o mundo a partir do corpo. Assim, compreender a Libras em diálogo com outras línguas de sinais — inclusive as indígenas — exige aprofundar a análise da iconicidade, princípio estruturante que revela como forma e significado se articulam na criação e na transmissão dos sinais. É a partir desse eixo que se desenvolve a próxima subseção, dedicada à reflexão sobre a iconicidade nas línguas de sinais e seu papel na constituição da experiência linguística e cultural das pessoas Surdas.

2.3 A ICONICIDADE NAS LINGUAS DE SINAIS

A iconicidade diz respeito à presença de uma relação motivada e, muitas vezes, intuitiva entre a forma de um signo e o significado que ele expressa. Diferentemente do princípio da arbitrariedade defendido por Saussure (1916), na iconicidade a configuração, o movimento ou a disposição espacial do sinal podem evocar características perceptíveis do objeto, ação ou conceito representado. Essa perspectiva possibilita repensar a centralidade da arbitrariedade na definição de língua, abrindo espaço para considerar como os aspectos icônicos participam ativamente da organização dos sistemas linguísticos visuais-espaciais.

Embora os sinais possam, em muitos casos, apresentar uma relação de semelhança com os objetos ou ações que representam, essa semelhança não elimina o caráter linguístico das línguas de sinais. Como ressalta Brito (1995, p. 42): “Embora os sinais possam, em muitos casos, apresentar uma relação de semelhança com os objetos ou ações que representam, essa semelhança não elimina o caráter linguístico”. Em outras palavras, a iconicidade deve ser vista como componente que contribui para a formação de padrões regulares.

A iconicidade tem sido um dos temas centrais nos estudos sobre línguas de sinais, especialmente a partir das pesquisas de Taub (2001), desenvolveu um modelo teórico para explicar como as línguas de sinais constroem significado por meio da relação entre forma e conteúdo. De modo que a iconicidade não deve ser compreendida apenas como uma semelhança visual entre o signo e o referente, mas como um processo linguístico complexo, no qual aspectos da experiência corpórea e da cognição moldam a estrutura das línguas de sinais. A partir dessa

perspectiva, é, rejeitada a ideia de que a iconicidade enfraquece a arbitrariedade dos signos linguísticos, pelo contrário, ela desempenha um papel essencial na formação e evolução dessas línguas.

A autora ressalta ainda que “a iconicidade não é uma ameaça ao status linguístico das línguas de sinais, mas sim um recurso que essas línguas exploram de maneiras sistemáticas e criativas”¹ (Taub, 2001, p. 15, tradução minha). Dessa forma, a iconicidade deve ser vista como constitutiva do funcionamento linguístico, interagindo com processos de metáfora e de gramaticalização, em vez de ser tratada como mero resíduo imagético ou motivação extralinguística. Compreender a iconicidade nas línguas de sinais significa adotar uma abordagem que reconhece a relação intrínseca entre corpo, cognição e linguagem.

Quadros e Karnopp (2004) destacam que a motivação perceptiva aproxima a língua da experiência concreta, facilitando o processo de aquisição e a criação de novos signos. As autoras reforçam que a iconicidade não deve ser entendida como elemento externo, mas como parte integrante da gramática da língua de sinais. A iconicidade é um dos temas centrais nas pesquisas recentes sobre as línguas de sinais, sendo frequentemente apontada como característica que distingue a modalidade gesto-visual da modalidade vocal-auditiva. Segundo elas:

Os processos de flexão verbal no espaço constituem manifestações icônicas que foram convencionalizadas ao longo do tempo, tornando-se parte integrante da gramática da Libras. Assim, o uso do espaço não é aleatório, mas segue regras de concordância e de referenciação que revelam a iconicidade como elemento estruturante da língua (Quadros; Karnopp, 2004, p. 79).

Stumpf (2008) ressalta que a iconicidade exerce papel decisivo tanto no surgimento quanto na consolidação das línguas de sinais, demonstrando que esse recurso, longe de constituir um aspecto secundário ou meramente ilustrativo, integra-se de forma central aos processos de gramaticalização que marcam o desenvolvimento linguístico.

As primeiras formas de uma língua de sinais emergente recorrem à iconicidade como recurso central, mas com o tempo essas formas passam por processos de gramaticalização. Esse percurso demonstra que a iconicidade não é incompatível com a estrutura linguística, mas sim um dos motores de sua constituição (Stumpf, 2008, p. 93).

Carneiro (2017) amplia esse debate ao afirmar que a iconicidade não se restringe à semelhança visual imediata entre o sinal e seu referente, mas constitui um mecanismo produtivo que possibilita a geração de formas linguísticas inovadoras. Esse processo ocorre a partir da

¹ “[...] iconicity is not a threat to the linguistic status of sign languages, but rather a resource that these languages exploit in systematic and creative ways [...]” (Taub, 2001, p. 15).

relação entre experiência perceptual, corporeidade e convenções sociais. Nesse sentido, a criação de novos sinais emerge como um processo coletivo, em que a comunidade surda adapta e reconfigura recursos icônicos para representar conceitos contemporâneos, tecnológicos ou culturais ainda não contemplados no léxico consolidado. O autor reforça que a iconicidade funciona como elo entre a experiência concreta e a necessidade de expressão de novos significados, revelando que a Libras é um sistema dinâmico e em constante expansão. A criação de novos sinais, portanto, revela tanto a vitalidade da língua quanto a urgência da comunidade Surda em legitimar e difundir formas lexicais que, inicialmente motivadas pela iconicidade, consolidam-se pela repetição e pelo uso social.

O reconhecimento da iconicidade como motor da constituição das línguas de sinais também é fundamental para compreender a diversidade linguística no Brasil. Neste sentido, vale destacar que pesquisas recentes sobre a LIS no Brasil demonstram que a iconicidade é central na constituição, consolidação e manutenção dessas línguas, sendo também fundamental para a preservação cultural dos hábitos dos povos em que os indígenas Surdos fazem parte. Para além da discussão sobre a iconicidade, torna-se necessário refletir acerca da influência da cultura no processo de construção e organização de uma língua. É nesse horizonte que se delinea a continuidade da presente investigação: o próximo capítulo será dedicado a examinar a relação entre língua e cultura, enfatizando como tais dimensões se entrelaçam na constituição das práticas comunicativas.

2.4 A RELAÇÃO ENTRE A CULTURA E A LÍNGUA

A relação entre língua, cultura e sociedade constitui um eixo central nos estudos linguísticos, antropológicos e sociais, sendo compreendida como indissociável na experiência humana. A linguagem, enquanto faculdade inerente a humanidade, concretiza-se nas línguas naturais, que são sempre produtos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, a língua não se restringe a um sistema arbitrário de signos; ela é, sobretudo, um patrimônio coletivo que organiza a vida em sociedade e dá forma às experiências partilhadas. Saussure (1988), ao afirmar que a língua é um produto social, já indicava que os costumes de um povo repercutem diretamente sobre sua língua, ao mesmo tempo em que esta participa da constituição desse mesmo povo, antecipando discussões posteriores sobre a inseparabilidade entre língua, cultura e sociedade.

A cultura, por sua vez, deve ser entendida como uma construção social e histórica. Morin (1991) a define como capital coletivo que organiza saberes, crenças e práticas, regulando

comportamentos e fornecendo coesão aos grupos humanos. Laraia (2002) a compreende como um modo de vida transmitido socialmente, afastando-se de explicações naturais. Assim, a cultura não é estática, mas dinâmica, moldada pela memória coletiva, pelas tradições e pela língua que lhe dá forma. Essa dinâmica se torna ainda mais evidente quando observadas as práticas comunicativas reais, nas quais língua e cultura se entrelaçam como dimensões complementares da vida social.

A análise dessa interface mostra que a língua não pode ser compreendida apenas em sua estrutura formal, mas como prática social que organiza e é organizada pelas relações culturais e de poder que atravessam a sociedade. A cultura, por sua vez, se reinventa pelo língua em uso, que possibilita a negociação de identidades coletivas e individuais. As línguas não apenas transmitem culturas, mas também as transformam, constituindo espaços de construção simbólica que orientam modos de ver, pensar e agir no mundo.

Ao se considerar a LIAS, objeto desta tese, tais reflexões assumem relevância particular. Essa língua emerge de um contexto sociocultural específico, em que práticas, rituais, narrativas e modos de vida coletivos encontram expressão na modalidade gestual-visual. Os sinais, longe de serem apenas formas de comunicação, carregam a memória cultural do povo Apinajé, inscrevendo em sua estrutura elementos do território, do cotidiano da aldeia, das práticas religiosas e da organização social. Isso revela que a LIAS não é apenas uma ferramenta para a comunicação, mas um espaço de preservação e reinvenção cultural.

Nesse sentido, torna-se pertinente dialogar com as reflexões de Bhabha (1998), para quem a cultura é marcada pela hibridez e pela negociação constante de sentidos. Ao observar a LIAS sob o prisma do hibridismo cultural, é possível perceber que ela se constitui em um “entrelugar”, no qual a tradição se articula com novas práticas sociais e comunicativas, instaurando sentidos inéditos e reposicionando sujeitos em um contexto de pluralidade. A língua, nesse caso, não apenas molda o pensamento individual, mas também funciona como espaço político de enunciação, no qual os sujeitos negociam pertencas, reafirmam identidades e resistem a processos de homogeneização cultural, apesar da forte influência que vem sofrendo da Libras.

Portanto, ao articular língua e cultura na análise da LIAS, reafirma-se que compreender seus aspectos linguísticos exige considerar a dinâmica cultural que os sustenta. Esse olhar integrado permite reconhecer a língua como patrimônio imaterial e como expressão viva da diversidade sociocultural brasileira e constituinte das identidades Surdas, conforme será apresentado a seguir.

2.4.1 Identidades surdas

A discussão sobre as identidades Surdas constitui um campo central nos estudos Surdos, na medida em que revela a multiplicidade de experiências e de formas de pertencimento cultural. As identidades não são fixas ou homogêneas, mas se constroem em diálogo com fatores históricos, sociais e políticos que atravessam a vida das pessoas Surdas. Nesse sentido, diferentes autores têm contribuído para a compreensão dessa complexidade. Perlin (2008) apresentou uma categorização que evidencia como as identidades podem ser assumidas, negociadas e transformadas ao longo da trajetória de vida. Giroletti (2008) problematizou a questão das identidades Surdas dos indígenas Surdos do povo Kaingang. Já Carvalho e Campello (2022) ampliaram o debate ao apresentarem outras possibilidades identitárias, ressaltando que o povo Surdo é marcado pela diversidade.

Nesse cenário, Perlin (2008) propôs uma tipologia que contempla sete distintas identidades ou formas de pertencimento e de vivência da pessoa Surda ao longo da vida. A **Identidade Surda Política** está relacionada ao reconhecimento da pessoa Surda e da sua língua como marcador cultural, além de enfatizar a luta coletiva por direitos linguísticos e sociais. A **Identidade Surda Híbrida** evidencia a transição entre os mundos Surdo e ouvinte, sendo marcada por estratégias de adaptação e pela convivência entre dois referenciais culturais.

A **Identidade Surda Flutuante** reflete a oscilação constante entre esses dois universos, enquanto a **Identidade Surda Embaçada** caracteriza-se pela indefinição e pela falta de clareza na construção do pertencimento. A **Identidade Surda de Transição** refere-se ao momento em que o sujeito passa a aceitar a condição de ser Surdo como parte constitutiva de sua identidade. Por sua vez, a **Identidade Surda de Diáspora** é marcada pelo deslocamento e pela experiência de estar fora do espaço comunitário Surdo. Por fim, a **Identidade Surda Intermediária** situa-se entre diferentes formas de identificação, expressando uma vivência que não se fixa em uma única posição, mas transita de acordo com os contextos (Perlin, 2008).

No que se refere às identidades Surdas dos indígenas Surdos, é necessário recorrer à dissertação *Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang*, de Marisa Fátima Padilha Giroletti (2009), que fornece um referencial específico para a análise desse tema. A autora buscou registrar os sinais do povo Kaingang e evidenciar sua interface com a cultura e com as identidades desses indígenas, ressaltando as formas particulares de pertencimento e de reconhecimento no interior das aldeias. Para ela, os indígenas Surdos do povo Kaingang encontravam-se majoritariamente na Identidade Surda Embaçada (Perlin, 2008) sendo vistos

pelos demais membros da aldeia como “pessoas com deficiência mental, incapacitadas”. Essa percepção, marcada pela exclusão, estendia-se também a adultos Surdos, que permaneciam marginalizados na comunidade (Giroletti, 2009, p. 36). A autora apresenta identidades específicas para os indígenas Surdos, a saber:

Identidades Surdas Transformadoras. Atribui-se essa categorização aos Surdos da pesquisa, por eles terem conseguido fazer com que toda uma comunidade de ouvintes mudasse seu olhar e seu conceito sobre a pessoa Surda [...]

Identidades Surdas ‘Especiais’. É a identidade – atribuída pelos ouvintes – que aparece na aldeia onde os Surdos Kaingang residem. São especiais porque não falam a língua oral, mas aprenderam a falar com as mãos em sinais [...]

Identidades Surdas Duplas Culturas. São os Surdos que apresentam como característica a duplicidade de identidades, dependendo do espaço onde se encontram: estando num local com Surdos, assumem-se como Surdos. Se estão entre grupos somente de seus pares étnico- indígenas, preferem não mostrar nada da cultura [...]

Identidades Surdas Abiboladas. São os Surdos adultos que residem na aldeia e nunca tiveram contato com outros Surdos e com a LSB; não sinalizam [...]

Identidades Surdas Revigoradas. Esse tipo de identidade Surda, também encontrado na aldeia pesquisada, caracteriza-se pelo Surdo independente, que tem o seu jeito próprio de sinalizar, de ‘se virar’ na vida. Alguns deles podem ser rudes e, às vezes, perigosos [...] (Giroletti, 2009, p. 37-39, grifo nosso).

Carvalho e Campello (2022) ampliam a discussão ao apontarem, com base em outros pesquisadores, sete possibilidades de novas identidades Surdas, revelando a pluralidade que caracteriza o povo Surdo e demonstrando que a experiência Surda é marcada por diferentes contextos históricos, sociais e culturais. As duas primeiras identidades destacadas pelos autores evidenciam que o uso das tecnologias de reabilitação auditiva faz com que a pessoa Surda desenvolva formas próprias de pertencimento, distintas das descritas anteriormente. Além dessas, também são elencadas as identidades das pessoas Surdas unilaterais, das pessoas negras Surdas, das pessoas Surdocegas, a identidade Surda Urubu-Ka’apor e a identidade étnica dos Surdos.

A **Identidade Surda com uso de AASI** está associada ao impacto da tecnologia no fortalecimento das relações familiares, favorecendo maior aproximação comunicativa entre Surdos e ouvintes. Já a **Identidade Surda com Implante Coclear (IC)** relaciona-se ao uso de um dispositivo eletrônico que estimula o nervo auditivo, oferecendo uma percepção sonora distinta da audição natural, mas que pode contribuir para a compreensão da fala e para a inclusão social.

A **Identidade Negra Surda** coloca em evidência a interseção entre raça e surdez, marcando o enfrentamento de um preconceito duplo e ressaltando a importância da educação para as relações étnico-raciais como eixo de fortalecimento do pertencimento cultural. A **Identidade Surda Unilateral**, por sua vez, corresponde à experiência de ouvir apenas em uma

orelha, condição que, embora menos severa do que a perda bilateral, pode comprometer a localização espacial dos sons e gerar dificuldades escolares e sociais. Já a **Identidade Surdacega** resulta da combinação de perdas auditivas e visuais significativas, configurando uma condição singular que exige estratégias específicas de comunicação e atendimento especializado.

Outra identidade destacada, que se aproxima do trabalho de Giroletti (2008), é a **Identidade Surda Urubu-Ka'apor**, associada a outras línguas emergentes. Essa identidade demonstra como diferentes LIS influenciam a construção identitária dos Surdos de diferentes povos, sendo fruto de condições históricas específicas e da pluralidade de línguas utilizadas no contexto das aldeias. Por fim, a **Identidade Étnica dos Surdos** reforça que a comunidade Surda não é homogênea, mas reúne diferentes trajetórias, causas da surdez e formas de reivindicação, incluindo a valorização de uma surdez “nativa”.

No entanto, em relação à Identidade Étnica dos Surdos (Carvalho e Campello, 2022), faz-se necessária uma crítica quanto ao risco de reduzir a identidade Surda a categorias rígidas e hierarquizadas, como na ideia de que a “surdez nativa” seria mais legítima do que outras formas de experiência. Essa perspectiva ignora a complexidade e a pluralidade das trajetórias Surdas, que envolvem diferentes tempos e modos de aquisição da surdez, bem como distintas formas de inserção cultural e linguística. Nesse ponto, a concepção de Identidade Surda Política, apresentada por Perlin (2008), é fundamental, pois desloca o foco da condição biológica para a dimensão sociocultural e coletiva.

Compreendida como um movimento de resistência e afirmação diante do mundo ouvinte, a identidade Surda política enfatiza que o reconhecimento da diversidade interna é condição para o fortalecimento do povo Surdo. É necessário, portanto, abrir espaço para a valorização das heterogeneidades que constituem o ser Surdo. Assim, em vez de reforçar divisões internas ou estabelecer hierarquias baseadas na origem da surdez, a identidade política deve consolidar-se como um campo de luta que acolhe a multiplicidade de experiências, transformando a diversidade em marca de resistência e coesão da comunidade Surda.

Em síntese, as múltiplas identidades Surdas aqui apresentadas não apenas reforçam a heterogeneidade do povo Surdo, mas também ampliam a compreensão de que ser Surdo é uma experiência plural, situada nas intersecções entre cultura, corporeidade e sociedade. A identidade Surda é, portanto, uma construção social, discursiva e interativa. Sua manifestação no contexto indígena, conforme exemplificado por Giroletti (2009), demonstra que a identidade é um processo híbrido e relacional. Reconhecer a existência das identidades Surdas indígenas é um ato político que exige a inclusão de suas línguas de sinais nas políticas linguísticas e

educacionais, garantindo que a cultura, a língua e a identidade de cada povo estejam representadas e valorizadas para o seu pleno desenvolvimento.

2.6 O LÉXICO NAS LINGUAS DE SINAIS

Nas seções anteriores discutiu-se a estreita relação entre língua e cultura, bem como o papel da iconicidade na constituição das línguas de sinais. O primeiro eixo tratou da iconicidade nas línguas de sinais, evidenciando a relação entre forma e significado como característica estrutural e recurso criativo de produção de sentido. O segundo discutiu o papel da cultura na construção da língua, ressaltando que nenhuma língua pode ser compreendida de modo desvinculado dos contextos socioculturais que a sustentam. Por fim, o terceiro debateu as Identidades Surdas, entendida como processo plural, histórico e político, constituído a partir de práticas linguísticas e culturais específicas.

Nesse contexto, destacou-se que o léxico emerge como um espaço privilegiado de criação e de negociação de sentidos, formado a partir de processos de iconicidade, da criatividade linguística e das interações culturais que atravessam as comunidades. Deste modo, o léxico constitui um dos componentes centrais da língua, pois concentra o acervo de unidades lexicais que organizam e expressam a experiência humana no mundo. Para Biderman (2001), o léxico é uma estrutura complexa, que funciona como a memória vocabular da comunidade linguística, articulando-se tanto ao plano da cognição quanto ao da cultura. Ao mesmo tempo em que se configura como um inventário de signos disponíveis para a comunicação, ele se revela dinâmico, aberto a transformações sociais, históricas e tecnológicas.

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. O conhecimento humano se forma a partir da percepção do meio ambiente em que estamos inseridos e com o qual estamos interagindo. A percepção através dos sentidos e de outros recursos neurolinguísticos leva-nos à conceptualização do real. Essa conceptualização se consubstancia numa representação linguística - num símbolo ou signo verbal - que é a etapa final do processo cognitivo (Biderman, 2002 p. 155, grifo nosso).

Nesse sentido, compreender o léxico ultrapassa a dimensão puramente descritiva das palavras e seus significados: trata-se de reconhecer o papel que desempenha na constituição de identidades, na circulação de saberes e na construção de visões de mundo. Essa perspectiva ganha ainda mais relevância quando se consideram contextos de diversidade linguística, justificando portanto a análise do léxico nas Línguas de Sinais, refletindo nele não apenas como

um inventário de sinais, mas como um espaço dinâmico de interação entre corpo, cultura e sociedade.

O léxico manifesta processos contínuos de criação, transformação e ressignificação, atravessados por fatores históricos, culturais e identitários. Nessa dinâmica, torna-se possível compreender de que maneira as pessoas Surdas constroem e organizam o mundo, categorizando experiências e legitimando práticas de resistência e afirmação cultural. Assim, esta seção propõe aprofundar a compreensão de que o léxico não constitui apenas uma dimensão formal da língua, mas também um espaço de enunciação política e cultural, no qual se expressa a singularidade da experiência surda e a vitalidade das línguas de sinais enquanto línguas naturais e plenas. Este aspecto demanda a consideração de duas dimensões indissociáveis: os processos internos de criação e transformação dos sinais, e os instrumentos de registro e sistematização elaborados para documentá-los. Os trabalhos de Carneiro (2017) e de Souza e Quadros (2023) oferecem perspectivas complementares que, em conjunto, revelam a complexidade da dinâmica lexical da Libras.

Carneiro (2017) parte da premissa de que a Libras, como toda língua natural, está em constante processo de ampliação lexical. Esse processo, no entanto, adquire contornos particulares pelo papel central da iconicidade, entendida como relação motivada entre forma do sinal e características perceptíveis do referente. O autor observa que “a ampliação lexical da Libras se dá prioritariamente pela via icônica, permitindo que novos sinais sejam criados de modo a facilitar sua compreensão e aceitação pela comunidade surda” (Carneiro, 2017, p. 108).

Ao mesmo tempo, o autor chama atenção para a transitoriedade dessa motivação. Embora muitos sinais surjam de modo altamente icônico, a trajetória de uso conduz à sua convencionalização, reduzindo a transparência inicial. Como destaca: “os sinais, uma vez incorporados ao uso social, sofrem um processo de abstração que os distancia de sua origem icônica, tornando-se unidades lexicalizadas e, em muitos casos, opacas a novos usuários” (Carneiro, 2017, p. 112). Esse fenômeno mostra que a iconicidade não elimina o caráter linguístico da Libras, mas funciona como catalisador para sua expansão lexical, interagindo com mecanismos próprios de gramaticalização e lexicalização.

Outro ponto relevante abordado por ele é a relação entre iconicidade e contextos culturais. O autor ressalta que a escolha de traços icônicos não é universal, mas moldada por práticas sociais específicas: “a criação de um sinal não se limita a uma correspondência visual direta com o objeto, mas reflete valores culturais e perspectivas de mundo compartilhadas pela comunidade surda” (Carneiro, 2017, p. 115). Nesse sentido, o léxico da Libras não é apenas

uma coleção de formas, mas um espaço de construção cultural em que a iconicidade desempenha papel central.

Enquanto Carneiro (2017) enfatiza a dimensão criativa e cultural da ampliação lexical, Souza e Quadros (2023) apresentam um panorama dos esforços de registro e sistematização que buscam consolidar esse processo em bases científicas e pedagógicas. O autor e a autora analisam iniciativas como o Inventário Nacional de Libras², que possibilita a coleta padronizada de dados em múltiplas cidades, garantindo comparabilidade regional e registro da variação lexical. Os “instrumentos de registro do léxico da Libras revelam não apenas a diversidade de formas, mas também a preocupação em disponibilizar esses dados em plataformas acessíveis e interativas, que dialoguem com a comunidade surda e a comunidade acadêmica” (Souza; Quadros, 2023, p. 14). Esse movimento evidencia que a ampliação lexical, antes descrita como fenômeno icônico e cultural, também exige práticas institucionais de documentação que garantam sua difusão e consolidação.

Ao relacionar os dois trabalhos, percebe-se que Carneiro (2017) contribui para compreender os mecanismos de criação lexical da Libras — com foco no papel da iconicidade, da abstração e da convencionalização —, enquanto Souza e Quadros (2023) mostram como essa expansão tem sido capturada, organizada e sistematizada em inventários, dicionários e bancos de dados. Essa relação sugere que a iconicidade, embora funcione como motor da ampliação lexical, só se torna plenamente visível e analisável quando há instrumentos de registro que permitam observar a circulação e a cristalização dos sinais em diferentes comunidades.

Em outras palavras, enquanto Carneiro (2017) mostra como a Libras cria novos sinais, Souza e Quadros (2023) evidenciam onde e por quais meios esses sinais estão sendo documentados e institucionalizados. Assim, para o presente trabalho, a leitura conjunta dos textos reforça a necessidade de uma abordagem que considere o léxico da Libras como processo vivo, fruto da criatividade cultural e icônica dos surdos, mas também como patrimônio linguístico cuja documentação sistemática é essencial para a consolidação científica e pedagógica da língua. Assim Carneiro (2017) o levantamento realizado por Garcia (2024) sobre as Línguas Indígenas de Sinas já catalogadas no Brasil evidencia que essas línguas partilham características fundamentais com a Libras, mas também revelam especificidades que decorrem de seus contextos socioculturais.

²² Disponível em: <https://corpuslibras.ufsc.br/informacoesdoprojeto?lang=ptbr>.

Segundo a autora, as LIS “apresentam forte motivação icônica em seus léxicos, sendo essa uma estratégia recorrente de criação, associada diretamente aos modos de vida, práticas sociais e saberes tradicionais de cada povo” (Garcia, 2024, p. 42). Essa observação permite compreender que a iconicidade não atua apenas como recurso linguístico, mas também como expressão cultural, assegurando que os sinais guardem vínculos diretos com o universo simbólico das comunidades indígenas. Assim, a analogia entre a Libras e as LISs revela uma convergência no papel da iconicidade como motor de ampliação lexical, mas também aponta para a diversidade de formas pelas quais esse processo se concretiza. Enquanto a Libras dispõe de instrumentos consolidados de registro — como inventários e corpora digitais —, as línguas indígenas de sinais, conforme Garcia (2024), ainda se encontram em fases iniciais de documentação, o que reforça a necessidade de políticas linguísticas e acadêmicas voltadas à sua preservação.

2.7 GLOSSÁRIOS: UMA FERRAMENTA DE REGISTRO DAS LINGUAS DE SINAIS

A elaboração de glossários e obras terminográficas em línguas de sinais ultrapassa, e muito, a simples reunião de léxicos acompanhados de representações escritas. Trata-se de um campo que exige articulação entre teoria, metodologia e responsabilidade linguística. Isso porque cada sinal carrega consigo uma história, uma motivação cultural e uma maneira singular de compreender o mundo, aspectos que pertencem às comunidades surdas e expressam sua forma de estar no mundo. Os trabalhos de Tuxi e Felten (2019), Souza, Stumpf e Tuxi (2023) e Castro Júnior *et al.* (2023) ajudam a situar esse debate e a compreender o lugar que esta pesquisa ocupa nesse movimento de fortalecimento da terminografia em línguas de sinais.

Como observam Tuxi e Felten (2019), discutir terminologia no âmbito das línguas de sinais implica rever pressupostos herdados das línguas orais. Isso se deve ao fato de que suas especificidades visuoespaciais e a presença constante de parâmetros articulatórios e expressões não manuais exigem um olhar atento e diferenciado para a descrição dos termos. Essa perspectiva reforça a compreensão de que um glossário precisa preservar o movimento, a iconicidade e a corporeidade do sinal, aproximando o registro da prática concreta de uso e evitando reduções que empobrecem a experiência linguística do sujeito sinalizante.

Nessa mesma direção, Souza, Stumpf e Tuxi (2023) chamam atenção para os riscos de se produzir glossários desvinculados do uso real da língua. Para as autoras, quando uma obra desse tipo é construída sem corpus — isto é, sem registros que reflitam como os próprios usuários sinalizam em contextos cotidianos e espontâneos — há um grande risco de que ela se

torne normativa, distante da realidade linguística da comunidade. Em contrapartida, materiais baseados em dados reais revelam-se mais fiéis à forma como os surdos organizam e compartilham seus saberes. Essa questão torna-se ainda mais relevante quando se trata de línguas pouco documentadas, como a LIAS, cuja vitalidade depende justamente do reconhecimento e da preservação de seus usos cotidianos.

A análise conduzida por Castro Júnior *et al.* (2023) ilumina como esses princípios se materializam em diferentes projetos terminográficos. Ao examinar diversas propostas, os autores mostram que não há um único caminho, mas um conjunto de abordagens que variam em profundidade descritiva e rigor metodológico. Alguns trabalhos enfatizam a descrição pormenorizada dos parâmetros formais do sinal; outros privilegiam a acessibilidade e o caráter pedagógico do material. Além disso, os formatos adotados são igualmente variados: desde descrições parametrizadas e fotografias até vídeos, ilustrações e QR Codes que ampliam as possibilidades de consulta. Essa diversidade revela tanto o vigor da área quanto os desafios que ainda persistem na busca por modelos que representem a língua com precisão e sensibilidade.

Importa destacar que a construção de glossários em línguas de sinais não se restringe ao plano técnico. Há, nesse processo, uma dimensão humana e política que precisa ser reconhecida. Registrar um sinal não significa apenas descrevê-lo; é também preservar um modo particular de significar o mundo. Glossários são, nesse sentido, dispositivos de memória e, ao mesmo tempo, instrumentos de afirmação identitária. Ao organizar os sinais de uma língua — sobretudo de línguas minoritárias como a LIAS — constrói-se um espaço no qual conhecimentos antes transmitidos apenas visualmente podem ganhar permanência e circular de outras formas. Assim, o glossário torna-se: um arquivo cultural que guarda a experiência do povo; um meio de transmissão intergeracional, fundamental para evitar o desaparecimento de sinais ao longo do tempo; um instrumento pedagógico para apoiar práticas bilíngues; uma ferramenta científica que possibilita novas análises; e, sobretudo, uma forma de resistência, pois documentar uma língua minoritária é também protegê-la.

A presente tese se insere nesse contexto ao propor um glossário que registra e compara sinais da LIAS e da Libras com sensibilidade linguística e respeito cultural. Todo o processo de coleta e análise buscou privilegiar a perspectiva dos próprios indígenas Surdos do povo Apinajé, evitando descrições simplificadas e priorizando registros que emergem do uso real da língua. A construção das fichas que compõem o glossário foi guiada por um cuidado constante: preservar a LIAS e disponibilizá-la de modo acessível e significativo para o próprio povo, reconhecendo o valor de seus conhecimentos e o papel central dos sujeitos que a constroem e a mantêm viva diariamente.

3 OS ESTUDOS SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS

O estudo das LIS no Brasil tem avançado significativamente nos últimos anos, resultado de pesquisas que buscam reconhecer, documentar e valorizar esses sistemas linguísticos enquanto patrimônio cultural e identitário dos povos indígenas. Nesse contexto, duas obras recentes e contemporâneas se destacam: a dissertação de Gabriella Vanessa Gonçalves da Silva Garcia (2024) e a dissertação de David Kaique Rodrigues dos Santos (2024). Ambos os trabalhos foram defendidos no mesmo ano, constituindo marcos de um movimento acadêmico mais amplo de atenção a essas línguas.. No entanto, apesar de serem contemporâneos, seus enfoques analíticos e metodológicos divergem, o que explica a discrepância no número de LIS identificadas em cada levantamento.

Porém, antes de adentrarmos sobre estes aspectos, é preciso dizer que o reconhecimento da existência das LIS desafia a visão monolítica da Libras e destaca a rica diversidade linguística e cultural presente no país. As pesquisas sistemáticas sobre as LISs não apenas contribuem para o avanço do conhecimento científico sobre a linguagem humana, mas também possuem implicações práticas significativas para a educação, a revitalização cultural e o bem-estar dos indígenas Surdos. E com o intuito de evitar ambiguidades terminológicas e em consonância com a nomenclatura já estabelecida pelo Grupo de Trabalho das Línguas Indígenas de Sinais no Brasil (GtLIS), bem como difundida nacionalmente pela primeira Cartilha³ sobre o tema, publicada com o aval da Funai e do Ministério da Educação (MEC), adota-se neste trabalho o termo “Língua Indígena de Sinais” em detrimento de Língua Sinais Indígena, refletindo o reconhecimento de uma categoria linguística específica.

Neste sentido, vale esclarecer que quando se usa a expressão “Língua de Sinais Indígena”, o foco recai primeiro sobre o gênero linguístico (língua de sinais), e o adjetivo indígena vem depois como um qualificativo. Essa formulação sugere que se trata de uma variedade específica dentro do conjunto das Línguas de Sinais, assim como a Língua Sinais Francesa ou Língua de Sinais Americana. Nesse caso, o termo “indígena” funciona como um atributo, indicando que a língua pertence a um grupo social específico. Essa expressão tende a subordinar as línguas indígenas de sinais ao grupo maior das línguas de sinais já conhecidas e legitimadas.

Já a expressão “Língua Indígena de Sinais” inverte a ordem e dá primazia ao termo indígena. Aqui, o núcleo da identidade da língua é o pertencimento ao povo indígena, e “de

³ Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/Cartilha_Linguas_Indigenas_de_Sinais_LIS_DIGITAL_26_11_2_compressed.pdf

sinais” aparece como a modalidade linguística pela qual ela se manifesta. Ou seja, antes de ser reconhecida como Língua de Sinais, ela é uma língua indígena — ao lado de tantas outras línguas indígenas orais. Esse uso reforça que tais sistemas não são variações periféricas da Libras, mas línguas próprias, com autonomia cultural, histórica e social. Essa escolha também se articula a uma posição política de valorização dos povos indígenas, pois sublinha que suas Línguas de Sinais devem ser vistas como parte da diversidade linguística indígena do Brasil, e não apenas como ramificações de um tronco mais amplo da Libras.

No âmbito acadêmico, usar “Língua Indígena de Sinais” ajuda a enquadrar esses sistemas nos debates de linguística indígena, ao lado das línguas orais dos povos originários, reconhecendo-os como objetos de estudo legítimos e autônomos. Na esfera política, a inversão da ordem lexical também tem implicação de resistência e afirmação identitária, pois coloca em primeiro plano o pertencimento indígena, valorizando essas línguas como expressão cultural própria. Deste modo, a adoção de “Língua Indígena de Sinais” se mostra mais adequada porque centraliza a identidade indígena e evita reduzi-las a variações dentro do universo mais amplo das línguas de sinais já legitimadas.

As Línguas Indígenas de Sinais têm suas raízes profundamente ligadas à observação da natureza e ao modo como os povos indígenas interagem com o mundo ao seu redor. Os sinais estão presentes nos movimentos cotidianos da fauna e da flora: nos batimentos das asas dos pássaros, nos diferentes padrões de voo, na corrida silenciosa da onça ao caçar, e até nos movimentos graciosos dos peixes enquanto nadam. Cada ser da natureza tem a sua própria forma de se expressar, e, assim como eles, os povos indígenas desenvolveram suas línguas de sinais, inspirados por esses movimentos, criando uma comunicação rica em simbologia, cultura e identidade (Rubim; Santos, 2024, p. 26).

Essa definição me traz segurança como pesquisadora, pois os resultados deste estudo demonstraram que de fato existe uma LIAS que se fundamenta justamente nessa intrínseca ligação entre o povo, os eventos naturais e as atividades diárias da aldeia. Goldfeld (2002, p. 67) reforça essa premissa ao dizer que a criança aprende uma língua “por meio de suas relações sociais, os conceitos de sua comunidade e passa a utilizá-los como seus, formando assim uma maneira de pensar, agir e recortar o mundo”.

Em consonância com a perspectiva de Santos (2024, p. 31), que pertinentemente desloca o foco da análise da mera contagem de sinalizantes para a intrínseca situação política e social em que as LIS estão inseridas, de modo que está tese também adota uma abordagem similar. Sob essa lente, o autor, em sua dissertação, identificou a emergência de 31 LIS no *corpus* de 153 trabalhos acadêmicos investigados, incluindo a minha dissertação de mestrado, onde aponto indícios da existência da LIAS. É crucial ressaltar que tais obras convergem em sua

temática, seja abordando aspectos linguísticos e socioculturais de uma LIS específica, seja direcionando o olhar para as experiências e demandas dos indígenas Surdos. Essa constatação sublinha a crescente atenção acadêmica dedicada à singularidade e à relevância dessas manifestações linguísticas no contexto dos estudos linguísticos.

Quadro 3 - LIS Catalogadas

Nº	Língua Indígena de Sinais
1	Língua Indígena Akwe Xerente de Sinais
2	Língua Indígena Apinajé de Sinais
3	Língua Indígena Asurini de Sinais
4	Língua Indígena Caixana de Sinais
5	Língua Indígena Cinta Larga de Sinais
6	Língua Indígena Fulni-ô de Sinais
7	Língua Indígena Guarani Kaiowá de Sinais
8	Língua Indígena Hãtxa Kui de Sinais
9	Língua Indígena Ka'apor de Sinais
10	Língua Indígena Kaingang de Sinais
11	Língua Indígena Kambeba de Sinais
12	Língua Indígena Macuxi de Sinais
13	Língua Indígena Marubo de Sinais
14	Língua Indígena Maxakali de Sinais
15	Língua Indígena Munduruku de Sinais
16	Língua Indígena Nambikwara de Sinais
17	Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais
18	Língua Indígena Pankararu de Sinais
19	Língua Indígena Pataxó de Sinais
20	Língua Indígena Sateré-Mawé de Sinais
21	Língua Indígena Tapajó de Sinais
22	Língua Indígena Tapayuná de Sinais
23	Língua Indígena Tapebá de Sinais
24	Língua Indígena Tentehar de Sinais
25	Língua Indígena Terena de Sinais
26	Língua Indígena Tupinambá de Sinais
27	Língua Indígena Wapichana de Sinais
28	Língua Indígena Wauja de Sinais
29	Língua Indígena Xukuru do Ororubá de Sinais
30	Língua Indígena Xakriabá de Sinais
31	Língua Indígena Yanomami de Sinais

Fonte: Santos (2024, p. 90).

Conforme citado no início deste capítulo as pesquisas de Santos (2024) e Garcia (2024), oferecem perspectivas distintas e complementares acerca da presença e da documentação das LIS no Brasil. A análise comparativa dos dois trabalhos revela não apenas diferenças de recorte metodológico, mas também enfoques analíticos que ajudam a compreender a complexidade do campo.

A abordagem de Santos (2024): ampliação do panorama e diversidade em potencial, ela tem como eixo central a descrição e análise da Língua Indígena Pataxó de Sinais, destacando seu papel na formação escolar e no fortalecimento identitário dos indígenas surdos. No entanto, o autor amplia seu olhar para além da comunidade Pataxó, propondo um levantamento mais abrangente sobre outras LISs identificadas no Brasil. Seu estudo registra 31 LISs, número significativamente superior ao apresentado por Garcia (2024). Esse resultado se deve ao critério inclusivo adotado: O autor considera não apenas as LISs que já possuem descrição formal em trabalhos acadêmicos, mas também aquelas identificadas em campo por meio de relatos etnográficos, registros comunitários ou menções em pesquisas antropológicas. Assim, ele buscou dar visibilidade a uma diversidade ainda pouco documentada, reconhecendo a existência do uso dos sinais em diferentes povos indígenas que permanecem à margem dos registros oficiais.

Um dos argumentos centrais de Santos (2024) é que “a diversidade das Línguas Indígenas de Sinais no Brasil ultrapassa em muito os números oficialmente registrados, e reconhecer sua existência, mesmo em estágios preliminares de documentação, é passo essencial para a valorização e preservação desses sistemas linguísticos” (Santos, 2024, p. 89). Dessa forma, sua contribuição está em evidenciar a amplitude do fenômeno, ainda que nem todas as línguas listadas tenham sido objeto de descrição detalhada.

Em contraste, o trabalho de Garcia (2024) busca oferecer um levantamento das LISs já catalogadas no Brasil, privilegiando aquelas que possuem descrição formal e documentação acadêmica consolidada. A autora elenca 9 línguas de sinais indígenas reconhecidas até o momento, considerando apenas aquelas registradas em bases institucionais e publicações científicas que conferem legitimidade ao dado. Com uma abordagem bibliográfica e documental, voltada para sistematizar o que já está consolidado na literatura. A preocupação da autora foi com a segurança metodológica e a validação científica das informações. Segundo a ela, “o número reduzido de línguas indígenas de sinais catalogadas não significa ausência de diversidade, mas indica a carência de documentação linguística sistemática, o que reforça a urgência de pesquisas descritivas e etnográficas” (Garcia, 2024, p. 42).

Assim, embora o número apresentado por Garcia (2024) seja menor que o de Santos (2024), sua análise traz a contribuição de oferecer um quadro sólido e confiável sobre o estado atual da documentação. Seu objetivo não é mapear potencialidades, mas consolidar o que já se encontra registrado e reconhecido. O fato de ambos os trabalhos terem sido defendidos em 2024 mostra que estamos diante de uma geração de pesquisas contemporâneas que colocam em

evidência as LIS. Embora apresentem números diferentes, não há contradição direta entre os dois levantamentos, mas sim diferenças metodológicas e de escopo.

Santos (2024) busca dar visibilidade à diversidade em potencial, ainda que não completamente descrita, reforçando a ideia de que há muitas LISs que necessitam de atenção e documentação. Enquanto, Garcia (2024), por sua vez, preocupa-se em apresentar as LISs formalmente catalogadas, oferecendo um retrato mais restrito, porém mais seguro, do estado da arte. Em conjunto, as duas pesquisas se complementam: enquanto um chama a atenção para a urgência da documentação e para a diversidade ainda invisibilizada, a outra evidencia as conquistas já alcançadas e o patrimônio linguístico consolidado até o momento. Ambas, portanto, demonstram que o campo das LISs no Brasil encontra-se em plena expansão, exigindo abordagens que integrem tanto a exploração etnográfica quanto a sistematização documental.

Quadro 4 - Comparação entre Garcia (2024) e Santos (2024) sobre as LIS no Brasil

Aspecto	Garcia (2024)	Santos (2024)
Objetivo	Levantamento bibliográfico e documental das LIS já catalogadas e descritas oficialmente.	Apresentar panorama ampliado das LIS em uso, incluindo aquelas ainda sem descrição formal.
Crítérios de inclusão	Apenas LIS formalmente descritas em estudos linguísticos ou com registro acadêmico publicado.	Inclui LIS registradas em campo, mencionadas em etnografias e relatos comunitários.
Número de línguas listadas	9 LIS catalogadas.	31 LIS em diferentes estágios de uso e documentação.
Abordagem metodológica	Bibliográfica e documental, focada em produções já publicadas e reconhecidas.	Etnográfica e exploratória, com base em múltiplas fontes.
Contribuição principal	Visão consolidada e segura sobre o estado atual da documentação.	Amplia o debate, mostrando a diversidade e a necessidade de documentação urgente.
Limitação	Pode subestimar a diversidade existente, pois considera apenas línguas formalmente catalogadas.	Pode incluir línguas em estágio inicial ou pouco documentadas, sem padronização descritiva.

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Garcia (2024) e Santos (2024).

Embora já tenha sido detalhado anteriormente, a diferença entre os números apresentados (9 vs. 31) não representa uma contradição, mas uma diferença de recorte metodológico. Santos (2024) chama atenção para o que ainda precisa ser documentado, apontando a diversidade em potencial, enquanto Garcia (2024) foca naquilo que já está formalmente consolidado na literatura científica. Dessa forma, o quadro geral apresentado acima sobre as LISs no Brasil pode ser entendido em dois níveis: (i) Nível consolidado: aquelas já descritas e catalogadas (Garcia, 2024), e; (ii) Nível emergente: aquelas em uso, identificadas em pesquisas etnográficas e comunitárias, mas ainda carentes de descrição sistemática (Santos, 2024).

A seguir, apresentam-se os resultados da investigação referente às LISs, realizada a partir da análise das dissertações e teses disponíveis no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), com o objetivo de identificar o estado atual das pesquisas sobre o tema no Brasil. Esta pesquisa consistiu em uma busca sistemática na referida plataforma, utilizando os descritores “Língua Indígena de Sinais” e “Surdos” em todos os campos de pesquisa disponíveis. O recorte temporal abrangeu o período compreendido entre 2020 e 2025, de modo a contemplar as produções mais recentes e alinhadas às discussões contemporâneas sobre o tema.

Quadro 5 - LIS na BDTD de 2020 a 2025

Título	Autor(a)	Ano	Tipo
A surdez na aldeia: análise de uma realidade à luz da teoria histórico-cultural	Cunha, Bárbara Almeida da	2020	Dissertação
O ensino de astronomia indígena para surdos	Martins, Caroliny Capetta	2020	Dissertação
Comunicação de uma indígena surda no ensino superior: um estudo de caso	Mateus, Marcia Aparecida Rodrigues	2021	Dissertação
Inventário de línguas de sinais emergentes encontradas no Brasil: o caso da Cena (Jaicós, PI) e da língua de sinais de Caiçara (Várzea Alegre, CE)	Silva, Diná Souza da	2021	Tese
Mínidicionário digital da língua de sinais munduruku	Ferreira, Ivanilton	2021	Dissertação
Educação escolar de indígenas surdos: Um olhar para o contexto Apinajé	Barroso, Fabiane Silva	2022	Dissertação
Análise da língua de sinais Paiter Suruí com base na Teoria da Infopoliglossia	Conceição, José Sebastião	2023	Dissertação
O povo da água: a emergência da língua Omágua-Kambeba de sinais, uma descrição multimodal	Santos, Marcos Roberto dos	2023	Tese
Levantamento das línguas de sinais indígenas já catalogadas no Brasil	Garcia, Gabriella Vanessa Gonçalves da Silva	2024	Dissertação
Língua Indígena Pataxó de Sinais: um enfoque na formação escolar dos indígenas pataxós surdos	Santos, David Kaique Rodrigues dos	2024	Dissertação
Objetos digitais e multiletramentos para o ensino de línguas na educação de indígenas surdos: desafios e proposições	Vilhalva, Shirley	2024	Tese
Os parâmetros da Língua Brasileira de Sinais e da Língua Terena de Sinais sob a perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional	Magno Pinheiro de Almeida	2025	Tese

Fonte: Produzido pela autora.

O crescimento gradual das pesquisas voltadas às LISs e às experiências dos indígenas Surdos de diferentes povos no Brasil é evidente, sobretudo a partir do ano de 2020. Esse recorte temporal coincide com a ampliação do debate acadêmico sobre diversidade linguística e direitos linguísticos, fomentado por políticas recentes como a Década Internacional das Línguas Indígenas (2022–2032)⁴, instituída pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a

⁴ Para maiores informações acesse: <https://www.unesco.org/en/decades/indigenous-languages>

Ciência e a Cultura (Unesco) e incorporada em agendas nacionais de pesquisa e extensão. Nesse contexto, observa-se o surgimento de pesquisas que abordam múltiplas dimensões do tema, abrangendo desde a educação de indígenas surdos — como nas investigações de Mateus (2021) e Barroso (2022) — até os estudos voltados à documentação e descrição linguística de línguas de sinais emergentes. Entre esses, destacam-se os trabalhos de Ferreira (2021), sobre a Língua Indígena Munduruku de Sinais (LIMS); de Santos (2023), que analisa a Língua Indígena Omágua-Kambebe de Sinais (LIOKS); de Garcia (2024), responsável por um levantamento nacional das LISs já catalogadas no Brasil; e de Santos (2024), que aponta a existência de um número ainda maior de LISs do que as oficialmente registradas.

No âmbito da educação intercultural, Barroso (2022) analisa o contexto da povo Apinajé, destacando os desafios e potencialidades das práticas pedagógicas bilíngues, enfatizando o papel das escolas indígenas como espaços de resistência cultural. Nessa mesma linha, Mateus (2021) traz um estudo de caso sobre a trajetória de uma mulher indígena Surda no ensino superior, refletindo sobre as barreiras comunicativas e as estratégias de mediação linguística necessárias para garantir o direito à educação inclusiva. Ambas as pesquisas evidenciam que a educação de indígenas Surdos não se resume à inserção da Libras no contexto escolar, mas requer o reconhecimento e a valorização das formas locais de sinalização, constitutivas das identidades linguísticas desses povos.

Já no campo da documentação linguística, Ferreira (2021) propõe a elaboração de um minidicionário digital da Língua Indígena Munduruku de Sinais (LIMS), contribuindo significativamente para a preservação e divulgação dessa língua. Santos (2023), por sua vez, desenvolve um estudo descritivo e multimodal sobre a Língua Indígena Omágua-Kambebe de Sinais (LIOKS), discutindo os processos de emergência, estabilização e variação dos sinais em contexto comunitário, apontando para o caráter dinâmico e criativo das LIS.

Viu-se no início deste capítulo que Garcia (2024) realizou um levantamento nacional das LISs catalogadas no Brasil, oferecendo um panorama inédito e sistematizado das iniciativas de pesquisa existente. Por outro lado, a investigação de Santos (2024) discute a necessidade de reconhecimento das LISs como parte das políticas públicas de valorização da diversidade linguística nacional, defendendo que sua inclusão em programas educacionais e culturais é essencial para a efetivação dos direitos linguísticos dos povos indígenas surdos. Em conjunto, esses trabalhos revelam um movimento de fortalecimento acadêmico e político destas pesquisas transitam entre o campo da descrição linguística, da educação intercultural e das políticas públicas. As abordagens desses autores demonstram que as LISs não apenas expressam a diversidade linguística e cultural dos povos indígenas, mas também constituem símbolos de

resistência e afirmação identitária, situando-se no centro das discussões contemporâneas sobre direitos linguísticos, inclusão e descolonização do conhecimento.

Dentre os trabalhos apresentados no Quadro 5, optou-se por fundamentar a coleta dos sinais da LIAS no produto acadêmico resultante da dissertação de mestrado de Ferreira (2021), que elaborou um minidicionário da Língua Indígena Munduruku de Sinais (LIMS). A pesquisa de campo que subsidiou a elaboração desse minidicionário foi realizada na aldeia Karapanatuba, localizada na Terra Indígena Munduruku, no município de Jacareacanga (PA). O autor registra que, em 2019, das 4.869 matrículas de estudantes indígenas naquele município, 76 correspondiam a alunos com deficiência, entre os quais dez eram estudantes surdos. No referido trabalho, Ferreira (2021, p. 21) sistematiza uma lista de sinais, apresentando suas terminologias na LIMS, bem como a correspondência lexical em língua Munduruku, em português e em Libras.

Porém, as comunidades que se comunicam através de sinais próprios, como é o caso dos indígenas surdos da etnia Munduruku, necessitam considerar e registrar essa língua local, para que haja a perpetuação e o respeito à comunicação efetuada entre os pares como cultural local, ou cultura Surda local (Ferreira, 2021, p. 13).

Inspirado pela metodologia de Ferreira (2021), o presente estudo adotou procedimentos semelhantes para a coleta e organização dos sinais da LIAS, considerando as especificidades sociolinguísticas e culturais da comunidade Apinajé e as dinâmicas próprias de constituição de seu repertório linguístico-visual. Assim como o autor supracitado, Vilhalva (2009) e Quadros (2019) também enfatizam a urgência de políticas públicas voltadas à preservação e à valorização das línguas de sinais minoritárias, dada sua acentuada vulnerabilidade à extinção. No caso da LIAS, essa preocupação mostra-se especialmente relevante diante da situação sociolinguística vivenciada pelos indígenas Surdos Apinajé. Tal risco decorre, sobretudo, de dois fatores: o número reduzido de usuários proficientes na língua dentro da própria comunidade e a crescente exposição das crianças Apinajé à Libras no ambiente escolar. Essa convivência linguística, embora positiva sob a perspectiva da inclusão e da comunicação intercultural, pode, inadvertidamente, promover um processo de deslocamento linguístico, no qual a LIAS tende a ser gradualmente substituída pela Libras. A análise preliminar dessa influência, apresentada na conclusão desta tese, busca evidenciar como as dinâmicas de contato linguístico, aliadas às políticas educacionais, impactam a vitalidade e a transmissão intergeracional da língua de sinais Apinajé.

Figura 5 - Ficha catalográfica da LIMS

LSM		LIBRAS	
			
Munduruku escrito: Akoba		Português Escrito: Banana	
DEFINIÇÃO	Planta da família musaceae, originária do sudeste da Ásia e que se adaptou em regiões com clima tropical, seu fruto é muito nutritivo. Ex. na língua munduruku: konet i akoba yo yoi ba oi eju ¹ .	Planta da família musaceae, originária do sudeste da Ásia e que se adaptou em regiões com clima tropical, seu fruto é muito nutritivo. Ex. na língua portuguesa: o consumo da banana pode trazer vários benefícios à saúde e previne contra doenças.	
CATEGORIA	Alimentos	Alimentos	
CLASSIFICAÇÃO GRAMATICAL	Substantivo	Substantivo	
GÊNERO	Feminino	Feminino	
CONFIGURAÇÃO DE MÃO			
MOVIMENTO	Movimento retilíneo	Movimento semicircular	
PONTO DE ARTICULAÇÃO	Espaço neutro em frente ao corpo	Espaço neutro em frente ao corpo	
DIREÇÃO/ORIENTAÇÃO	Palma da mão direita virada para baixo, em A. Palma da mão esquerda para baixo em D.	Mão direita fechada, palma para baixo, dedo polegar e o indicador distendidos e unidos pelas pontas. Mão esquerda em D, na vertical, palma para direita. Move-se a mão direita para baixo duas vezes.	
EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS	Sem expressão	Sem expressão	

¹Y' taneho foi banana amassada com farinha

Fonte: Ferreira (2021, p. 23).

A Figura acima apresenta um modelo de ficha catalográfica comparativa entre a Língua Indígena Munduruku de Sinais (LIMS) e a Libras, tomando como exemplo o sinal correspondente ao termo “banana” (em munduruku, aluhu). Esse formato, inspirado na proposta metodológica de Ferreira (2021), constitui uma referência importante para a organização e descrição dos sinais coletados no presente estudo, em que foi adotado um modelo semelhante de ficha, ajustado às especificidades linguísticas e culturais do povo Apinajé. Assim como na Ficha apresentada, cada registro lexical da LIAS é descrito de forma sistemática, contemplando os seguintes aspectos: categoria semântica, classificação gramatical, (configuração de mão, movimento, ponto de articulação, direção/orientação e expressões não manuais) e, por fim, a semelhança ou diferenças com o mesmo sinal na Libras.

Esse formato permite não apenas uma comparação estruturada entre a LIAS, a Libras e outras LISs, mas também evidencia a riqueza e a complexidade dos processos de criação e uso dos sinais nas comunidades indígenas com Surdos. Ao incluir elementos de escrita em português e na língua indígena oral, a Ficha reforça o caráter interdisciplinar e intercultural da pesquisa, unindo os campos da Linguística, Antropologia e Educação. Além de seu valor descritivo, a ficha catalográfica desempenha um papel essencial na documentação e preservação

da LIAS, contribuindo para o reconhecimento de seu léxico como parte do patrimônio linguístico e cultural do povo Apinajé. Dessa forma, a elaboração dessas fichas representa um passo significativo no esforço de valorização e visibilidade das LISs.

3.1 A ICONICIDADE DAS LÍNGUAS INDÍGENAS DE SINAIS

A investigação sobre LIS no Brasil tem revelado sistemas linguísticos repletos de iconicidade, aspecto que sublinha sua legitimidade como línguas naturais. Soares e Fargetti (2022) apresentam um panorama robusto do uso dessas línguas, destacando que, além da Libras, existem línguas plenamente estabelecidas — como a Ka’apor e a Terena — e outras classificadas como “possíveis línguas de sinais” em fase de documentação. Essas variantes, ainda em descrição, já demonstram presença de formas icônicas que emergem a partir da corporalidade e do contexto cultural indígena.

Essas línguas exploram intensamente a iconicidade enquanto recurso formativo. Essa característica manifesta-se na formação dos sinais que evocam diretamente ações ou objetos por meio de configurações manuais, movimentos e espacialização do corpo. Muitas dessas línguas têm sido classificadas como emergentes, mas o uso recorrente da iconicidade revela que se trata de sistemas linguísticos organizados e produtivos. Amorim (2021), ao analisar a Língua Indígena Terena de Sinais (LITS), demonstra que a iconicidade não é apenas um recurso expressivo, mas um motor de processos de gramaticalização, permitindo que formas inicialmente motivadas passem a integrar a estrutura linguística de maneira convencionalizada. Assim, confirma-se que a iconicidade, longe de fragilizar a arbitrariedade, contribui ativamente para a constituição gramatical dessas línguas. Entre os povos indígenas brasileiros, destacam-se alguns casos já documentados:

- Ka’apor (Maranhão): Kakumasu (1968), Ferreira-Brito (1984) e Godoy (2020) apresentam considerações iniciais sobre a língua de sinais Urubu-Ka’apor, ressaltando que a comunidade possui uma língua plenamente estabelecida, em que os sinais são altamente icônicos, mas também seguem convenções gramaticais próprias, o que reforça seu status linguístico;
- Terena (Mato Grosso do Sul e São Paulo): Além das análises pioneiras de Soares (2018), que descreveu sinais em uso entre os Terena, Candelario (2023) mostra a convivência entre Libras e sinais nativos, apontando que a iconicidade atua como mediadora no contato entre línguas, permitindo tanto a criação de novos sinais quanto a adaptação de sinais já existentes;

- Paiter Suruí (Rondônia): Eler, Carvalho e Suruí (2019) descrevem a Língua Indígena Paiter Suruí de Sinais (LIPSS) e destacam sua íntima relação com práticas culturais. Muitos sinais derivam das ações icônicas ligados ao corpo, ao ambiente natural e a elementos rituais, confirmando a dimensão culturalmente situada da iconicidade;

- Pataxó (Bahia e Minas Gerais): Santos (2024) analisa a Língua Indígena Pataxó de Sinais (LIPS), enfatizando seu papel na formação escolar de indígenas surdos. O autor demonstra que a iconicidade é um recurso fundamental para a construção do léxico, pois muitos sinais emergem diretamente de práticas culturais, atividades cotidianas e símbolos identitários Pataxó. A pesquisa também evidencia que, no espaço escolar, a língua de sinais atua como instrumento de fortalecimento cultural e de afirmação identitária, mostrando que a iconicidade não apenas contribui para a estrutura linguística, mas também para a resistência e valorização das línguas indígenas no âmbito educacional;

- Levantamento geral: Garcia (2024) sistematiza um inventário das LISs já catalogadas no Brasil, demonstrando que a maioria delas apresenta forte motivação icônica. Essa evidência reforça a tese de que a iconicidade constitui elemento central na emergência e consolidação dessas línguas, funcionando como base para sua vitalidade.

O conjunto dessas pesquisas confirma que a iconicidade é decisiva tanto no surgimento quanto no fortalecimento das LIS. Em todos os contextos analisados, ela atua como ponte entre experiência concreta e organização linguística, permitindo a transição de formas espontâneas para convenções estáveis. Como demonstram Soares (2018), Amorim (2021) e Santos (2024), os sinais inicialmente motivados iconicamente são progressivamente gramaticalizados, consolidando-se como parte do sistema linguístico e como instrumentos de identidade cultural. O estudo da iconicidade nas línguas indígenas de sinais brasileiras revela a diversidade e a complexidade desses sistemas. A documentação desses processos (Eler; Carvalho; Suruí, 2019; Godoy, 2020; Amorim, 2021; Candelario, 2023; Santos, 2024; Garcia, 2024) evidencia que tais línguas não apenas existem, mas florescem como parte essencial da diversidade linguística e cultural do Brasil. Reconhecer a iconicidade nesses contextos é também um passo fundamental para a valorização e o fortalecimento dos direitos linguísticos dos povos indígenas surdos.

A análise dos estudos sobre as LISs permitiu compreender que essas línguas emergem de contextos socioculturais específicos, nos quais a comunicação visual-gestual se desenvolve como resposta às necessidades interativas e identitárias dos povos indígenas. Ao mesmo tempo em que revelam a diversidade linguística e cultural do Brasil, as LIS evidenciam processos de criação linguística pautados na experiência corpórea e na relação direta com o ambiente natural e social de cada povo. Nesse cenário, um dos aspectos que mais se destaca na constituição

dessas línguas é a presença marcante da iconicidade, elemento estruturante que aproxima forma e significado e confere às LISs uma expressividade singular. Assim, compreender o papel da iconicidade dentro deste contexto é fundamental para reconhecer sua legitimidade como línguas naturais e para compreender os mecanismos pelos quais os povos indígenas Surdos constroem e organizam seus sistemas linguísticos.

A partir do panorama apresentado sobre a presença e o papel da iconicidade nas LISs, torna-se possível compreender que a estrutura linguística dessas línguas reflete de maneira direta a experiência sensorial, cultural e simbólica de cada povo. Essa constatação conduz à necessidade de observar, com maior profundidade, o contexto sociocultural no qual a LIAS se desenvolve. A análise dela, portanto, não pode ser dissociada da compreensão do povo Apinajé, de suas práticas comunicativas, de sua organização social e de sua relação com o território. É nesse cenário que a língua ganha vida e significado, expressando não apenas um sistema linguístico autônomo, mas também um modo de ver, sentir e representar o mundo. Assim, o próximo capítulo dedica-se a apresentar o povo Apinajé, oferecendo o contexto histórico e cultural indispensável para compreender a gênese e a singularidade de sua língua de sinais.

4 O POVO APINAJÉ

Ao longo deste capítulo, objetiva-se apresentar uma visão ampliada e atualizada sobre o povo Apinajé, abordando sua origem, territorialidade, aspectos linguísticos, educacionais e culturais e buscando compreender as condições históricas e socioculturais que sustentam a emergência da LIAS como expressão legítima de um povo que articula tradição, resistência e inovação linguística.

A revisão bibliográfica teve como base em autores clássicos como Albuquerque (1999, 2007, 2008) e Almeida (2011, 2013, 2015), e dialoga com os estudos recentes de Silva (2021), Cunha (2022), Fagundes (2022), Oliveira e Albuquerque (2023) e fontes institucionais atualizadas (SIASI/SESAI, 2021; ISA, 2023). Também são retomadas as contribuições de Da Matta (1976) e Nimuendajú (1983), que permanecem como marcos de referência para a compreensão etnográfica inicial do povo Apinajé.

O povo Apinajé pertence ao tronco linguístico Macro-Jê e ao grupo Jê setentrional, sendo reconhecido como um dos povos mais expressivos do norte do Tocantins. Os registros mais antigos sobre os Apinajé foram realizados por Curt Unkel Nimuendajú, etnólogo alemão que imigrou para o Brasil em 1903 e documentou suas observações entre 1928 e 1930. Em suas anotações, o autor descreve a organização social, os costumes, a cosmologia e as aldeias de Mariazinha, Cocal, Gato Preto e Bacaba (Nimuendajú, 1983).

Pesquisas recentes ampliam esse panorama, propondo uma leitura diacrônica da formação histórica do território Apinajé. Segundo Fagundes (2022), a ocupação tradicional desse povo deve ser entendida como um processo de longa duração, no qual elementos da paisagem — rios, serras e árvores sagradas — constituem marcos de memória e pertencimento. A territorialidade, portanto, é tanto material quanto simbólica, expressando-se em narrativas míticas e trajetórias rituais.

Atualmente, os Apinajé estão localizados na região norte do estado do Tocantins, ocupando uma área de aproximadamente 142 mil hectares, que se estende pelos municípios de Tocantinópolis, Cachoeirinha, Luzinópolis, São Bento e Maurilândia. O território Apinajé situa-se em uma zona de transição ecológica entre o cerrado e as matas de galeria, o que confere diversidade ambiental e simbólica às suas práticas de subsistência (ISA, 2023).

De acordo com o Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena (SIASI/SESAI, 2021), a população Apinajé é estimada em cerca de 3.009 indivíduos, distribuídos em 54 aldeias. Essa expansão demográfica representa um importante processo de recomposição populacional, considerando o declínio vivido ao longo do século XX. As aldeias se organizam

em torno de famílias extensas, com forte ênfase na cooperação intergeracional e na oralidade como principal forma de transmissão do conhecimento.

A cultura Apinajé é marcada por um sistema de metades cerimoniais e de filiação dual, conforme analisado por Da Matta (1976) e Giralдин (2001). Essa estrutura organiza não apenas os rituais, mas também os papéis sociais e as formas de reciprocidade interna. As danças, os cantos e a pintura corporal com padrões geométricos — frequentemente de cores vermelha, preta e branca — configuram marcas de identidade e resistência cultural (Silva; Nascimento, 2021). Além disso, estudos sobre antropônimos Apinajé (Silva, 2021) mostram que os nomes pessoais e coletivos funcionam como dispositivos de memória e pertencimento, refletindo as relações de parentesco, de status e de continuidade com os antepassados. A nomeação, nesse contexto, é um ato político e espiritual, que reafirma o lugar de cada indivíduo na coletividade.

A Língua Indígena Apinajé Vocal (LIAV) denominada Panhĩ Kapër — pertence ao subgrupo Trans-Tocantins das línguas Jê setentrionais, junto com o Mëbêngôkre, o Tapayúna e o Kĩsêdjê (Oliveira, 2005; Santos, 2022). Estudos linguísticos classificam o idioma como de vitalidade média, ou seja, ainda falado de forma intergeracional, mas sob crescente pressão do português (ISA, 2023). Santos (2022) mapeou a distribuição geolinguística do Apinajé no Tocantins, destacando seu papel na preservação da diversidade linguística regional. A língua, de estrutura aglutinante, apresenta um sistema de pronomes e posposições complexo, com processos de harmonia vocálica e alternância consonantal típicos das línguas Jê.

Em termos educacionais, Oliveira e Albuquerque (2023) analisam a relevância da língua materna Apinajé na escola indígena, mostrando que o ensino bilíngue é essencial para fortalecer a identidade étnica e a autoestima dos estudantes. Projetos de documentação linguística, em parceria com universidades e organizações indígenas, vêm gerando glossários, dicionários e registros audiovisuais que ampliam o acesso à língua e sua legitimidade científica (Rodrigues; Cabral, 2018).

A manutenção da língua também está diretamente ligada às políticas de educação bilíngue intercultural. O currículo das escolas Apinajé é construído com base nas demandas locais, integrando conteúdos sobre cosmologia, história oral, medicina tradicional e práticas agrícolas. O calendário escolar acompanha os ciclos da natureza e das festas rituais, reforçando o vínculo entre escola e território. A educação escolar entre os Apinajé tem sido construída como espaço de afirmação cultural e resistência política. Professores indígenas — muitos formados em cursos de Licenciatura Intercultural — vêm assumindo papel central na produção de materiais didáticos bilíngues e na valorização dos saberes locais.

A escola indígena Apinajé não se limita à função instrutiva, mas atua como elo entre o conhecimento tradicional e as exigências do mundo contemporâneo. A pedagogia é pautada na escuta dos mais velhos, na oralidade e na integração com o cotidiano da aldeia. Apesar das dificuldades estruturais — como a escassez de recursos e a precariedade de infraestrutura —, a educação Apinajé expressa um projeto coletivo de autonomia e dignidade. Como observo “a escola ultrapassa os limites da aprendizagem formal: ela é espaço de diálogo com os saberes ancestrais, com a língua Apinajé vocal-auditiva e com a organização comunitária” (Barroso 2022 p.122). Esse olhar reforça o caráter emancipatório da educação indígena e sua contribuição para a preservação da diversidade linguística e cultural.

4.1 OS INDÍGENAS SURDOS APINAJÉ

Barroso (2022) identificou a presença de sete indígenas Surdos distribuídos em quatro aldeias Apinajé. Com o avanço desta pesquisa, especialmente a partir das etapas de campo e da colaboração dos discentes indígenas envolvidos no levantamento de dados, foi possível identificar mais dois indígenas Surdos que não haviam sido contabilizados anteriormente. No entanto, durante o percurso da investigação, ocorreram duas perdas significativas para a comunidade: em maio de 2024, antes do início das visitas de campo, faleceu a senhora Oscarina Apinajé, e, no segundo semestre de 2025, o adolescente Guilherme Apinajé também veio a falecer. Na relação apresentada a seguir, o indígena Surdo Arielson Apinajé aparece registrado como morador da aldeia São José, e não da aldeia Abacaxi, em decorrência de uma mudança de aldeia ocorrida posteriormente. Considerando essas alterações, a população atualmente conhecida de indígenas Surdos Apinajé composta por:

Quadro 6 - População de indígenas Surdos Apinajé

Nº	INDÍGENA SURDO	IDADE	ALDEIA
1	Rafael Apinajé	18 anos	Palmeira
2	Alice Apinajé	12 anos	Palmeira
3	Ana Júlia Apinajé	9 anos	Patizal
4	Arielson Apinajé	31 anos	São José
5	D.L.R.A*	57 anos	Bacaba
6	M.Z.F.A*	30 anos	Mariazinha
7	L.E.D.A*	13 anos	São José

* Não obtivemos a autorização para a divulgação dos nomes

Fonte: A autora com base nos dados da pesquisa.

A análise dessa breve seção evidencia o quanto é urgente e necessária a documentação da Língua Indígena Apinajé de Sinais (LIAS), sobretudo, diante das mudanças vividas pela própria comunidade. O avanço desta pesquisa e a participação ativa dos discentes indígenas nas

etapas de campo, possibilitou a identificação de dois novos indígenas Surdos, ampliando o conhecimento sobre a presença da surdez entre os Apinajé. Ao mesmo tempo, esse processo foi atravessado por momentos de profunda dor: o falecimento da senhora Oscarina Apinajé, em 2024, e do jovem Guilherme Apinajé, em 2025, marcaram de forma significativa a trajetória desta investigação e da própria comunidade.

A senhora Oscarina, mãe do indígena Surdo Rafael Apinajé, era uma figura muito respeitada e reconhecida pelo papel que desempenhava nas interações diárias com o filho e com outros membros Surdos da Aldeia. Ela dominava vários sinais e fazia parte de um pequeno grupo de pessoas que utilizavam a LIAS em diferentes situações do cotidiano. Sua partida significou não apenas a perda de uma mulher sábia e afetuosa, mas também o desaparecimento de parte importante da memória linguística e cultural que ajudava a manter viva a língua de sinais entre os Apinajé.

De forma semelhante, a morte do adolescente Guilherme Apinajé trouxe uma dor sentida por todos na Aldeia, mas terá um impacto ainda mais profundo sobre Ana Júlia, também Surda, moradora da mesma Aldeia e que frequentava a mesma escola indígena dele. Os dois compartilhavam experiências, brincadeiras e aprendizados, comunicando-se com naturalidade por meio da LIAS. A ausência de Guilherme pode representar para Ana Júlia um vazio linguístico e afetivo difícil de preencher, já que a convivência entre pares Surdos é fundamental para o fortalecimento e a continuidade de qualquer língua de sinais, especialmente em contextos minoritários.

Essas perdas mostram que cada vida guarda um pedaço da língua, da história e da identidade coletiva. Registrar, descrever e preservar os sinais utilizados pelos Apinajé não é apenas o resultado de uma pesquisa, mas também é um ato de cuidado e resistência. Documentar a LIAS é, em essência, uma forma de honrar a memória de quem partiu e garantir que as vozes visuais desse povo continuem ecoando nas gerações futuras.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A presente pesquisa doutoral tem suas raízes em uma trajetória iniciada em 2019, quando ingressei na carreira docente na UFNT. Foi nesse contexto que os discentes indígenas do curso de Licenciatura em Educação do Campo me apresentaram questionamentos sobre o processo de aquisição da língua de sinais por indígenas Surdos de suas aldeias. Motivada por essas indagações, realizei, ainda naquele ano, as primeiras visitas às aldeias, momento em que pude observar a existência de uma forma de comunicação visual distinta da Libras — um sistema de sinais próprio, utilizado entre os indígenas Surdos e seus familiares, que despertou em mim o desejo de compreender melhor essa dinâmica linguística e cultural.

Contudo, o avanço da pandemia da Covid-19, entre 2020 e 2021, interrompeu temporariamente o prosseguimento da pesquisa de campo, uma vez que os povos indígenas permaneceram em isolamento social, seguindo as orientações de proteção sanitária estabelecidas pela FUNAI e pelas lideranças locais. Esse período desafiador marcou uma transição metodológica importante: o ensino remoto passou a ser o único meio de continuidade das atividades acadêmicas na UFNT, e, dentro desse novo cenário, nasceu a proposta de uma investigação colaborativa. Foi então que, por meio da disciplina Libras, ofertada exclusivamente aos estudantes indígenas o levantamento preliminar dos sinais utilizados pelos Surdos em suas aldeias, transformando a limitação imposta pelo distanciamento em uma oportunidade de iniciar o registro sistemático da LIAS.

Foi nesse cenário que ministrei a disciplina Libras, em uma turma composta majoritariamente por discentes Apinajé. Uma oportunidade única de aproximar o ensino acadêmico das realidades vividas nas aldeias. Nesse contexto, vislumbrei a possibilidade de articular a investigação científica ao princípio da Pedagogia da Alternância, conforme previsto no Projeto Pedagógico do Curso de Educação do Campo (UFT, 2018) — uma metodologia que valoriza a integração entre os Tempos Universidade e Comunidade, permitindo que o conhecimento circule em ambas as direções.

Dessa forma, mesmo diante das restrições impostas pela pandemia, tornou-se possível dar continuidade ao processo investigativo de maneira colaborativa, utilizando as atividades propostas na disciplina como ponto de partida para a coleta de insumos linguísticos e culturais. Essa estratégia permitiu aprofundar o estudo sobre a existência ou inexistência de uma LIS específica do povo Apinajé, respeitando as condições de segurança sanitária e, ao mesmo tempo, fortalecendo a participação ativa dos próprios indígenas na construção do conhecimento.

Vale esclarecer que a Pedagogia da Alternância é um processo formativo realizado em dois tempos complementares: o “tempo universidade”, destinado à formação teórica, e o “tempo comunidade”, momento em que os estudantes retornam às comunidades: quilombos, vilarejos e no caso dos discentes indígenas, as suas próprias aldeias para desenvolverem as atividades práticas articuladas com as realidades locais.

Durante o tempo universidade, foi trabalhado os fundamentos teóricos da Libras, discutiu-se sobre as diferentes LISs com base em artigos científicos e planejou-se a atividade de pesquisa que seria desenvolvida no tempo comunidade. Vale dizer que neste momento os discentes indígenas definiram quais as palavras do contexto Apinajé deveriam fazer parte deste levantamento (Apêndice A). As atividades seguiram o cronograma descrito no plano da disciplina:

- Tempo Universidade (26/06/2021 a 10/07/2021): Introdução à Libras, leitura de textos sobre as LIS e planejamento da atividade de pesquisa;
- Tempo Comunidade (18/07/2021 a 01/08/2021): Levantamento de dados nas aldeias;
- Tempo Universidade – Retorno (07/08/2021 a 14/08/2021): Socialização e análise dos resultados obtidos.

Durante a etapa seguinte, correspondente ao tempo comunidade, os discentes indígenas — já em suas aldeias — deram continuidade às atividades de pesquisa iniciadas na disciplina Libras, realizando o mapeamento dos indígenas Surdos do povo Apinajé e a coleta preliminar de sinais utilizados nas interações cotidianas. Essa metodologia configurou-se como um exercício de iniciação científica e uma experiência de pesquisa colaborativa, conduzida de forma ética e participativa, mesmo diante das limitações impostas pela pandemia.

Nesse contexto, a primeira fotografia apresentada nesta tese ganha relevância simbólica e metodológica: ela foi registrada por um dos discentes da turma de 2021, durante o período de isolamento social, e representa um dos primeiros indícios visuais do trabalho desenvolvido pelos próprios estudantes nas aldeias. Esse registro evidencia o envolvimento direto dos participantes e o caráter formativo da experiência, que uniu ensino, pesquisa e extensão em um mesmo movimento de construção coletiva do conhecimento.

Para realização do presente estudo, foi encaminhado à Funai o documento “Autorização de ingresso em terra indígena (Anexo A), que dentre outras informações, apresenta o objetivo do ingresso na terra indígena, em qual localidade e com qual povo a pesquisa acontecerá e a data de vigência da autorização. Além disto, foi reafirmado junto à Funai a relevância da documentação desenvolvida na pesquisa através de registros fotográficos e audiovisuais para a preservação do patrimônio linguístico do povo Apinajé. Desta forma, a pesquisadora se

comprometeu a utilizar todos os materiais coletados exclusivamente para fins científicos e acadêmicos, garantindo o pleno respeito à dignidade, identidade, autonomia e direitos culturais dos participantes e de suas comunidades.

As informações que compõem esta pesquisa integram o acervo pessoal da pesquisadora e foram obtidas mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice B) e do Termo de Compromisso (Apêndice C) sobre o uso das imagens obtidas ao longo da pesquisa, devidamente firmado pelos pais ou responsáveis dos indígenas Surdos participantes. Nesse documento, explicitou-se que, por se tratar de registros produzidos com finalidade exclusivamente acadêmica, a identificação seria restrita à presente tese e às ações educativas diretamente vinculadas à pesquisa, observando de forma rigorosa os princípios éticos, culturais e comunitários do povo Apinajé.

Considerando que o estudo aborda uma língua visual utilizada por um número limitado de sinalizantes, foi esclarecido aos participantes e responsáveis que não seria possível assegurar o anonimato. Diante dessa especificidade, optou-se por conduzir o processo de forma ética, transparente e dialogada, solicitando autorização expressa para a identificação nominal dos indígenas Surdos, bem como suas imagens, desde que não houvesse qualquer objeção por parte deles ou de seus representantes legais.

Figura 6 - Levantamento preliminar da LIAS em 2021



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O registro acima foi produzido por um dos discentes indígenas durante as atividades de pesquisa da disciplina Libras, realizadas em 2021. Na primeira imagem, observa-se o indígena surdo Guilherme Apinajé, vestindo camiseta azul, sentado ao lado de seu pai. Já na segunda, encontra-se a indígena surda Ana Júlia Apinajé, de vestido azul, entre outros membros da aldeia. Com o retorno das atividades presenciais e retorno após a licença maternidade da

pesquisadora, a mesma metodologia foi replicada com uma nova turma de estudantes indígenas Apinajé da UFNT, no segundo semestre de 2024.

Nessa edição, o tempo universidade ocorreu de forma presencial, o que possibilitou uma interação mais direta com os discentes, as demais etapas mantiveram o fluxo metodológico da turma de 2021. Um aspecto particularmente significativo dessa nova turma foi a participação da discente indígena Lucineide Apinajé, irmã de um indígena Surdo adulto, Arielson Apinajé, residente na época na Aldeia Abacaxi. Essa circunstância permitiu ampliar a abrangência da pesquisa, uma vez que a validação de parte dos sinais documentados na pesquisa de campo foi confrontada com os dados do trabalho de pesquisa feito pela irmã do Arielson Apinajé, enriquecendo o *corpus* e fortalecendo a consistência linguística dos registros coletados.

Figura 7 - Levantamento preliminar da LIAS em 2024



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A foto acima (Figura 7) é um recorte do trabalho de pesquisa feito pela discente Lucineide Apinajé. Nesta imagem o indígena Surdo está sinalizando ARROZ em LIAS, conforme o roteiro de pesquisa. Neste contexto, os discentes indígenas, tornaram-se pesquisadores de seu próprio contexto, realizando a observação das interações de indígenas Surdos e registrando-as por meio de vídeos e fotografias. Os insumos coletados indicaram diferenças expressivas entre os sinais utilizados nas aldeias e aqueles encontrados na Libras, revelando uma forte marca de iconicidade cultural e fornecendo indícios empíricos que sustentaram a continuidade da pesquisa de campo.

5.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A COLETA DOS DADOS

A pesquisa de campo foi realizada no segundo semestre de 2024 e teve como propósito coletar dados para confirmar, complementar e validar as informações obtidas anteriormente.

Essa fase representou o retorno efetivo da professora às Aldeias, agora na condição de pesquisadora, retomando o contato feito em 2019 com os indígenas Surdos e seus familiares. As atividades de campo foram cuidadosamente planejadas e executadas, ocorrendo após o término do período de licença-maternidade dela e mediante a devida autorização da Funai — documento indispensável para a realização de estudos em terras indígenas (Apêndice B).

O critério de seleção das aldeias e o cronograma de visitas levaram em conta a dispersão geográfica dos indígenas Surdos Apinajé, distribuídos em quatro aldeias distintas. Assim, optou-se por concentrar o trabalho de campo nas Aldeias Palmeira e Patizal, que apresentavam a maior concentração de indígenas surdos — dois em cada localidade, totalizando quatro dos sete identificados, e, pela proximidade logística, com o município de Tocantinópolis, sede da UFNT.

A sistemática das visitas foi organizada de forma a garantir amplitude e consistência nas observações, realizadas ao longo de aproximadamente trinta dias. Em geral, as visitas ocorriam durante o dia, alternando-se entre as Aldeias — por exemplo, pela manhã na Aldeia Palmeira e à tarde na Aldeia Patizal —, o que possibilitou a observação comparativa das interações comunicativas em diferentes contextos familiares e sociais. O apoio logístico para o deslocamento entre Tocantinópolis e as aldeias foi fornecido pelo setor de transporte da UFNT, assegurando regularidade e segurança nas viagens. Todas as visitas foram acompanhadas por uma professora/intérprete de Libras sem uma formação específica⁵ para atuar nesta função, mas com muita boa vontade em colaborar com a pesquisa e com experiência prévia nas escolas indígenas das duas Aldeias visitadas. A professora/intérprete contribuiu de forma significativa para a construção de um ambiente de confiança mútua, facilitando a comunicação e o respeito às especificidades culturais e linguísticas da comunidade.

A primeira etapa da pesquisa de campo consistiu em observar e registrar quando possível as interações comunicativas dos indígenas Surdos em seus contextos naturais, para isto, foram utilizados o diário de campo, os registros fotográficos e de vídeos que tentavam captar a ocorrência dos sinais. Além da observação direta, em alguns momentos, a pesquisadora buscou se envolver ativamente nas dinâmicas para compreender melhor os sinais e a influência da cultura na produção deles (Gil, 2008).

⁵ Para mais informações sobre a situação da falta de formação para Tradutores e intérpretes de Libras e português no estado do Tocantins consulte a capítulo de Carvalho e Guedes (2020), intitulado “Reflexões para orientar a elaboração de um desenho curricular direcionado à formação por competências de tradutoras, tradutores e intérpretes de língua se sinais no estado de Tocantins”, disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/224896/miolo%20vol%202.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Figura 8 - Pesquisa de Campo



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

Os registros acima foram produzidos durante as atividades de campo e capturam momentos significativos de interação e aprendizagem junto aos indígenas Surdos. Na primeira imagem, o indígena Surdo Rafael Apinajé apresenta o uso da tinta extraída do jenipapo, explicando sua aplicação nas pinturas corporais realizadas durante as festividades tradicionais do povo Apinajé. Na segunda, a indígena Surda Ana Júlia compartilha o modo de quebrar a castanha-do-pará, gesto que expressa os saberes do povo passados. Já na última fotografia, a indígena Apinajé Alice demonstra como é sinalizado OVO na LIAS. Esses registros evidenciam não apenas o processo de pesquisa, mas também a riqueza das trocas culturais e linguísticas que emergem do convívio e da observação atenta no contexto da Aldeia.

A continuação da coleta de dados foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, nas quais se buscou identificar os sinais utilizados pelos participantes a partir da apresentação de figuras impressas. Cada entrevista foi realizada individualmente, com a presença dos respectivos responsáveis, garantindo um ambiente acolhedor e respeitoso às dinâmicas familiares. Em seguida, foram promovidos encontros em duplas, com o objetivo de comparar e observar possíveis variações entre os sinais produzidos. A formação das duplas considerou o critério de pertencimento às Aldeias: na Aldeia Palmeira, participaram os indígenas Surdos Rafael e Alice, enquanto na Aldeia Patizal participaram Guilherme e Ana Júlia. Ressalta-se ainda que, além dos próprios indígenas Surdos, também foram realizadas entrevistas com seus familiares, cujas contribuições foram fundamentais para a compreensão do contexto comunicativo e cultural em que os sinais são produzidos.

Figura 9 - Entrevistas



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As imagens apresentadas acima são recortes das gravações realizadas durante as entrevistas em duplas, momentos que marcaram de forma sensível e significativa a etapa de pesquisa de campo. Na primeira fotografia, os indígenas Rafael e Alice demonstram o sinal de café na LIAS; na segunda, a indígena Ana Júlia sinaliza a palavra carne ao lado de Guilherme, também em LIAS. As entrevistas foram conduzidas em uma sala de aula da escola indígena de cada uma das Aldeias, espaço que, além de acolhedor, garantiu condições adequadas para o registro audiovisual dos dados. É possível observar ainda a presença da pesquisadora e dos materiais impressos com as figuras que orientaram na condução da entrevista. Embora não apareçam nas imagens, os pais ou responsáveis das crianças e adolescentes estiveram presentes em todos os momentos, assegurando um ambiente de confiança e respeito cultural.

A pesquisa de campo representou mais do que uma etapa metodológica: foi a consolidação e a validação etnográfica de um percurso iniciado em 2021. Esse processo envolveu não apenas a confirmação das evidências levantadas pelos discentes indígenas, mas também o aprofundamento da compreensão das relações entre língua, iconicidade e cultura. A triangulação entre os registros realizados em 2021, 2024/1 e as observações de 2024/2 permitiu construir um *corpus* sólido e coerente, que fundamenta o reconhecimento da existência da LIAS como uma língua autônoma. Com base nesse material, a metodologia da tese foi organizada em quatro eixos principais:

1. Coleta e registro visual: retomando o modelo colaborativo utilizado nas turmas da disciplina Libras em 2021 e 2024/1, os registros passaram a ser realizados diretamente por mim, em visitas presenciais às aldeias Palmeira e Patizal, após a obtenção das autorizações da Funai (Anexo A) e do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) (Anexo B);

2. Tratamento e organização do *corpus*: os vídeos foram cuidadosamente revisados, categorizados por campos semânticos e acompanhados por registros fotográficos que serviram de base para a representação da LIAS;

3. Análise linguística e cultural: centrada nos parâmetros formais das línguas de sinais — configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão facial — e

em uma leitura etnográfica das relações entre os sinais, os significados e contexto cultural do povo Apinajé.

4. Comparação com a Libras: análise das semelhanças e diferenças entre os sinais das duas línguas, ressaltando tanto os aspectos estruturais quanto as marcas culturais que distinguem a LIAS da Libras.

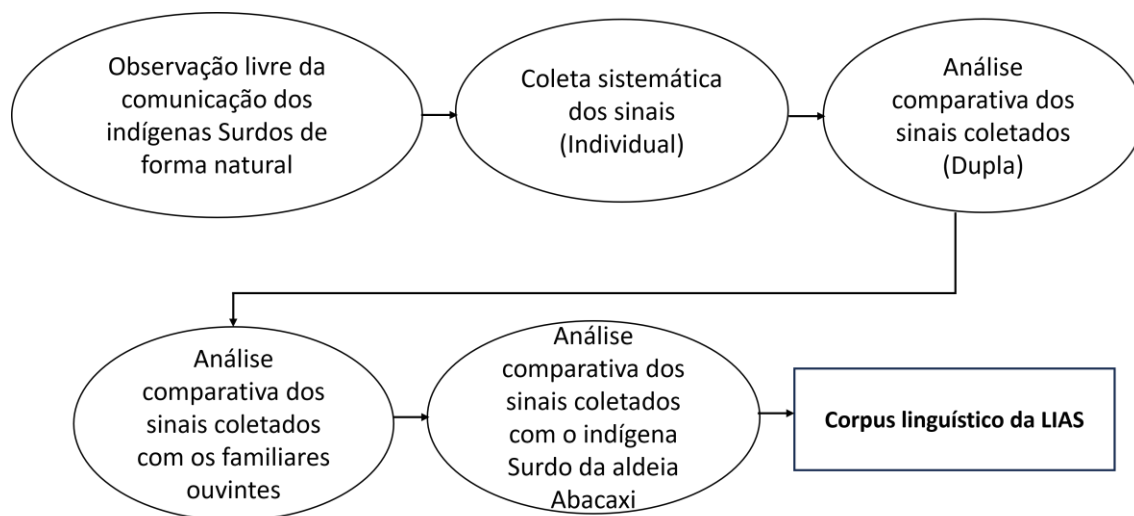
A partir desse conjunto de dados, foi possível documentar e sistematizar um glossário ilustrado da LIAS, preservando a origem colaborativa dos registros de 2021 e 2024/1, e incorporando as análises linguísticas e culturais aprofundadas realizadas presencialmente em 2024/2. Em síntese, a metodologia desta tese nasce de uma experiência docente vivida em meio a um contexto de crise global e se transforma em um processo coletivo de construção de conhecimento. O que começou como uma estratégia pedagógica emergencial tornou-se uma investigação linguística e antropológica sensível e participativa, pautada pela colaboração, pela reciprocidade e pelo profundo respeito aos saberes indígenas e à força da língua de sinais enquanto expressão da cultura Apinajé.

5.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Após a etapa de coleta dos sinais junto aos indígenas Surdos, a pesquisa avançou para um momento fundamental: a análise comparativa desses sinais em relação aos utilizados por seus familiares ouvintes. Essa fase teve como foco central a família de Oscarina Apinajé, uma mulher Surda adulta que veio a falecer em 2024, mãe de Rafael Apinajé — um dos participantes desta pesquisa —, além de outros dois filhos adultos e uma neta. A análise dessa família foi particularmente significativa por permitir observar, de maneira mais próxima, como os sinais circulavam entre diferentes gerações, revelando traços de continuidade e transformação na comunicação.

Com base nesses registros, foi possível realizar também uma comparação entre os sinais empregados pela comunidade Surda das aldeias Palmeira e Patizal e aqueles observados em outro contexto: o do indígena Surdo Arielson Apinajé, residente na aldeia Abacaxi. Essa coleta foi realizada por sua irmã, uma das discentes indígenas do curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFNT, turma de 2024, o que reforça o caráter colaborativo e participativo desta pesquisa, construída com o envolvimento direto dos próprios indígenas.

Figura 10 - Passo a passo metodológico da pesquisa de campo



Fonte: Produzido pela autora.

A metodologia adotada combinou observação, participação e análise comparativa, articulando dimensões etnográficas, linguísticas e culturais. O propósito foi compreender os sinais não apenas como formas de comunicação, mas como manifestações de uma experiência de mundo profundamente vinculada ao modo de vida do povo Apinajé. Cada sinal observado foi entendido como portador de significados culturais e sociais, revelando maneiras próprias de perceber e expressar a realidade. Ancorada em uma abordagem qualitativa e interpretativa, a análise dos dados foi conduzida com sensibilidade e respeito ao contexto pesquisado, valorizando as narrativas, as expressões e os sentidos produzidos pelos participantes. Devido a experiência da pesquisadora como pessoa Surda, houve uma busca por manter uma escuta visual atenta, o que enriqueceu a compreensão das interações e das dinâmicas linguísticas observadas nas aldeias.

Como parte dos procedimentos metodológicos para a análise dos dados, foi elaborada uma narrativa das experiências vividas no campo, ou seja, registrei em vídeo as minhas memórias visuais e afetivas logo após as visitas às aldeias Apinajé. Esse material foi produzido por meio de gravações audiovisuais e anotações reflexivas, nas quais foram descritas, em detalhes, as situações comunicativas vivenciadas, os sinais observados e as interações estabelecidas com os indígenas Surdos e seus familiares.

Esta narrativa não se restringiu apenas a um relato pessoal, mas constitui um dispositivo científico e interpretativo que integra a dimensão subjetiva da experiência à análise linguística e cultural dos dados. Ela possibilitou compreender os sinais em seu contexto real de uso, revelando significados que emergem das relações entre língua, iconicidade e cultura. Ao adotar

essa abordagem, assumiu-se uma postura ética e reflexiva diante do campo, reconhecendo-se como parte do processo investigativo e valorizando o conhecimento produzido a partir da vivência e do olhar Surdo sobre o mundo.

Essa narrativa foi incorporada à análise dos dados como uma fonte complementar de interpretação e validação das informações coletadas em campo. As lembranças registradas logo após as visitas foram confrontadas com os vídeos, fotografias e relatos produzidos pelos discentes indígenas, permitindo uma leitura mais ampla e coerente dos sinais observados. Essa triangulação entre diferentes fontes fortaleceu a credibilidade dos resultados, ao mesmo tempo em que preservou o caráter vivencial da pesquisa.

O percurso metodológico teve início com a imersão no cotidiano Apinajé, seguido pela observação das interações entre os indígenas Surdos e seus familiares, culminando na análise minuciosa dos registros coletados em campo. Essa trajetória, conduzida de forma ética e comprometida com a comunidade, permitiu confirmar, com base científica e cultural, a existência da LIAS como um sistema linguístico autônomo e legítimo, expressão viva da cultura e da identidade do povo Apinajé.

5.3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA A ESCRITA DA TESE

A escrita desta tese constituiu um percurso próprio no decorrer de desenvolvimento da pesquisa, atravessado pelas experiências da autora do presente estudo enquanto mulher Surda, falante de Libras e pesquisadora que está imersa no universo linguístico e cultural do povo Apinajé. Redigir um trabalho acadêmico de grande extensão em língua portuguesa — que para mim é uma segunda língua — significou lidar, simultaneamente, com o desafio da tradução entre modalidades linguísticas e com o compromisso de preservar, com fidelidade, a profundidade dos dados coletados em campo.

Nesse processo, a percepção da escrita não poderia ser compreendida apenas como etapa final da pesquisa, mas como parte integrante dela. Assim como o trabalho etnográfico exigiu sensibilidade para observar, registrar e compreender a LIAS em seu contexto, a escrita demandou cuidado para transformar essas experiências em texto, mantendo a clareza argumentativa e o rigor científico necessários a uma tese de doutorado.

Foi nesse contexto que a pesquisadora autora da pesquisa recorreu a ferramentas tecnológicas de apoio linguístico, entre elas sistemas baseados em inteligência artificial (IA). O uso dessas ferramentas não substituiu a autoria nem tampouco orientou minhas análises; ao contrário, funcionou como um apoio para revisar trechos, reorganizar frases, ajustar a

formalidade textual e conferir unidade ao estilo do texto. Em muitos momentos, recorrer a esse recurso representou uma ponte entre o que eu desejava expressar — a partir de suas percepções visuais e da experiência linguística — e a forma como esse conteúdo precisava ser apresentado na norma culta do português escrito.

Como pesquisadora Surda, compreendo a escrita em português como um esforço contínuo de deslocamento entre línguas e modos de pensar. Assim, as ferramentas de IA atuaram como parte de um conjunto maior de estratégias de acessibilidade linguística que me permitem exercer plenamente minha atividade acadêmica. Elas se somam a outros recursos tradicionalmente utilizados, como dicionários, revisões humanas e softwares de edição, contribuindo para tornar o processo de escrita mais fluido e menos exaustivo.

Ainda que essas tecnologias tenham auxiliado em aspectos formais do texto, toda a construção conceitual, as escolhas metodológicas, as análises empreendidas e as interpretações dos dados permaneceram sob minha responsabilidade direta. Cada trecho foi revisado por mim, confrontado com o corpus e ajustado quando necessário para garantir que a tese preservasse minha voz, minha perspectiva e o compromisso ético que assumi com os participantes da pesquisa.

Opto por incluir esta seção na tese como gesto de transparência e também como reconhecimento de que diferentes trajetórias linguísticas demandam diferentes ferramentas. Ao explicitá-la, reafirmo que a escrita acadêmica não é apenas um produto final, mas um processo vivo, atravessado por desafios e soluções que revelam quem somos enquanto pesquisadoras e pesquisadores. Para mim, esse processo reafirma a importância da acessibilidade, da autonomia e do direito à produção de conhecimento em condições equitativas.

6 LÍNGUA INDÍGENA APINAJÉ DE SINAIS (LIAS)

A LIAS constitui-se como uma língua autônoma, nascida da necessidade comunicativa dos indígenas Surdos do povo Apinajé e de suas famílias. Ela não se deriva da Libras, embora compartilhe com ela a mesma natureza gesto-visual. A LIAS emergiu de forma espontânea, em meio às interações cotidianas das aldeias, e consolidou-se como uma língua que reflete o modo de vida e as práticas culturais do povo Apinajé. Cada sinal catalogado e apresentado a seguir revelam o olhar do povo sobre o mundo — a forma como a floresta é percebida, o modo de preparo dos alimentos, os objetos, os animais, os rituais e as relações de parentesco, traduzindo em sinais a relação profunda entre o corpo e a natureza. A força da iconicidade é uma característica marcante dessa língua.

Essa característica ultrapassa o aspecto estético e se configura como um elemento essencial na organização da língua, pois conecta a forma do sinal à experiência concreta dos falantes. Nessa relação, a língua torna-se um elo entre o sinal e a cultura, traduzindo em expressão linguística a vivência sensorial e simbólica dos indígenas Surdos Apinajé. Cada sinal, ao emergir desse encontro entre corpo e significado, revela uma lógica interna própria, enraizada no modo de ver e sentir o mundo.

Do ponto de vista linguístico, a LIAS apresenta uma estrutura organizada e sistemática, composta por parâmetros configuracionais semelhantes aos observados na Libras e em outras línguas de sinais — como a configuração de mãos, o ponto de articulação, o movimento, a orientação da mão e as expressões faciais e corporais. Esses elementos se combinam de maneira específica para formar os sinais, compondo um léxico que se renova e se adapta às vivências da comunidade. Ela se estrutura a partir do espaço, do corpo e da visualidade, permitindo a construção de significados complexos e expressivos.

A LIAS é, portanto, uma língua viva, em constante construção e transmissão intergeracional. Ela é aprendida naturalmente no convívio entre os Surdos e seus familiares, e passa a integrar o repertório comunicativo do povo, garantindo a continuidade de um saber linguístico e cultural próprio. O reconhecimento da LIAS enquanto língua natural, desafia as concepções tradicionais sobre o que define uma língua, pois rompe com a visão limitada que associa a legitimidade linguística apenas às formas vocais-auditivas ou às línguas já institucionalizadas. A experiência dos indígenas Surdos Apinajé revela que uma língua pode nascer da necessidade de comunicar e de compartilhar experiências dentro de um contexto sociocultural específico, mesmo sem ter passado por processos formais de padronização ou reconhecimento oficial.

Nesse sentido, a LIAS reafirma que toda forma de expressão que organiza e transmite o pensamento coletivo — ainda que construída a partir de sinais, olhares, expressões faciais e corporais — constitui, em essência, uma língua. Ela cumpre as mesmas funções simbólicas e cognitivas de qualquer outro sistema linguístico: permite narrar, descrever, emocionar, instruir e perpetuar saberes. Assim, ao existir e se fortalecer, a LIAS evidencia que o caráter de uma língua não está restrito à sua forma, mas à sua função social e ao poder de articular significados compartilhados por uma comunidade. Trata-se de uma língua que traz consigo a expressão da identidade e da memória cultural Apinajé

A afirmação de Schuyler Long (1910, p. 13), citada por Gasparin (2022, p. 16), de que “enquanto houver dois surdos no mundo e eles se encontrarem, haverá o uso de sinais”, mostra-se especialmente pertinente neste contexto. Ainda que o número de indígenas Surdos identificados nesta pesquisa seja reduzido — apenas sete —, a vitalidade da comunicação entre eles reafirma o princípio enunciado por Long. No entanto, não é possível determinar com precisão o total de falantes da LIAS, uma vez que muitos familiares e membros das aldeias também fazem uso dessa língua nas interações cotidianas, ainda que de forma espontânea e não sistematizada. Espera-se que, com a divulgação e o reconhecimento deste estudo, novos falantes e usuários da LIAS possam ser identificados, ampliando o conhecimento sobre sua existência e fortalecendo sua presença no contexto linguístico e cultural Apinajé. A relevância desta pesquisa reside na sua contribuição pioneira para a linguística, para os Estudos Surdos e para a valorização do patrimônio cultural indígena brasileiro.

Este estudo inovou, ao i) fornecer evidências científicas robustas de que o sistema de sinais utilizado pela comunidade Surda Apinajé constitui uma língua autônoma, com léxicos e estrutura própria; ii) documentar e descrever detalhadamente os sinais e a estrutura da LIAS, criando um *corpus* linguístico preliminar para futuras pesquisas e para a preservação da língua, de um patrimônio cultural único; iii) dar visibilidade à LIAS e à cultura Apinajé, destacando a importância da diversidade linguística e cultural do Brasil; iv) contribuir para o reconhecimento da LIAS como língua legítima, ponto fundamental para garantir o direito dos indígenas Surdos Apinajé à uma educação de qualidade e ao acesso à informação em sua própria língua; e, v) por fim, este estudo amplia o conhecimento sobre Línguas Indígenas de Sinais, somando-se a outros estudos que buscam documentar outras línguas de sinais utilizadas por diferentes povos indígenas, aumentando o conhecimento sobre essa área linguística.

A LIAS revela-se como um verdadeiro patrimônio linguístico e cultural do povo Apinajé — um sistema de comunicação genuíno, que expressa de forma singular a identidade dos indígenas Surdos situados no norte do estado do Tocantins. Diferenciando-se tanto da Libras

quanto dos sinais caseiros, a LIAS consolida-se como uma língua autônoma, dotada de léxico e estrutura próprios, moldada pelas experiências, pelos valores e pela visão de mundo desse povo. Seu desenvolvimento ocorre de modo natural, no convívio diário entre os indígenas Surdos e seus familiares, sendo transmitida entre as gerações como parte viva de sua herança cultural. Diante disso, a documentação da LIAS está além de um esforço acadêmico, é um compromisso ético com a preservação da diversidade linguística e cultural. Registrar e estudar essa língua é reconhecer a criatividade e a resistência de um povo que, ao criar seus próprios modos de significar o mundo, reafirma sua existência, sua história e o direito de continuar narrando-se por meio de sua própria língua.

6.1 GLOSSÁRIO BILÍNGUE: LIAS E LIBRAS

O glossário que se apresenta a seguir constitui o resultado direto do processo de catalogação e análise dos sinais identificados durante a pesquisa de campo nas aldeias Apinajé. A elaboração deste material teve como objetivo sistematizar o léxico da LIAS, valorizando a riqueza expressiva e a especificidade cultural dessa LIS. Cada registro foi construído a partir da observação, do diálogo com os colaboradores Surdos, com seus familiares e com os discentes indígenas. Os registros audiovisuais foram produzidos com o consentimento da comunidade, autorização dos pais e dos próprios indígenas Surdos buscou-se representar com fidelidade os sinais em sua forma, significado e contexto de uso.



Para fins de organização e análise linguística, os sinais foram distribuídos por campos semânticos, agrupando aqueles que compartilham afinidades de sentido e pertencem a um mesmo domínio cultural — como alimentos, animais, relações familiares, verbos e os elementos da natureza. Essa categorização permitiu compreender como o léxico da LIAS reflete a cosmovisão e os valores do povo Apinajé, revelando a íntima relação entre língua, iconicidade e cultura.

É importante destacar que, por uma decisão metodológica e ética, optou-se por utilizar a imagem da pesquisadora para a representação visual dos sinais catalogados. Essa escolha foi motivada para se evitar exposições indevidas, e, ao mesmo tempo, assegurar a clareza descritiva necessária à documentação linguística. Esta estratégia metodológica representa uma forma de mediação respeitosa e simbólica, que mantém a integridade dos dados sem romper com o princípio de autoria comunitária da língua. Este glossário também tem caráter patrimonial e pedagógico, pois ele poderá apoiar futuras ações de ensino, pesquisa e valorização da LIAS,

garantindo que essa língua — expressão viva da identidade Surda Apinajé — continue sendo conhecida, estudada e transmitida entre as gerações.

O primeiro sinal da LIAS apresentado a seguir, refere-se ao sinal do povo Apinajé, a representação dele evoca visualmente o processo de ornamentação da pele, que se realiza por meio da aplicação de pigmentos naturais extraídos da mata, especificamente o jenipapo, o carvão vegetal e o urucum, elementos que carregam em si a materialidade e as cores da própria floresta. Este tipo de pintura está ligado a um aspecto cultural central da cultura do povo, a pintura corporal masculina utilizada na corrida de tora grande⁶.

Quadro 7 - Sinal do povo Apinajé

LIAS		Referência
		 <p>Fonte: Giralдин (2018, p. 49).</p>
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de Mão	Mão com a CM 54 (INES, 2022)	
Ponto de Articulação	Tronco e abdômen	
Movimento	1 – Retilíneo de cima para baixo 2 – Retilíneo de direita pra esquerda	
Orientação da mão	Palma da mão para dentro	
Expressão Facial/Corporal	Neutra	

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Nos quadros a seguir são apresentadas as fichas dos sinais catalogados nesta pesquisa, contendo as imagens dos sinais na LIAS e na Libras, bem como os respectivos QR Codes que direcionam aos vídeos de cada língua. Em cada ficha, optou-se por registrar a descrição dos parâmetros que compõem o sinal em LIAS, acompanhada de uma explicação sobre seu uso entre o povo Apinajé, destacando a relação icônica que o aproxima de práticas culturais e de



⁶ A validação deste sinal foi feita pelos discentes indígenas da turma de 2024, por meio de um estudo detalhado da característica visual que representa o povo Apinajé.

modos de significação próprios do povo. Também são indicadas as principais semelhanças e diferenças em relação aos sinais correspondentes na Libras, de modo a evidenciar tanto seus pontos de convergência quanto suas singularidades linguísticas e culturais.

6.1.1 Alimentos


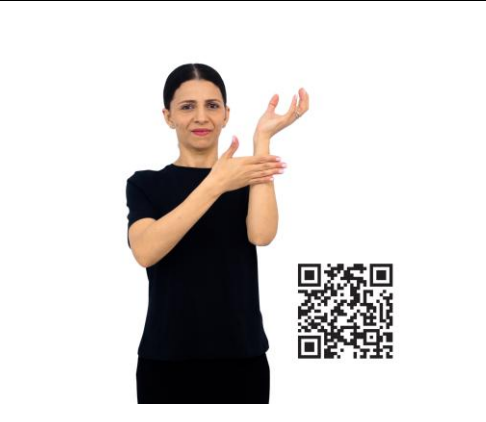
O campo semântico dos *Alimentos* reúne sinais que dialogam diretamente com práticas cotidianas, modos de preparo e elementos culturais presentes na vida do povo Apinajé. Na LIAS, muitos desses sinais emergem de relações concretas com o ambiente e com as formas tradicionais de coleta, cultivo ou consumo, revelando uma iconicidade fortemente ancorada na experiência sensorial e na memória coletiva. Assim, os sinais deste grupo não apenas nomeiam alimentos, mas evocam processos, ações e significados socioculturais que ultrapassam a mera referência lexical

Quadro 8 - Sinal de abacate (LIAS)

LIAS	Libras
	
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	1 – Mãos com a CM 12 (INES, 2022) 2 – Mão dominante com a CM 2 (INES, 2022) e Mão passiva com a CM 12 3 – Mãos CM 12 (INES, 2022) 4 – Mãos com a CM 11 (INES, 2022)
Ponto de articulação	1- Espaço neutro a frente do corpo
Movimento	1 – Estático 2 - Linear da mão dominante de cima para baixo e mão passiva estática 3 – Semicircular em ambas as mãos 4 – Linear da mão dominante de baixo para cima e mão passiva estática
Orientação da mão	1 – Palma da mão para dentro de frente uma para outra. 2 - Palma da mão para dentro de frente uma para outra 3 – Palmas das mãos para cima 4 – Palmas das mãos para cima
Expressão Facial	Neutra
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal para abacate é formado por quatro movimentos sucessivos que evidenciam sua forte relação com a experiência cotidiana do povo Apinajé. O primeiro sinal representa a forma arredondada do fruto; o segundo mostra o ato de cortá-lo com uma faca; o terceiro indica a separação das duas metades; e o último sinal representa retirar e comer a polpa com uma colher ou utensílio. A sequência cria um sinal altamente icônico, que “encena” o preparo do abacate e reflete o modo de vida e as práticas alimentares do povo. Em Libras, o sinal utilizado para abacate é mais econômico: combina o sinal associado ao ato de comer o fruto com o sinal da cor verde, resultando em uma representação menos processual e mais simbólica. Assim, enquanto a LIAS privilegia uma construção narrativa e detalhada do conceito, a Libras recorre a uma forma mais compacta, evidenciando diferenças culturais e linguísticas na organização do léxico.</p>	

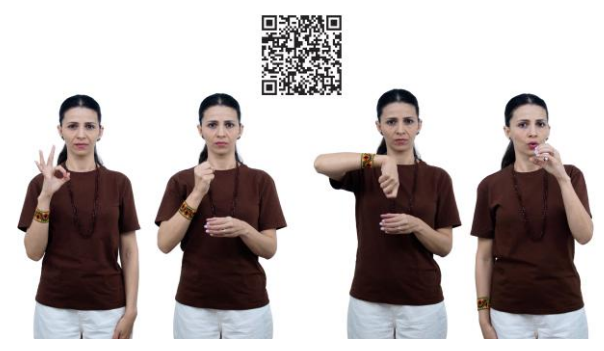

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 9 - Sinal de abacaxi (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mãos em B 2 – Mão dominante em B e Mão passiva em C	
Ponto de articulação	1 – Antebraço da mão passiva 2 - Espaço neutro a frente do corpo	
Movimento	O primeiro movimento consiste na mão dominante raspar toda a extensão do antebraço da mão passiva, referindo à ação de descascar o abacaxi. Já o segundo movimento é feito de cima pra baixo simbolizando o ato de cortar a fruta.	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para baixo 2 – Palma da mão para lado (contralateral).	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal para “abacaxi” é um sinal composto e processual, descrevendo detalhadamente o manuseio da fruta. Ele inicia com a representação do ato de descascar o abacaxi horizontalmente: a mão dominante simula a faca, realizando movimentos de corte, enquanto a mão passiva representa a fruta deitada. Em seguida, o sinal prossegue com a representação do corte do abacaxi em pedaços, mantendo a mão dominante como a faca e a mão passiva simbolizando o abacaxi sendo segurado e cortado. Essa sequência de movimentos reflete uma observação e mimetização mais granular do processo de preparo da fruta. Na Libras, o sinal para "abacaxi" também emprega a mão dominante para simular uma faca, mas o descasque é realizado na vertical. A mão passiva simboliza o abacaxi em pé, com o antebraço representando o corpo da fruta e os dedos da mão configurando a coroa. O movimento de descasque é feito de cima para baixo, acompanhando a verticalidade da fruta. Embora o sinal não demonstre o corte subsequente em pedaços, ele incorpora uma característica visual distintiva da fruta (a coroa) na sua representação. A principal semelhança entre os dois sinais é que ambos são icônicos e se relacionam com o manuseio da fruta. Ambos utilizam a mão dominante para simular uma faca e a mão passiva para representar o abacaxi, indicando a ação de descascar. Essa base compartilhada na iconicidade do preparo da fruta é um ponto de convergência. As distinções mais marcantes entre os sinais residem na orientação do descasque e na inclusão de etapas do processo, horizontal e vertical. Na LIAS, o sinal inclui tanto o descasque quanto o corte subsequente do abacaxi. É mais descritivo do processo completo. A Libras foca principalmente no descasque vertical, com a incorporação da forma da coroa da fruta.</p>		

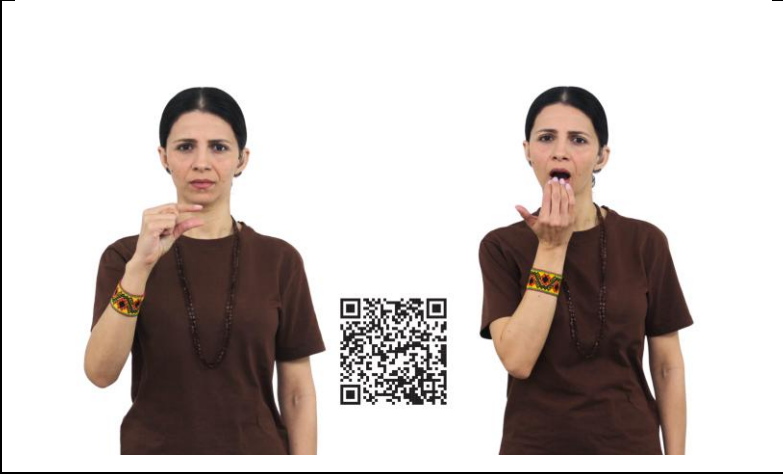
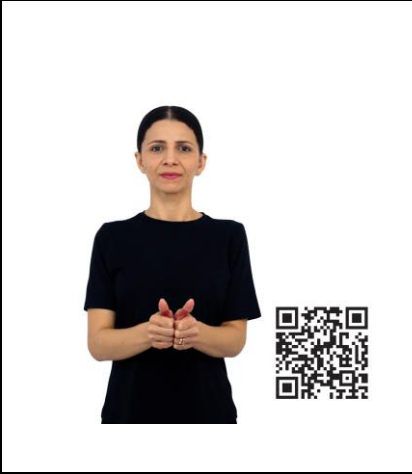
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 10 - Sinal de açaí (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mão em M 17 (INES, 2022) 2 – Mão dominante em S e mão passiva em C 3- Mão dominante A e mão passiva em C 4 – Mão passiva em C	
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo	
Movimento	O sinal de Açaí em LIAS é formado pela combinação de quatro movimentos distintos: O primeiro movimento é estático. No segundo, a mão dominante em forma de "S" se move de cima para baixo, simulando o ato de socar o açaí dentro da mão passiva. O terceiro movimento é circular, representando a ação de misturar o açaí. Por fim, a mão passiva assume a função de mão dominante e realiza um movimento em arco, fazendo alusão ao ato de beber o açaí.	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para frente. 2 – Palma da mão dominante para lado (contralateral) e palma da mão passiva para lado (contralateral) 3 – Palma da mão dominante inicia o movimento para o lado (contralateral) e palma da mão passiva para o lado (contralateral) 4 - Palma da mão passiva/dominante para fora	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “açaí” é uma representação icônica e abrangente do processo manual de produção da bebida. Ele incorpora a relevância cultural do açaí para o povo Apinajé, onde o preparo é tradicional e fundamental para a alimentação do povo. O sinal da LIAS não se limita a um único momento, mas sim a uma sequência de ações: i) o sinal inicial que remete ao formato do fruto; ii) o esmagamento que está representado pelo ato de esmagar os frutos, que, após a colheita, são colocados em água morna para amolecer; iii) a mistura que simula a ação de misturar a polpa extraída, e; iv) a bebida que representa o ato de beber o açaí, já em sua forma final. Essa iconicidade processual destaca a complexidade e a importância cultural do açaí, abrangendo desde o fruto até a bebida final, e a interação humana envolvida em cada etapa. Por sua vez, na Libras, o sinal de “açaí” refere-se especificamente à maceração do fruto, ou seja, ao momento em que o fruto, já amolecido pela água morna, é separado do caroço. A iconicidade aqui é mais focada e pontual, concentrando-se na ação essencial de extração da polpa. O sinal captura um momento crucial do preparo, mas sem detalhar as etapas anteriores ou posteriores da produção da bebida. A principal semelhança entre os dois sinais é o fato de que ambos são icônicos e se baseiam em aspectos do processo de preparo do açaí. Ambos reconhecem a importância da maceração do fruto como um elemento chave na obtenção da polpa. Na LIAS, o sinal é composto e sequencial, abrangendo múltiplas etapas do preparo do açaí, refletindo a totalidade do processo cultural. Na Libras, o sinal é focado e específico, referindo-se unicamente ao ato de maceração/separação do caroço. Em síntese, enquanto o sinal “açaí” na LIAS oferece um panorama mais amplo e culturalmente imersivo do preparo da bebida, o sinal em Libras opta por uma representação mais sucinta, focando no ponto crítico da separação da polpa do caroço.</p>		

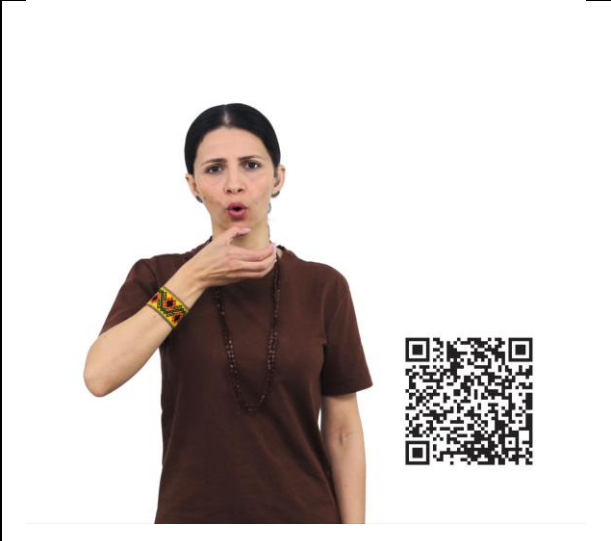
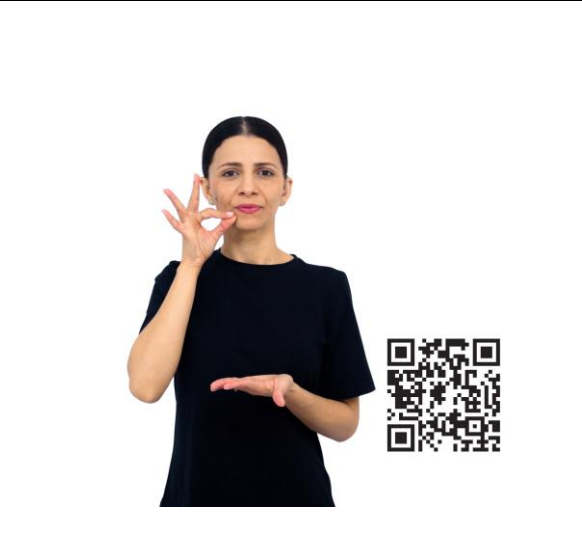
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 11 - Sinal de arroz (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mão em CM 38 (INES, 2022) 2 – Mão em CM 2 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	1- Espaço neutro a frente do corpo 2 – Espaço neutro a frente da boca	
Movimento	1 – Estático 2 – Abrir e fechar a mão (ato de comer)	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para contralateral 2 – Palma da mão para cima	
Expressão Facial	1 – Neutra 2 – Abrir e fechar a boca	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “arroz” é construído de forma mais descritiva e processual. Ele começa com o verbo “comer”, que estabelece a função do alimento, e é seguido por um sinal estático que mimetiza a ação de segurar um grão pequeno e duro de arroz. Isso sugere uma ênfase na finalidade e na característica física do grão após o preparo. Em contrapartida, na Libras, o sinal de “arroz” é fortemente icônico e remete diretamente ao seu preparo tradicional e ancestral, anterior à mecanização. O movimento do sinal imita o ato de raspar um grão de arroz no outro, uma técnica antiga usada para remover a casca do cereal. Essa representação foca no processo de obtenção do grão pronto para o consumo, evidenciando uma memória cultural ligada à sua origem e beneficiamento. Apesar das diferenças marcantes, a semelhança fundamental entre os sinais de “arroz” na LIAS e na Libras reside na sua natureza icônica, que busca representar o conceito do alimento através de uma imagem ou ação. Ambas as línguas de sinais utilizam movimentos corporais, configurações de mão e expressões faciais para construir seus léxicos, por uma representação que de alguma forma evoca uma característica ou ação associada ao arroz, seja seu consumo ou seu preparo histórico.</p>		

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 12 - Sinal de café (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão dominante em C		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente da queixo		
Movimento	O movimento é circular		
Orientação da mão	Palma da mão fica para dentro		
Expressão Facial	Lábios franzidos, simulando o ato de assoprar o café.		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal icônico para “café” é uma representação vívida do ato de tomar café em um copo americano, com o gesto adicional de esfriá-lo com o sopro. Essa iconicidade é altamente contextualizada e incorpora uma prática cultural específica: o uso do copo americano para beber café e a ação de soprar para arrefecer a bebida antes de bebê-la. O sinal, portanto, não apenas remete à bebida em si, mas também à forma como ela é tradicionalmente consumida dentro da cultura Apinajé ou no contexto em que a LIAS se desenvolveu. Em contraste, na Libras, o sinal icônico equivalente representa o ato de tomar café em uma xícara. Geralmente, a mão assume uma configuração que simula segurar a alça de uma xícara, e o movimento mimetiza o ato de levá-la à boca. A iconicidade aqui se concentra na associação da bebida com o recipiente mais comum para seu consumo em um contexto urbano brasileiro. O sinal é mais genérico em relação ao tipo de recipiente e não incorpora ações adicionais como soprar. A principal semelhança entre os dois sinais é o fato de que ambos são icônicos e se relacionam com o ato de beber café. Ambos buscam representar a bebida por meio de uma ação de consumo, tornando-os compreensíveis visualmente para quem observa. A ideia central de “tomar café” é comum a ambos os sinais. As diferenças residem nas especificidades culturais e na complexidade da ação representada. Em suma, embora tanto a LIAS quanto a Libras utilizem a iconicidade para representar “café”, elas o fazem através de representações visuais distintas que revelam as diferentes nuances culturais e os hábitos associados ao consumo da bebida em cada contexto linguístico e cultural.</p>			

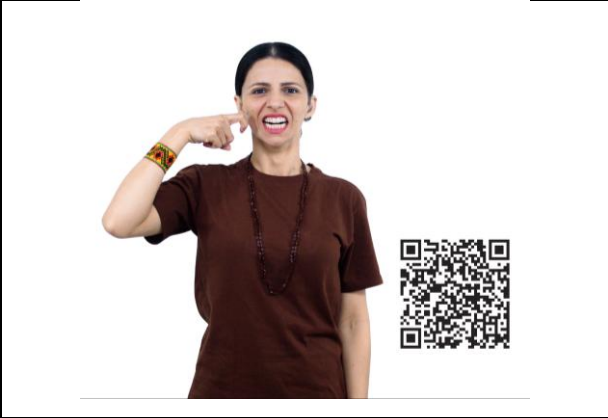
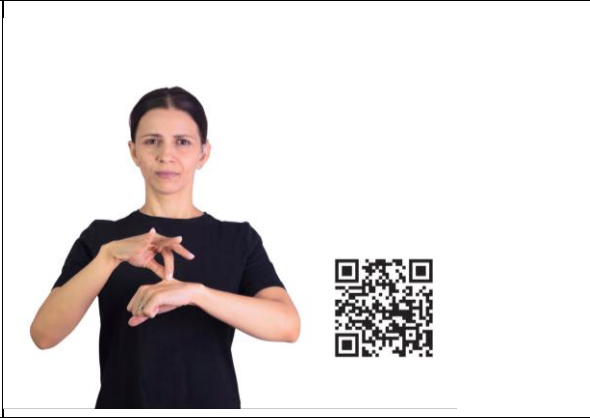
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 13 - Sinal de caju (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	1 – Mão em A 2 – Mão em CM		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	1 - Estático 2 – Girar		
Orientação da mão	1 – Palma da mão para cima 2 – Palma da mão para baixo e gira para dentro		
Expressão Facial	1- Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Os sinais para “caju” na LIAS e na Libras remetem à castanha do caju, porém, eles o fazem de maneiras distintas, focando em diferentes aspectos do fruto ou de seu manuseio. Na LIAS, o sinal de “caju” é caracterizado pela representação do ato de girar e arrancar a castanha do fruto de forma manual. Essa iconicidade está diretamente ligada à ação de separação da castanha, um processo comum no manuseio do caju. O sinal, portanto, não representa apenas o fruto em si, mas também a interação humana com ele, destacando uma de suas características mais distintivas: a forma como a castanha se prende e é removida. Já na Libras, o sinal de “caju” também remete à castanha, porém, sem o ato de arrancá-la do fruto. A representação se concentra na forma da castanha. Geralmente, um dedo é curvado de modo a fazer uma referência icônica à forma característica da castanha de caju. A iconicidade aqui é mais focada na morfologia do objeto, na sua forma visual, sem a necessidade de simular uma ação de manuseio. A principal semelhança entre os dois sinais reside no fato de que ambos tomam a castanha do caju como o elemento central para a sua representação icônica. Tanto a LIAS quanto a Libras reconhecem a castanha como a parte mais emblemática do fruto, utilizando-a para construir seus respectivos sinais.</p>			






Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 14 - Sinal de carne (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão em CM 45 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente a frente da boca		
Movimento	Linear de uma extremidade a outra da boca		
Orientação da mão	Palma da mão para baixo		
Expressão Facial	Sobrancelhas franzidas e boca entre aberta com os dentes a mostra.		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Os sinais para “carne” na LIAS e na Libras ilustram como diferentes culturas Surdas representam conceitos comuns de maneiras únicas, mesmo que ambos derivem de uma iconicidade — ou seja, uma semelhança visual ou de ação com o objeto. A principal distinção entre os sinais de “carne” na LIAS e na Libras reside na referência icônica e no contexto de uso ou preparo que cada língua prioriza. Na LIAS, o sinal de “carne” é profundamente ligado ao ato de consumir o alimento. Ele faz alusão ao ato de comer a carne com as mãos, abocanhando-a. Imagine uma pessoa segurando um pedaço de carne e mordendo-o diretamente. Essa representação evoca uma cena de consumo mais visceral e direta, talvez remetendo a hábitos alimentares onde a carne era frequentemente consumida sem talheres ou com um foco maior na experiência tátil e oral do alimento. A iconicidade aqui está na ação de comer a carne, na sua manipulação primária. Em contrapartida, na Libras, o sinal de “carne” se caracteriza por puxar a pele do dorso da mão. Este movimento é uma metáfora visual para a textura e maleabilidade da carne, ou talvez para a ação de “retirar” a carne do osso. Pense em como a pele do dorso da mão pode ser esticada e solta, lembrando a elasticidade e a fibrosidade de um pedaço de carne. A iconicidade, neste caso, foca na característica material e tátil da carne em si, ou em um aspecto de seu preparo ou manuseio geral, e não necessariamente no ato de comer. Em síntese, enquanto a LIAS foca na ação primária de “abocanhar” a carne, a Libras se concentra na característica tátil de “puxar” ou “esticar”, revelando as particularidades culturais e as diferentes formas como cada comunidade Surda compreende e interage com o conceito de carne.</p>			

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 15 - Sinal de cuscuz (LIAS)

LIAS	Libras	
 	 	
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mãos em C	
Ponto de articulação	1 - A frente do corpo 2 – A frente do tronco na altura do ombro	
Movimento	Em curva de baixo para cima	
Orientação da mão	Palma das mãos para o lado (contralateral)	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “cuscuz” está intrinsecamente ligado ao processo de preparo da farinha. Ele evoca a imagem da manufatura do milho, neste caso, o ato de socar o milho torrado em um pilão com o soquete, até a obtenção da farinha fina. Essa representação detalhada do processo de produção destaca a importância do trabalho manual e da transformação da matéria-prima. É interessante notar que o sinal pode ser acrescido do sinal de “comer”, indicando que, embora o foco principal seja o preparo, o consumo do alimento também é uma parte fundamental da representação. Isso sugere uma valorização do ciclo completo, da produção à alimentação. Em Libras, o sinal de “cuscuz” geralmente é mais focado no produto e na ação de prepará-lo para consumo, e menos no processo ancestral de manufatura da farinha. Embora possam ter variações do sinal em Libras, de modo geral, ele é representado pela forma arredondada do cuscuz em cima do prato e acrescido do sinal amarelo. Resumindo, a LIAS enfatiza a ancestralidade e o processo artesanal de produção da farinha que irá dar origem ao cuscuz, já a Libras tende a focar mais na aparência final e no ato de consumir o alimento. Ambas podem ser consideradas representações icônicas.</p>		


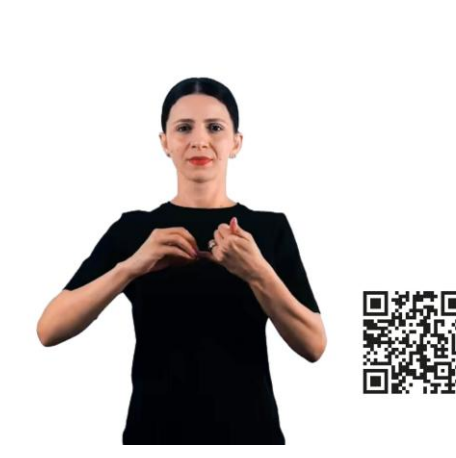
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 16 - Sinal de farinha (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mãos em CM 9 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	1 - A frente do corpo 2 - A frente da boca	
Movimento	1 - Linear (balançar a mão) 2 – Reto de baixo para cima (levar o alimento a boca)	
Orientação da mão	1 – Palma da mão dominante para o lado (contralateral) 1 - Palma da mão passiva para cima 2 – Palma da mão dominante e passiva para cima.	
Expressão Facial	Abrir a boca para comer a farinha	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “farinha” é uma representação composta, formada pela junção de dois sinais distintos. Essa combinação não apenas indica o alimento, mas também evoca um contexto cultural e um processo de consumo específico. O primeiro sinal descreve o ato de abanar a farinha. Isso pode ser interpretado como um gesto para remover o calor residual do cozimento ou para torná-la mais agradável ao paladar. Esse detalhe ressalta uma etapa prática no preparo ou consumo da farinha, mostrando a atenção aos detalhes no cotidiano Apinajé. Levar a farinha à boca com a mão, que é representado pelo segundo sinal, mostra a ação de levar a farinha diretamente à boca, sem o auxílio de instrumentos como uma colher. Essa forma de consumo, que valoriza o contato direto com o alimento, é um aspecto cultural importante e torna o sinal icônico para o povo Apinajé, destacando sua singularidade e conexão com as tradições. A composição desses dois sinais em LIAS não só identifica a farinha, mas também narra um pequeno fragmento do processo de seu consumo, tornando o sinal mais descritivo e culturalmente imerso. Em Libras, o sinal para “farinha” é mais conciso, utilizando apenas um sinal para sua representação. Ele se concentra na ação de manuseio do produto final, que simula o ato de “jogar” ou “espalhar” a farinha em um prato ou outro utensílio. Geralmente, as mãos se movem de forma que os dedos “caiam” como se estivessem liberando um pó. Essa representação foca na textura da farinha e na forma como ela é frequentemente servida ou utilizada como ingrediente. A simplicidade do sinal em Libras em comparação com o LIAS reflete uma abordagem mais direta e funcional, focando na característica visual e na utilização prática da farinha já pronta. O sinal em LIAS é uma representação rica em detalhes culturais e processuais, enquanto o sinal em Libras é mais direto e focado na ação de utilização.</p>		


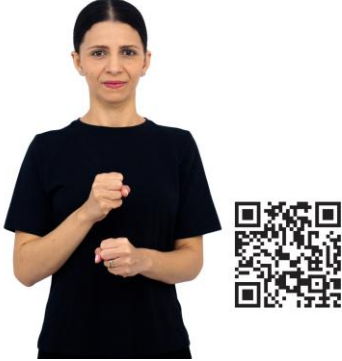
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 17 - Sinal de feijão (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mão em B 2 – Mão com a CM 38 (INES, 2022) 3 – Mão com a CM 39 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo	
Movimento	O sinal de feijão em LIAS é formado pela combinação de dois sinais distintos: O primeiro sinal “comer” tem o movimento em arco, e, o segundo sinal possui o movimento de apertar os dedos indicador e polegar um contra o outro.	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para dentro. 2 – Palma da mão para o lado (contralateral) 3 - Palma da mão para o lado (contralateral)	
Expressão Facial	1- Abrir e fechar a boca 2- Neutra 3- Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Os sinais de “feijão” na LIAS e na Libras são ambos icônicos, o que significa que mimetizam características ou ações do objeto. No entanto, a forma como cada língua escolhe representar essa iconicidade é bastante diferente, refletindo suas próprias perspectivas culturais sobre o alimento. Na LIAS, o sinal de “feijão” tem uma abordagem mais processual e interativa. Ele começa com o verbo “comer”, que situa o feijão no contexto de sua finalidade. Em seguida, é complementado pela representação do ato de apertar o feijão cozido, um movimento que se faz para verificar a maciez do grão. Essa sequência mostra uma iconicidade ligada ao preparo e consumo do feijão, destacando a interação humana com o alimento antes de ingeri-lo. Já na Libras, a iconicidade do sinal de “feijão” é mais direta e visual. A configuração da mão mimetiza a forma do grão de feijão e, seu broto. Não há o uso do verbo “comer” antecedendo o sinal nem a ação de verificar a maciez. A representação se concentra na forma física e visual do próprio feijão, tornando o sinal uma espécie de “desenho” no espaço que remete diretamente à leguminosa. Apesar de representarem aspectos diferentes (processo de preparo/consumo na LIAS vs. forma física na Libras), os dois sinais buscam estabelecer uma relação visual ou de ação com o alimento.</p>		



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 18 - Sinal de mandioca (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mãos em A 2 – Mãos em B 3 – Mãos em B	
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo	
Movimento	1 – De baixo para cima (puxar) 2 – De cima para baixo (descascar)	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para o lado (contralateral) 2 – Palma da mão para cima	
Expressão Facial	1- Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “mandioca” é uma representação rica em detalhes, o sinal inicia-se com a representação do ato de puxar a mandioca da terra, e, é seguida do processo de descasque. O sinal mimetiza os movimentos necessários para remover a casca da mandioca, inclusive simulando o giro que é preciso fazer para um descasque completo e eficiente. Essa etapa adicional destaca a importância do preparo antes do consumo, mostrando um conhecimento aprofundado do manuseio da mandioca desde a colheita até sua preparação para outras finalidades (como a produção de farinha, por exemplo). Essa representação em LIAS é considerada icônica por sua fidelidade aos gestos reais envolvidos no processo completo, transmitindo não apenas o objeto, mas também a ação e o conhecimento tradicional associados a ele. Em Libras, o sinal de “mandioca” também é icônico, mas sua representação é mais focada na primeira parte do processo presente na LIAS, ou seja, a retirada da mandioca da terra, porém, com a configuração das mãos distintas das utilizadas na LIAS. A principal semelhança entre os sinais de “mandioca” em LIAS e Libras reside na sua natureza icônica. Ambos os sinais buscam imitar a ação de retirar a mandioca da terra, um processo fundamental para a obtenção do tubérculo.</p>		

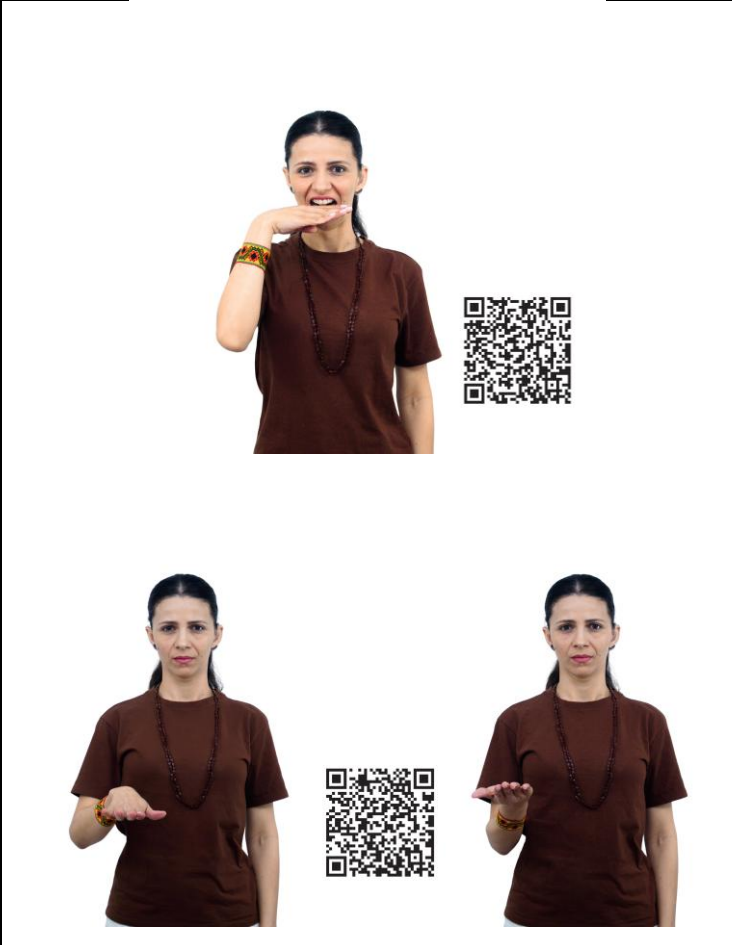
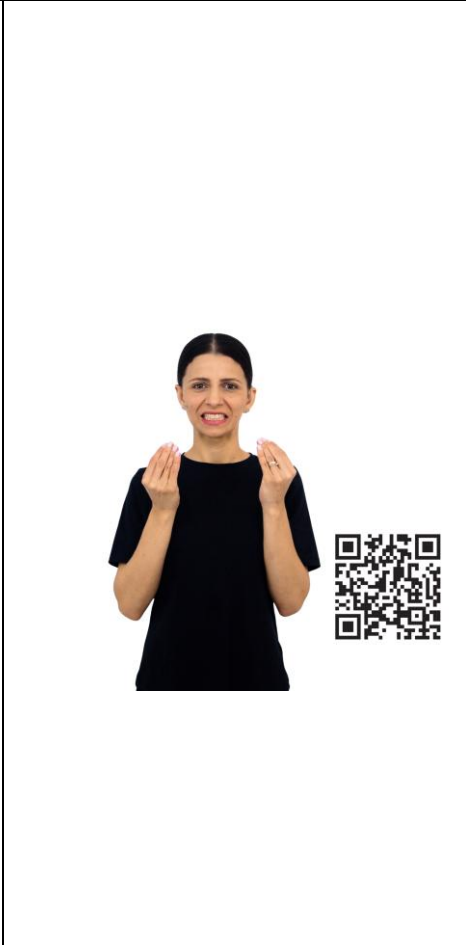
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 19 - Sinal de manga (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 - Mão em CM 7 (INES, 2022) 2 - Mão em CM 9(INES, 2022)	
Ponto de articulação	A frente da boca	
Movimento	Movimento de chupar a fruta com o caroço	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para dentro	
Expressão Facial	1- Boca entreaberta 2- Boca fechada	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS o sinal para “manga” é icônico. Isso significa que ele remete diretamente à ação de comer a fruta em seu estado natural, abocanhando-a. Essa iconicidade é reforçada pelo contexto da aldeia, onde a manga é um alimento abundante e seu consumo é uma prática comum e visível. O sinal, portanto, captura uma característica essencial da fruta: seu papel como alimento. Na Libras, o sinal para “manga” é arbitrário. Isso quer dizer que não há uma conexão visual ou lógica aparente entre o movimento do sinal e a fruta em si, sua forma, seu consumo ou qualquer tipo de preparo. O sinal é uma convenção estabelecida pela comunidade Surda brasileira que utiliza Libras, e seu significado é aprendido e compartilhado. Em suma, a grande distinção entre o sinal de “manga” na LIAS e na Libras reside na sua motivação — a LIAS emprega a iconicidade, enquanto a Libras se baseia na arbitrariedade. No entanto, ambos os sinais compartilham a função essencial de nomear um objeto comum e são elementos integrantes de sistemas linguísticos complexos, aceitos e compreendidos.</p>		

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 20 - Sinal de milho (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	Mão em B	
Ponto de articulação	1 – A frente da boca	
Movimento	1 – Linear da direita para a esquerda	
Orientação da mão	1 – Palma da mão para baixo	
Expressão Facial	1- Boca entreaberta	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “milho” geralmente é representado com o sinal de “assar”, o que faz uma referência explícita ao milho sendo comido após assado. Essa especificidade é profundamente enraizada no contexto da aldeia, onde o milho assado é uma prática culinária muito comum e um alimento fundamental para a subsistência do povo. O sinal é formado por dois elementos distintos: a representação da espiga, composto por um sinal que simula a forma da espiga de milho e o ato de assar o milho, produzido por um segundo sinal que remete ao processo de assar o milho, indicando ato de virar a espiga no fogo. Essa composição complexa do sinal em LIAS não só identifica o milho, mas também narra um método de preparo e consumo específico e culturalmente relevante, destacando a importância da culinária tradicional e das práticas alimentares do povo Apinajé. Em Libras, o sinal de “milho” é mais direto e focado no ato de segurar e comer a espiga de milho, provavelmente cozida. Embora também seja icônico, ele não incorpora o processo de preparo (como o ato de assar) de forma explícita na sua composição. As diferenças entre os sinais de “milho” em LIAS e Libras ilustram como as línguas de sinais se adaptam para refletir as práticas culturais e os contextos de vida de suas comunidades. A LIAS oferece um sinal rico em detalhes e contextualização, remetendo à prática específica do milho assado na aldeia, enquanto a Libras adota uma abordagem mais direta e generalista sobre o ato de comer o milho. Ambas as formas são icônicas e eficazes, mas cada uma carrega consigo as nuances das experiências de seus falantes.</p>		



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 21 - Sinal de ovo (LIAS)

LIAS	Libras
	
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	Mãos em CM 43 (INES, 2022)
Ponto de articulação	1 – Ao lado da orelha
Movimento	Balançar
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)
Expressão Facial	1- Neutra
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal de “ovo” faz alusão ao ato de pegar o ovo e chocalhá-lo ao lado da orelha. Essa ação tem um propósito muito específico e prático: identificar se o ovo está fresco e bom para o consumo ou se está estragado. Essa prática é comum no contexto da aldeia, onde a verificação da qualidade dos alimentos pode ser feita de maneira mais orgânica e tradicional, sem a dependência de tecnologias modernas. O sinal é considerado icônico porque mimetiza diretamente essa prática cotidiana e culturalmente relevante. Ele não apenas designa o ovo, mas também transmite uma informação sobre sua qualidade e a forma como essa qualidade é verificada dentro da comunidade. Já em Libras, o sinal de “ovo” também é icônico, mas remete a uma ação diferente: quebrá-lo com as duas mãos, para em seguida fritá-lo ou fazer outro tipo de preparação. O sinal geralmente envolve um movimento das mãos que simulam o ato de quebrar e separar as cascas com as mãos para que o ovo cai em algum recipiente. Desta forma, o foco principal do sinal em Libras não está na verificação da qualidade, mas sim na ação inicial de preparação para o consumo ou cozimento. Ele representa o ponto de partida para diversas receitas com ovo, como fritar, mexer ou usar em massas. Em conclusão, a LIAS enfatiza uma prática de verificação da qualidade do ovo, profundamente enraizada em seu contexto cultural, enquanto a Libras foca na ação de quebrar o ovo para seu preparo culinário.</p>	

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 22 - Sinal de tapioca (LIAS)

LIAS	Libras
	
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	1 -Mão dominante em CM 74 (Ines, 2022) 2 – Mão passiva em CM 1 (Ines, 2022)
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo
Movimento	Dorso dos dedos da mão dominante pressionando a palma da mão passiva.
Orientação da mão	1- Palma da mão para dentro 2- Palma da mão para o lado (Contralateral)
Expressão Facial	Neutra
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal de "tapioca" remete a uma parte crucial do processo de preparação do alimento. Ele consiste em simular, de forma icônica, o ato de amassar a farinha de tapioca em um recipiente para se obter a forma final do alimento. Desse modo o foco está no processo de moldagem, o sinal enfatiza a ação manual de espalhar e compactar a farinha de tapioca quente numa superfície, moldando-a para que adquira a consistência e o formato desejados, com o movimento de pressão para achatar a massa. A representação está diretamente ligada ao fato de a farinha de tapioca ser granular, que precisa se transformar em uma massa coesa para ser consumida. Ele destaca a habilidade e o toque final no preparo. Já em Libras, o sinal de “tapioca” é um sinal composto e também icônico, mas sua representação integra duas etapas distintas, o primeiro componente é o próprio sinal de “farinha” em Libras que consiste em “espalhar” ou “polvilhar” o pó. O segundo componente do sinal é a parte mais distintiva, o ato de dobrar e virar a tapioca pronta. Isso sugere que o sinal em Libras foca no manuseio da tapioca já formada na frigideira, quando ela está prestes a ser retirada ou já pronta para consumo. O gesto de “dobrar” remete à forma como a tapioca é frequentemente servida (dobrada ao meio) e o “virar” pode indicar o cozimento de ambos os lados ou a finalização do preparo. A comparação entre os sinais de “tapioca” em LIAS e Libras ilustra como as línguas de sinais, podem escolher diferentes momentos ou aspectos de um processo para sua representação e em muitos casos podem ser consideradas representações icônicas dentro de um determinado contexto.</p>	

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

A análise dos quinze sinais pertencentes ao campo semântico dos *Alimentos* evidencia como a LIAS se constitui a partir de uma relação íntima entre língua, iconicidade, corpo e cultura. Cada sinal apresentado nesta subseção revela não apenas um item lexical, mas um fragmento das práticas culinárias, das técnicas tradicionais e das experiências sensoriais que estruturam o cotidiano do povo Apinajé. Ao colocar em diálogo as formas de representação da LIAS com os sinais correspondentes na Libras, reforça-se o entendimento de que as línguas de sinais, embora possam compartilhar mecanismos iconográficos, desenvolvem soluções próprias



ancoradas em histórias e modos de vida específicos. Encerramos, assim, esta subseção destacando que o léxico dos alimentos na LIAS não é apenas uma categoria linguística, mas também uma janela para compreender a criatividade, a memória e a organização cultural da comunidade Apinajé.

Além dos sinais de alimentos identificados como próprios da LIAS, também foram observados outros sinais utilizados pelos indígenas Surdos, tais como *banana*, *goiaba*, *laranja*, *leite* e *mamão*. No entanto, esses sinais não apresentaram particularidades estruturais que os diferenciasses da Libras. O modo como foram executados pelos participantes coincide integralmente com os sinais utilizados na Libras, sugerindo que tais itens lexicais podem ter sido incorporados por contato linguístico ou por circulação prévia desses sinais em contextos escolares e comunitários.

6.1.2 Animais



O campo semântico dos *Animais* reúne dezesseis sinais profundamente vinculados ao território, às práticas de convivência na mata e aos conhecimentos tradicionais que atravessam a vida do povo Apinajé. Na LIAS, muitos desses sinais são construídos a partir da observação atenta do comportamento dos animais, de seus movimentos característicos e das interações cotidianas que o grupo estabelece com o ambiente. Essa relação direta com a natureza faz com que a iconicidade seja marcada não apenas pela forma visual do animal, mas também pelos processos associados ao seu modo de viver, caçar, alimentar-se ou deslocar-se.

Quadro 23 - Sinal de abelha (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	1 – Mão em CM 40 (INES, 2022) 2 - Mão em CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Lateral do braço		
Movimento	1 – Estático 2 – Flexão		
Orientação da mão	Palma da mão para dentro		
Expressão Facial	Testa franzida e dentes a mostra.		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>O sinal de “abelha” na LIAS apresenta forte caráter experiencial. Ele é composto por dois movimentos sucessivos: primeiro, representa-se a picada da abelha tocando rapidamente o braço, simulando o ferrão penetrando a pele. Em seguida, realiza-se o sinal de esfregar o local, reproduzindo a reação natural de quem acabou de ser ferroadado. Essa combinação evidencia tanto a ação do inseto quanto a resposta corporal, aproximando o sinal da vivência sensorial e cotidiana do povo Apinajé. Na Libras, o sinal também remete à abelha como um inseto que voa e pica, mas a iconicidade é construída de outra forma. Geralmente, simula-se o movimento do inseto no ar e depois a picada, sem incluir a etapa de esfregar o local atingido. O foco está no comportamento da abelha e em sua característica principal — o ferrão — e não na reação humana posterior. Assim, enquanto a LIAS representa o evento completo (picada + incômodo), a Libras destaca apenas a ação do inseto, revelando diferentes formas de organizar a experiência visual e cultural do mesmo conceito.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 24 - Sinal de aranha (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão em CM 13 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Braço da mão passiva		
Movimento	1 – Movimento de abrir e fechar os dedos 2 – Movimento linear do braço para o antebraço		
Orientação da mão	Palma da mão para dentro		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de aranha é construído a partir de uma iconicidade fortemente ligada ao corpo. A mão assume uma configuração em que os dedos se movimentam de forma alternada, simulando as patas da aranha. Esse sinal é realizado diretamente sobre o braço, de modo que o movimento ascendente representa a aranha caminhando pela superfície da pele. A sensação visual é imediata: o sinal reproduz tanto o deslocamento típico do animal quanto a experiência corporal de sentir uma aranha subindo pelo braço, algo facilmente reconhecível no cotidiano do povo Apinajé. Na Libras, o sinal também utiliza o movimento dos dedos para representar as patas da aranha, preservando a mesma lógica icônica. Entretanto, ele é realizado no espaço neutro, sem apoio no corpo. Assim, mantém a ideia da aranha caminhando, mas sem a referência direta ao contato corporal presente na LIAS. Em síntese, a LIAS enfatiza a experiência corporal da aranha caminhando sobre o braço, enquanto a Libras prioriza uma representação espacial do animal, mantendo a iconicidade, porém sem o uso do corpo como base.</p>			





Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 25 - Sinal de arara (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 - Mão em CM 48(INES, 2022) 2 - Mão dominante em CM 32 e passiva em CM 21(INES, 2022)	
Ponto de articulação	1 - Espaço neutro a frente do cabeça 2 - Dedos da mão dominante em cima dos dedos da mão passiva.	
Movimento	1 - Movimento de trepidação e com deslocamento da direita pra esquerda 2 - Estático	
Orientação da mão	1 - Palma da mão para o lado (contralateral) 2 - Palma da mão para baixo	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “arara” possui uma iconicidade marcada por uma pequena sequência que reflete tanto a forma quanto o comportamento do animal, bastante presente no cotidiano das aldeias do Tocantins. O primeiro movimento destaca o bico característico da arara, formado pela configuração das mãos que imita sua curvatura. Em seguida, o sinal evolui da alusão ao voo da arara para o pouso, com os dedos ganhando a configuração de mão que representa os pés da ave se acomodando em um galho. Essa construção sequencial evidencia um foco no processo: a arara não é apenas identificada, mas apresentada em ação, o que reforça a forte relação entre experiência visual e expressão linguística do povo Apinajé. Na Libras, o sinal para arara é mais condensado e privilegia a iconicidade da forma, representando principalmente o bico da ave por meio dos dedos indicador e médio curvados à frente da boca. Enquanto a LIAS explora a dinâmica do voo e o contexto natural em que a arara é observada, a Libras foca em um traço visual distintivo e imediatamente reconhecível. Assim, ambos os sinais são icônicos, mas a LIAS enfatiza o comportamento e o ambiente, ao passo que a Libras se apoia na representação direta da forma.</p>		

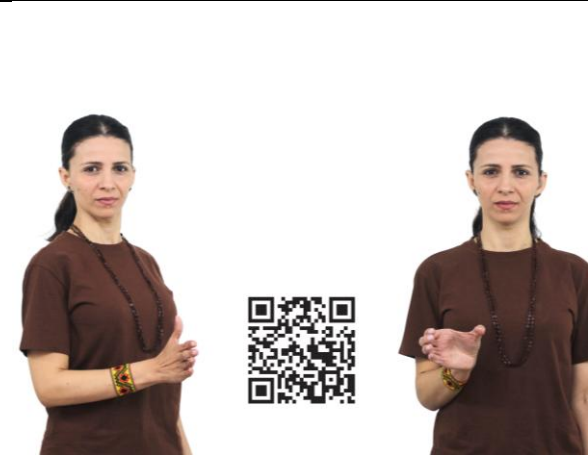

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 26 - Sinal de cachorro (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão em CM 13 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente da boca		
Movimento	Movimento de abrir e fechar a mão com os dedos curvados		
Orientação da mão	Palma da mão para frente		
Expressão Facial	Sobrancelhas franzidas e boca imitando o latir de um cachorro.		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “cachorro” apresenta uma iconicidade muito evidente, construída pela combinação entre os parâmetros manuais e a expressão facial. O sinal reproduz o latido e o avançar de um cachorro raivoso, aproximando o corpo e a intensidade do movimento à postura típica do animal quando está em ameaça. A expressão do rosto, que simula a tensão e o ataque, reforça ainda mais o caráter icônico do sinal, mostrando não apenas o animal, mas seu comportamento. Assim, o foco recai sobre o processo — a ação desempenhada pelo cachorro — para além de sua forma física. Na Libras, o sinal associado a cachorro segue outra lógica: ele enfatiza principalmente a forma do focinho ou a ideia da focinheira que o envolve, representada pela configuração da mão posicionada à frente da boca. Trata-se de um sinal mais lexicalizado e compacto, que privilegia um traço estrutural do animal, enquanto a LIAS destaca a dinâmica da cena. Dessa forma, ainda que ambos os sinais sejam icônicos, a LIAS valoriza o comportamento e a expressividade, ao passo que a Libras concentra-se em um elemento visual mais pontual e estável.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 27 - Sinal de cobra (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	1 - Mão em CM 2 (INES, 2022) 2 - Mão em CM 15 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	1 - Movimento de serpentear (ondulação) 2 - Movimento de abrir e fechar a mão		
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (Contralateral)		
Expressão Facial	1 - Neutra 2 - Abrir e fechar a boca (Abocanhar)		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “cobra” apresenta uma iconicidade construída a partir de duas etapas que retratam o comportamento do animal no ambiente natural. Primeiro, o sinal evidencia o ato de rastejar, com um movimento que sugere o deslizamento da cobra pela mata, algo muito presente no cotidiano das aldeias. Em seguida, surge a representação da mordida, marcada pela configuração manual entreaberta, que forma a imagem de uma cobra de porte maior. Essa escolha de configuração reflete possivelmente uma percepção local, relacionada às espécies mais frequentes na região, reforçando a ligação entre o sinal e a experiência real da comunidade. O sinal, portanto, privilegia o processo — deslocamento e ataque — enfatizando ações típicas do animal. Na Libras, o sinal para cobra segue um caminho diferente: ele destaca principalmente as presas da víbora. Trata-se de uma iconicidade mais focada na forma, usando um detalhe visual marcante para identificar o animal. Assim, enquanto a LIAS enfatiza o comportamento e o contexto ambiental, a Libras se apoia em um traço fisiológico específico, resultando em representações icônicas que, embora distintas, convergem na identificação do mesmo animal.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 28 - Sinal de escorpião (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos em CM 48(INES, 2022)		
Ponto de articulação	Acima da cabeça		
Movimento	Movimento de dobramento dos pulsos		
Orientação da mão	Palmas das mãos para os lados (Contralateral)		
Expressão Facial	Sobrancelhas franzidas e dentes cerrados		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “escorpião” é fortemente icônico e construído a partir da imagem do animal em ação. Os dedos indicadores das duas mãos, posicionados acima da cabeça, assumem o papel de pinças do escorpião. A forma curvada dos dedos e o movimento em direção ao centro sugerem o momento em que o animal se aproxima e prende a presa, como se estivesse em posição de ataque. Esse uso das duas mãos, trabalhando de maneira coordenada, amplia a sensação de força, fazendo com que o sinal remeta não só à forma do escorpião, mas também ao processo de captura, isto é, à maneira como ele age no ambiente. Na Libras, o sinal de escorpião também se apoia na iconicidade, mas destaca outro ponto do corpo do animal: a cauda com o ferrão. O movimento geralmente parte de trás em direção à frente, indicando o ato de ferocar a presa, o que concentra a atenção em um único elemento corporal e em um momento específico da ação. Assim, as duas línguas convergem ao representar o escorpião por meio de aspectos visuais marcantes e de comportamentos típicos do animal, mas divergem na escolha do foco: na LIAS, enfatizam-se as pinças e o ato de agarrar; na Libras, a cauda e o ato de ferocar. Ambas constroem imagens potentes, porém baseadas em recortes diferentes do mesmo referente.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 29 - Sinal de formiga (LIAS)

LIAS	Libras
	
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	1 – Mão dominante em CM 17 (INES, 2022) 2 – Mão passiva em CM 69 (INES, 2022)
Ponto de articulação	Dedos da mão dominante por cima do dorso da mão passiva
Movimento	Movimento de picar/ferroar
Orientação da mão	Palmas das mãos para baixo
Expressão Facial	Sobrancelhas franzidas e dentes cerrados
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal de “formiga” apresenta uma iconicidade diretamente ligada à experiência sensorial vivida na comunidade. O movimento é realizado com os dedos indicador e médio, que tocam de maneira firme o dorso da outra mão, representando a ferroada da formiga. A ação é acompanhada por uma expressão facial que evidencia a dor causada pela picada, reforçando o caráter experiencial do sinal. A combinação entre toque, intensidade e expressão do rosto cria uma imagem completa, que não apenas identifica o inseto, mas retrata o processo pelo qual ele é reconhecido: o ataque rápido e a sensação que provoca. Na Libras, a variação utilizada neste estudo guarda certa proximidade com a LIAS, mas o foco icônico é outro. O movimento dos mesmos dedos sobre o dorso da mão enfatiza a formiga andando, que remete ao comportamento do inseto do que à sua picada. Essa diferença evidencia duas escolhas de representação: na LIAS privilegia-se o impacto sensorial e a dor da ferroada; na Libras, a atenção recai sobre o deslocamento típico da formiga. Apesar de partirem de configurações semelhantes, as duas línguas constroem sentidos distintos, cada uma destacando um aspecto marcante do mesmo animal.</p>	


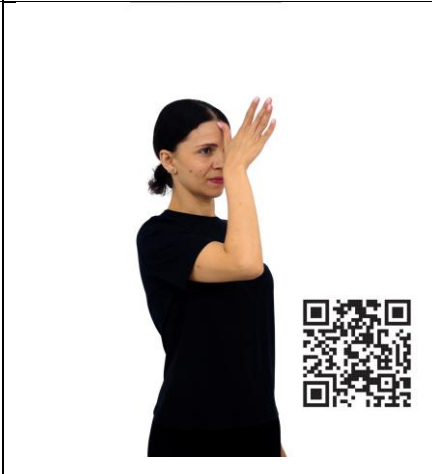
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 30 - Sinal de gado (boi ou vaca) (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mão em CM 1 (INES, 2022) 2 – Mãos em CM 49 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	Laterais da cabeça	
Movimento	1 – Abrir e fechar 2 - Estático	
Orientação da mão	Palmas das mãos para frente	
Expressão Facial	1- Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>A representação do sinal para “boi” na LIAS e na Libras ilustra como a iconicidade, a semelhança visual entre o sinal e seu referente são empregadas de maneiras distintas, embora ambas as línguas remetam à característica mais proeminente do animal: os chifres. Na LIAS, o sinal de boi é também apresenta a orelha do animal e inclui os chifres que são formados pelo uso de ambas as mãos para mimetizar ambos chifres do animal. Essa iconicidade bilateral reforça a característica física do boi, utilizando a simetria para representá-lo de forma mais completa. Por outro lado, na Libras, o sinal de boi também faz alusão aos chifres do animal, mas a representação é feita com apenas uma das mãos. Essa mão é moldada para simbolizar a forma curva do chifre de um boi. A iconicidade aqui se concentra na essência da curva do chifre, sugerindo uma abstração da forma que, mesmo unilateralmente, é reconhecível como representativa do animal. Essa diferença na representação demonstra como duas línguas de sinais podem convergir para um mesmo conceito (o chifre do boi) mas divergir na forma como essa iconicidade é materializada. A LIAS opta por uma representação mais literal e simétrica, enquanto a Libras busca uma iconicidade mais concisa, utilizando a essência da forma em sua representação.</p>		

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 31 - Sinal de galinha (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	Mãos em CM 69 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	Ao lado do corpo	
Movimento	Com os braços flexionados, realiza-se o movimento de abrir e fechar os braços.	
Orientação da mão	1 – Palmas da mão para o lado (contralateral)	
Expressão Facial	1- Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal para designar a “galinha” é caracterizado pelas asas do animal. Isso implica que o sinal mimetiza ou aponta para as asas da galinha, ou o movimento de bater as asas. Essa escolha de característica pode refletir a observação da galinha em seu ambiente natural, talvez voando pequenas distâncias ou batendo as asas. Ao focar nas asas, a LIAS destaca uma característica de movimento ou estrutura corporal que é proeminente no comportamento ou na anatomia da galinha. Em contraste, na Libras, o sinal para “galinha” é caracterizado pela crista do animal. Essa escolha enfatiza uma característica visual distinta e muitas vezes colorida, que é uma das primeiras coisas que se nota ao olhar para uma galinha, especialmente para o galo. A crista é um traço marcante na identificação do animal para a maioria das pessoas. De modo, que ambos os sinais são de natureza icônica, utilizando-se das características físicas da galinha para criar um sinal visualmente reconhecível. A iconicidade permite que os sinais sejam intuitivos e conectados à imagem real do animal.</p>		


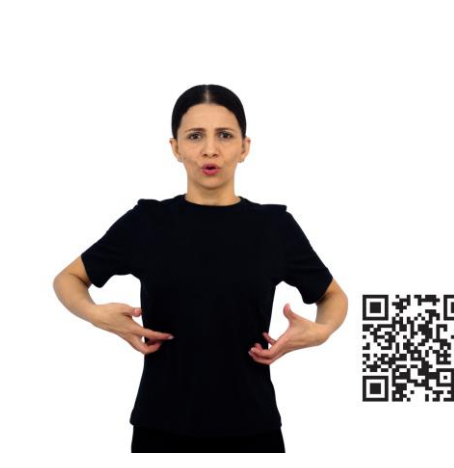
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 32 - Sinal de gato (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos em CM 69 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Em frente a boca		
Movimento	Rotação do pulso		
Orientação da mão	Palma da mão para dentro		
Expressão Facial	Lamber		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “gato” representa o comportamento do animal ao se lamber. A mão fechada simula pata do gato, que se aproxima da região da boca, seguida de uma rotação do punho, como se o animal estivesse esfregando a pata e passando a língua. A expressão facial acompanha esse movimento, reforçando a ideia de cuidado e higiene típica do gato. A iconicidade aqui é sobretudo corporal e dinâmica: o corpo de quem sinaliza “empresta” seus movimentos ao corpo do animal, aproximando o sinal de uma ação vivida, quase teatral. Na Libras, o sinal selecionado para esta tese se aproxima de um traço físico marcante do gato: os bigodes. Ele é realizado com os quatro dedos esticados nas laterais da bochecha, como se desenhassem visualmente os bigodes do animal no rosto de quem sinaliza. A iconicidade, nesse caso, é mais visual e estática: não há a encenação do movimento do gato se lambendo, mas a ênfase em um aspecto saliente da sua aparência. Assim, embora ambas as línguas de sinais recorram à iconicidade, elas o fazem de maneiras diferentes: a LIAS privilegia o movimento, a ação e a expressão facial como recursos de representação, enquanto a Libras, nesse sinal específico, destaca uma característica física do animal. As duas soluções são icônicas, mas revelam modos distintos de olhar para o mesmo referente – um mais centrado no hábito cotidiano do gato, outro no seu contorno visual.</p>			

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa



Quadro 33 - Sinal de macaco (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 – Mãos com a CM 11 (INES, 2022) 2 – Mão dominante com a CM 3	
Ponto de articulação	1 – Espaço neutro a frente do tronco e cabeça 2 – Antebraço da mão passiva	
Movimento	1 – Subir um árvore com as mãos 2 – Retilíneo simbolizando o ato de cortar	
Orientação da mão	1 – Palmas das mãos para dentro 2 – Palma da mão para cima	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “macaco” traz elementos que dialogam diretamente com a memória ancestral e com práticas culturais do povo Apinajé. Ele é composto por duas partes bem definidas, ambas carregadas de iconicidade significativa para o povo. Na primeira parte, o sinalizante representa o movimento do macaco subindo em uma árvore, o que remete ao comportamento natural do animal e à relação cotidiana do povo com o ambiente da mata. Já a segunda parte do sinal simboliza o ato de cortar o braço do macaco, referência que faz sentido dentro do contexto cultural Apinajé⁷, em que a caça e o consumo desse animal fazem parte da tradição alimentar. Assim, o sinal não apenas identifica o referente, mas também incorpora práticas e conhecimentos do grupo, funcionando como um marcador linguístico e cultural ao mesmo tempo. Na Libras, o sinal para macaco selecionado para esta tese segue outro caminho icônico. Ele é realizado com as duas mãos “coçando” a região da barriga, evocando de forma bem direta um comportamento amplamente reconhecido do animal. Aqui, a iconicidade é construída a partir de um traço corporal universalmente associado ao macaco, sem carregar camadas culturais específicas como ocorre na LIAS. Comparando as duas línguas, observa-se que ambas recorrem à iconicidade, mas com ênfases distintas: a LIAS utiliza a ação e o contexto cultural como base para construir o significado, enquanto a Libras privilegia um traço visual amplamente conhecido e facilmente identificável. Na LIAS, a iconicidade baseada no processo, no movimento e no contexto cultural. Na Libras, ela é baseada na forma, evidenciando um atributo físico que remete de imediato ao animal.</p>		

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa





⁷ Verificou-se, em diálogo com discentes indígenas Apinajé, que o consumo dos braços do macaco é uma prática tradicional do povo. Relataram que essas partes, assim como o cérebro, são frequentemente preparadas para as crianças. Trata-se de um hábito ancestral, associado à crença de que, ao ingerir tais porções do animal, a criança crescerá mais forte e mais inteligente.

Quadro 34 - Sinal de pato (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do abdômen		
Movimento	Abrir e fechar as mãos		
Orientação da mão	Palmas das mãos para dentro		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de pato remete principalmente ao movimento das patas do animal enquanto nada enfatizando o deslocamento na água. A configuração de mão e o movimento sugerem o bater ritmado das patas, compondo um sinal de caráter processual, pois destaca a ação do animal em seu ambiente. Já na Libras, o sinal de pato está associado ao bico da ave, normalmente com uma configuração de mão que imita o formato do bico se abrindo e fechando, sendo, portanto, um sinal mais voltado para a forma, isto é, para uma característica física marcante do animal. Em ambas as línguas há iconicidade, mas ela se constrói de maneiras distintas: na LIAS, pelo processo de nadar; na Libras, pela forma do bico.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 35 - Sinal de peixe (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	Tremor ou ondulatório		
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “peixe” faz referência direta ao movimento ondulatório (acelerado) que ele faz para se locomover nas águas dos rios e lagoas. Este sinal capta a essência da locomoção do peixe em seu ambiente natural. A representação se concentra na agilidade e na fluidez do movimento, com a mão imitando a ondulação do corpo de um peixe nadando rapidamente. Ao focar no movimento na água, a LIAS estabelece uma conexão intrínseca do peixe com seu habitat natural, os rios e lagoas, que são ambientes cruciais para o povo Apinajé. O sinal não apenas identifica o animal, mas também o situa em seu contexto ecológico. Já em Libras, o sinal de “peixe” faz alusão ao anzol que é utilizado para se pescar o peixe. Este sinal se concentra na forma como os seres humanos interagem com o peixe, especificamente através da pesca com anzol. A Libras mimetiza o formato do anzol ou o movimento de fisgar. Ao escolher o anzol como elemento icônico, a Libras adota uma perspectiva mais antropocêntrica, destacando a ferramenta e a ação humana de captura, em vez do comportamento natural do animal. Isso reflete a importância da pesca como atividade humana.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 36 - Sinal de porco (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	Mãos com a CM 2 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	A frente da boca e nariz	
Movimento	Abrir e fechar a mão	
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (Ipsilateral)	
Expressão Facial	Dentes cerrados	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “porco” é uma representação mais complexa com em dois elementos distintivos que, juntos, pintam um retrato vívido do comportamento do animal: as narinas e seu movimento. Por isso, o elemento central do sinal em LIAS é a representação direta das narinas do focinho do porco. O sinal em LIAS mimetiza com precisão o movimento de abrir e fechar dessas narinas enquanto o porco fareja. Essa iconicidade foca na ferramenta principal que o porco utiliza para interagir com o ambiente em busca de comida, evocando a imagem do animal cheirando o chão ou os alimentos. A expressão facial com a boca entreaberta complementa o movimento do focinho. Essa adição intensifica a iconicidade, pois a boca ligeiramente aberta é frequentemente observada em porcos enquanto farejam, comem ou emitem seus sons característicos (como grunhidos). A combinação do movimento das narinas com essa expressão facial cria uma representação mais completa e tridimensional do porco, transmitindo não apenas sua aparência, mas também seu comportamento e a maneira como ele se expressa. Na Libras, o sinal de “porco” também é icônico e remete ao ato de “fuçar” o chão, mas a execução e o foco são diferentes: A variação do sinal em Libras apresentado é exemplificada com a mão em formato de "B" posicionada abaixo do queixo com movimentos circulares. Esses movimentos visam evocar a ideia de revirar ou remexer, simulando a ação do porco ao usar o focinho para procurar comida no chão. A LIAS oferece uma representação mais detalhada e composta, mimetizando os movimentos das narinas e a expressão facial da boca entreaberta do animal. A Libras, por sua vez, utiliza uma configuração de mão e localização específicas com um movimento circular que remete ao ato de revirar o chão.</p>		





Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 37 - Sinal de rato (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 10 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Laterais da boca		
Movimento	Abrir e fechar os dedos da mão		
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)		
Expressão Facial	Mordidas pequenas		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “rato” reproduz o processo do animal comer. As duas mãos posicionam-se como se o rato estivesse segurando um pequeno alimento e o mordiscando rapidamente, enquanto a expressão facial reforça essa cena — um detalhe fundamental, já que a iconicidade aqui nasce da encenação da ação típica do animal. Na Libras, por outro lado, a iconicidade se apoia na forma. O sinal selecionado neste estudo enfatiza os bigodes característicos do rato, realizados pelas mãos próximas ao rosto, remetendo ao aspecto físico mais marcante do animal. Assim, ainda que ambas as línguas utilizem estratégias icônicas, a LIAS privilegia o movimento e o comportamento do animal, enquanto a Libras ressalta um traço visual distintivo da sua aparência.</p>			

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 38 - Sinal de sapo (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	1 - Mãos com a CM 67 (INES, 2022) 2 – Mão com a CM 5 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Lateral do corpo na altura do abdômen		
Movimento	Abrir e fechar a mão		
Orientação da mão	Palma da mão para dentro)		
Expressão Facial	Boca entre aberta e língua para fora		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>No sinal de “sapo”, tanto a LIAS quanto a Libras recorrem à iconicidade como princípio estruturante, estabelecendo uma relação visual direta com o referente. Em ambas as línguas, o corpo do sinalizante é utilizado como recurso semiótico para representar características observáveis do animal, evidenciando que a construção do léxico se ancora na experiência perceptiva e no contato cotidiano com o ambiente natural. As diferenças, contudo, manifestam-se no foco icônico privilegiado por cada língua. Na LIAS, o sinal enfatiza a forma e partes corporais do sapo: ambas as mãos representam as patas abertas do animal, acompanhadas de expressão facial que remete à língua, ressaltando uma descrição mais detalhada e corporal do referente. Já na Libras, o sinal prioriza o processo, destacando o salto característico do sapo como elemento central da representação. Assim, enquanto a LIAS valoriza aspectos morfológicos e expressivos, a Libras concentra-se na ação, revelando escolhas distintas na forma de conceptualizar o mesmo referente.</p>			





Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

A apresentação dos sinais do campo dos animais evidencia a força simbólica e cultural que orienta a construção do léxico na LIAS. Cada sinal analisado reflete um olhar específico sobre o ambiente, preservando narrativas, práticas de caça, crenças e modos de percepção que fazem parte da relação ancestral do povo Apinajé com a natureza. Ao comparar essas representações com os sinais correspondentes em Libras, torna-se possível reconhecer não apenas proximidades iconográficas, mas também diferenças que revelam trajetórias históricas e experiências socioculturais distintas. Encerramos esta subseção ressaltando que o domínio dos animais na LIAS constitui um espaço privilegiado para compreender a criatividade linguística e a profundidade cultural que permeiam essa LIS.

6.1.3 Relações familiares



O campo semântico das *Relações familiares* reúne sinais que expressam vínculos sociais fundamentais para a organização do povo Apinajé, revelando como a LIAS incorpora, em sua estrutura linguística, modos de pertencimento, papéis sociais e formas de convivência próprias da comunidade. Nesta subseção, são apresentados cinco sinais — *avós, família, homem, mulher e parentes/irmãos* — cada um refletindo, à sua maneira, dimensões afetivas, geracionais e culturais que estruturam a vida coletiva. As fichas destacam tanto a iconicidade relacionada ao corpo e aos laços de parentesco quanto as escolhas culturais presentes na construção desses significados.

Quadro 39 - Sinal de avô/avó (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão com a CM 69 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimento retilíneo curto de cima pra baixo		
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)		
Expressão Facial	Testas franzidas e postura corporal carregada		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “avô” e “avó” se apoia em uma iconicidade fortemente ligada ao processo de locomoção de uma pessoa idosa. Representa-se o movimento de alguém que caminha com o auxílio de uma bengala, encenando de forma clara e expressiva a postura corporal associada à velhice na comunidade. Essa representação privilegia elementos visuais e corporais culturalmente reconhecidos para marcar a figura dos mais velhos. Na Libras, a referência para avô e avó é diferente: utiliza-se o sinal já convencionalizado para velho, aplicado como base para ambos os termos. Assim, enquanto a LIAS enfatiza a ação e o modo de andar como traços icônicos, a Libras se apoia em um sinal mais generalista, baseado na noção de idade avançada (talvez em alusão a barba de um idoso) sem indicar outra característica, como a de recriar o processo físico de locomoção.</p>			





Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 40 - Sinal de família (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 15 (Ines, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do rosto		
Movimento	Circular		
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “família” mantém a ideia de reunir e envolver um grupo de pessoas, sendo realizado com as mãos semiabertas, que se aproximam e fazem um movimento circular, remetendo ao agrupamento dos membros. A iconicidade está centrada no conceito de coletividade, isto é, no processo de reunir aqueles que pertencem ao mesmo núcleo. Na Libras, o princípio é o mesmo — representar o agrupamento — porém a língua já convencionou o uso da Configuração de Mão em F, associada à inicial da palavra em português. Assim, embora o movimento circular e a noção de conjunto se mantenham, a Libras traz uma iconicidade mais relacionada à forma gráfica da letra, enquanto a LIAS preserva um traço mais diretamente ligado ao processo de reunir o grupo.</p>			




Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 41 - Sinal de homem (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 3 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Lateral da cabeça		
Movimento	Retilíneo		
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “homem” está ligado à iconicidade que remete ao corte de cabelo curto nas laterais, característica visual marcante observada na comunidade. A mão acompanha essa região lateral da cabeça, evidenciando esse traço específico que funciona como marcador identitário e cultural. Na Libras, o sinal de homem é bem distinto, pois faz referência à barba, com a mão representando o contorno dos pelos faciais. Assim, enquanto a LIAS focaliza o corte de cabelo como elemento definidor, a Libras utiliza a representação da barba, evidenciando diferenças de motivação iconográfica entre as duas línguas.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 42 - Sinal de mulher (LIAS)

LIAS		Libras
		
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 - Mãos com a CM 10 (INES, 2022) 2 - Mãos com a CM 2 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	Cabeça	
Movimento	1 - Abrir e fechar os dedos enquanto eles se deslocam em arco na frente da testa. 2 - Retilíneo de cima pra baixo nas laterais da cabeça.	
Orientação da mão	Palma da mão para o lado (contralateral)	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, o sinal de “mulher” costuma ser composto. Primeiro, realiza-se o movimento que representa dividir as franjas ao meio e colocá-las atrás das orelhas, ação que remete a um arranjo de cabelo culturalmente reconhecido. Em alguns contextos, acrescenta-se ainda o sinal que simboliza os cabelos longos, feito pela representação dos fios lisos descendo pela lateral da cabeça até a altura dos ombros. A iconicidade, portanto, se ancora em elementos visuais presentes na aparência feminina. Na Libras, o sinal de mulher é diferente: utiliza-se o dedão deslizando na lateral da bochecha, sinal já convencionalizado na língua. Assim, enquanto a LIAS enfatiza características capilares culturalmente marcantes, a Libras adota um traço já estabilizado, que pode ou não ter tido uma origem icônica.</p>		

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 43 - Sinal de irmãos/parentes (LIAS)

LIAS	Libras
	
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	Mão dominante com a CM 49 (INES, 2022)
Ponto de articulação	Braço da mão passiva
Movimento	1 – Movimentos retilíneos curto (vai e vem)
Orientação da mão	1 - Palma da mão dominante pra baixo 2 – Palma da mão passiva pra cima
Expressão Facial	Neutra
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal relacionado a “parente” ou “irmãos” é profundamente icônico e se baseia na ideia de sangue da família. O dedo indicador percorre a artéria do braço de forma a simbolizar o sangue correndo por elas, destacando o vínculo biológico que une os membros da família. A iconicidade, portanto, enfatiza a noção de laço sanguíneo como elemento central da relação de parentesco, aproximando o sinal da experiência corporal e cultural do povo Apinajé. Na Libras, o sinal de irmão é realizado de maneira distinta: utiliza-se o flexionar dos dedos indicador e médio, sinal que já foi convencionalizado na língua. Além disso, em Libras há sinais específicos para cada tipo de parente (tio, prima, sobrinha etc.), evidenciando uma diferenciação lexical mais segmentada. Assim, enquanto a LIAS utiliza uma iconicidade unificada que remete ao sangue como símbolo de parentesco, a Libras organiza essa rede por meio de sinais distintos, cada um representando uma relação familiar específica.</p>	

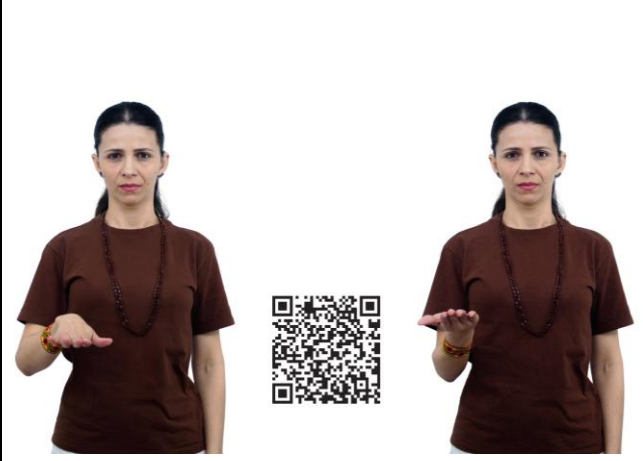
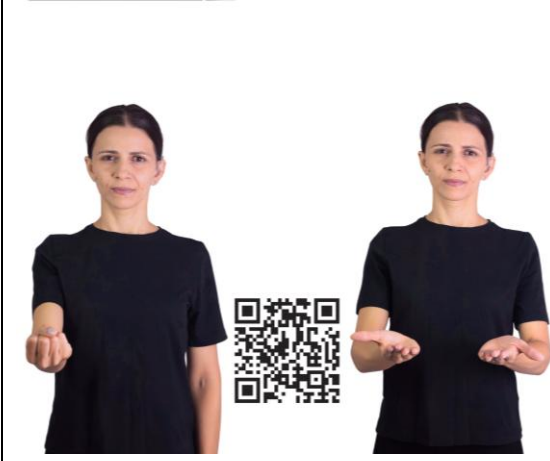
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Os cinco sinais analisados nesta subseção evidenciam como a LIAS organiza e simboliza a estrutura familiar a partir de elementos que vão além da simples nomeação dos vínculos. Cada sinal carrega traços de uma visão comunitária que valoriza a ancestralidade, a coexistência entre gerações e a centralidade da família no cotidiano Apinajé. A comparação com os sinais correspondentes em Libras permite reconhecer aproximações formais, mas também diferenças significativas, especialmente no modo como cada língua mobiliza o corpo para expressar relações de parentesco. Encerramos esta subseção destacando que o domínio das relações familiares na LIAS ilumina aspectos essenciais da vida social do povo Apinajé, reafirmando a língua como espaço de memória, afetividade e transmissão cultural.

6.1.4 Verbos


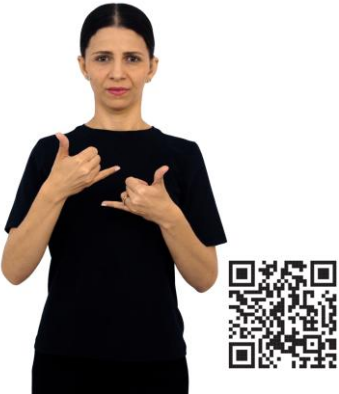
O campo semântico dos *Verbos* na LIAS revela um aspecto particularmente expressivo da língua: a presença de ações diferenciadas para atividades tradicionalmente associadas ao universo masculino e ao universo feminino, refletindo papéis sociais e culturais profundamente enraizados no cotidiano Apinajé. Entre os sete sinais catalogados, destacam-se *brincar* e *dançar*, que apresentam variantes específicas para homens e para mulheres, ambas construídas com base em elementos icônicos que remetem às práticas, aos movimentos corporais e às expressões culturais próprias de cada grupo. Outro ponto de grande relevância é o sinal único utilizado para *ler*, *escrever* e *estudar* na LIAS, que, ao condensar três atividades distintas em uma única forma, evidencia uma forma particular de organização semântica.

Quadro 44 - Sinal de assar (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço Neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimentos de girar o braço		
Orientação da mão	Palma da mão dominante pra cima e depois pra baixo		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
Na LIAS, o sinal de “assar” remete diretamente ao ato de assar no fogo, destacando o preparo tradicional de alimentos como milho ou peixe colocados sobre a brasa. A iconicidade privilegia o processo, ou seja, o contato direto com o fogo, evidenciando práticas culinárias presentes no cotidiano da comunidade Apinajé. O movimento das mãos simboliza esse modo específico de cocção, reforçando a ligação entre língua, cultura e técnica de preparo. Na Libras, o sinal de assar segue uma lógica diferente: ele representa a ação de abrir o forno e colocar o tabuleiro dentro, remetendo ao uso do forno doméstico moderno. Assim, enquanto a LIAS ancora seu sinal em práticas tradicionais ligadas ao fogo, a Libras utiliza uma iconicidade mais associada ao forno como equipamento, evidenciando diferenças culturais e contextuais entre as duas línguas.			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 45 - Sinal de brincar de menina (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Um braço sobre o outro no espaço Neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimentos de ninar		
Orientação da mão	Palmas das mãos pra cima		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, existem pelo menos dois sinais distintos para “brincar”, cada um associado a um tipo específico de atividade lúdica. Aqui destacamos o brincar de menina, cuja iconicidade está diretamente ligada ao ato de brincar de boneca. O movimento das mãos representa esse cuidado e manipulação da boneca, remetendo a uma prática concreta e culturalmente reconhecida entre as crianças da comunidade. A língua, assim, ancora o significado no processo da brincadeira, trazendo uma representação visual clara do tipo de atividade realizada. Na Libras, o sinal de brincar segue um caminho diferente. Ele é convencionalizado de forma mais arbitrária, sem referência direta a uma brincadeira específica. As mãos são configuradas em Y e realizam movimentos circulares, compondo um sinal estabelecido pela língua, mas sem iconicidade transparente relacionada a bonecas, jogos ou qualquer atividade lúdica particular. Dessa forma, enquanto a LIAS destaca a experiência concreta da brincadeira, a Libras apresenta um sinal generalizado, marcado pela convencionalidade e pela ausência de relação direta com um tipo específico de ação.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 46 - Sinal de brincar de menino (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 69 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço Neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimentos de socar		
Orientação da mão	Palmas das mãos para o lado (Contralateral)		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “brincar” de menino remete diretamente às brincadeiras de luta, atividade comum entre os meninos da comunidade. A iconicidade é transparente: as mãos simulam movimentos de enfrentamento ou pequenos golpes, evocando o modo como as crianças brincam fisicamente entre si. Assim, o sinal expressa o processo real da brincadeira, trazendo para a língua a dinâmica corporal própria desse tipo de interação lúdica. Na Libras, o sinal correspondente a brincar mantém a mesma forma já mencionada anteriormente: é convencionalizado, com as mãos configuradas em Y realizando movimentos circulares. Não há relação direta com nenhuma brincadeira específica, nem com lutas, bonecas ou jogos. A iconicidade, portanto, é baixa, e o sinal funciona como uma unidade lexical generalizada. Dessa forma, enquanto a LIAS evidencia o tipo concreto de brincadeira, a Libras utiliza um sinal amplo e arbitrário, não motivado por ações específicas do brincar infantil.</p>			


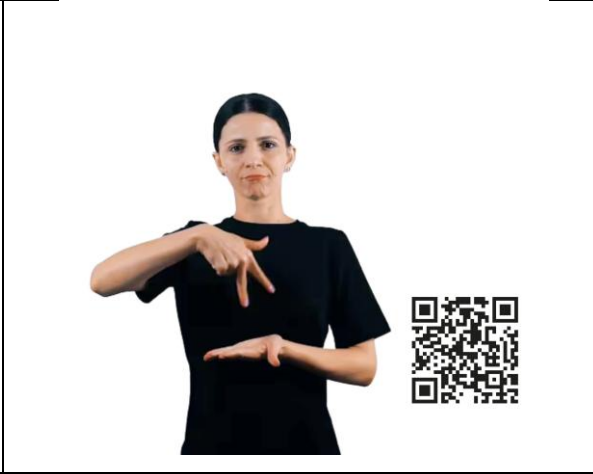
Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 47 - Sinal de cozinhar (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão com a CM 13 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço Neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimentos de mexer dos dedos		
Orientação da mão	Palma da mão para cima		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “cozinhar” está diretamente ligado à chama do fogo, representando o calor que cozinha o alimento. As mãos evocam o movimento das labaredas, reforçando uma iconicidade muito presente no cotidiano do povo, onde o fogo desempenha papel central no preparo das refeições. É interessante observar que esse sinal de cozinhar na LIAS é idêntico ao sinal de fogo na Libras, o que evidencia uma coincidência iconográfica entre as duas línguas, embora com significados e usos distintos. Na Libras, o sinal de cozinhar segue outra lógica: ele representa o ato de mexer a panela enquanto o alimento está sendo preparado. A iconicidade é processual, focada na ação cotidiana de manipular o utensílio durante o cozimento. Assim, enquanto a LIAS ancora o significado na força do fogo como elemento culinário principal, a Libras destaca a ação de mexer a comida, refletindo práticas e referências diferentes entre as duas línguas.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 48 - Sinal de dançar dos homens (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão com a CM 69 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço Neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimentos chocalhar Movimento de dobrar e esticar a perna dominante		
Orientação da mão	Palma da mão para lado (contralateral)		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “dançar” dos homens — está diretamente ancorado na iconicidade do movimento corporal tradicional, associado ao uso do maracá. As mãos reproduzem a forma como os homens dançam, evidenciando tanto o balanço do corpo quanto a forma característica de manusear o instrumento. O sinal, portanto, retrata o processo real da dança, trazendo para a língua a expressividade e o ritmo presentes nas práticas culturais do povo Apinajé. A representação é transparente, pois imita a postura e o movimento corporal típicos dessa dança. Na Libras, o sinal de dançar segue um caminho diferente e mais generalista: utiliza-se os dedos indicador e médio da mão dominante movimentando-se para um lado e para o outro sobre a mão passiva. A iconicidade está na forma simplificada da dança e não em uma prática cultural específica. Assim, enquanto a LIAS traduz a experiência corporal e tradicional da dança masculina, a Libras apresenta uma representação mais abstrata e convencional, que remete apenas ao ato de dançar de modo genérico.</p>			

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 49 - Sinal de dançar das mulheres (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 69 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço Neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimentos de abrir e fechar os braços Movimento de rotacionar o quadril		
Orientação da mão	Palma das mãos para lado (contralateral)		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “dançar” na forma feminina é construído a partir de uma iconicidade que representa o movimento corporal típico das mulheres durante a dança. As mãos e os braços realizam um abrir e fechar suave, enquanto o corpo indica uma leve rotação de quadril, forma característica e reconhecida nas práticas tradicionais do povo Apinajé. A língua, assim, captura o processo real da dança feminina, retratando de maneira visual e expressiva a postura e o ritmo presentes nessas performances culturais. Na Libras, o sinal de dançar permanece o mesmo utilizado de forma geral: os dedos indicador e médio da mão dominante se movimentam de um lado para o outro sobre a mão passiva, simbolizando o corpo dançando. Essa representação é mais abstrata e convencional, não fazendo alusão a nenhum estilo, ritmo ou prática cultural específica. Dessa forma, enquanto a LIAS traz para o sinal os movimentos próprios da dança feminina, a Libras utiliza um sinal generalizado, que remete apenas ao conceito amplo de dançar, sem diferenciar formas ou expressões corporais.</p>			

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 50 - Sinal de ler/escrever/estudar (LIAS)

LIAS		Libras
		
Parâmetros Configuracionais		
Configuração de mão	1 - Mãos com a CM 2 (INES, 2022) 2 - Mão dominante com a CM 47 (INES, 2022)	
Ponto de articulação	Espaço Neutro a frente do corpo	
Movimento	1 - Movimentos de semicírculo (abrir) 2 - Movimento de zigue-zague com a mão dominante	
Orientação da mão	1 - Palmas da mão para o lado (contralateral) 2 - Palma das mãos para dentro	
Expressão Facial	Neutra	
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras		
<p>Na LIAS, não foi possível identificar sinais distintos para “ler”, “escrever” ou “estudar”. O que se observa é um único sinal, utilizado para todas essas situações, cuja iconicidade remete ao ato de abrir um caderno e fazer anotações. As mãos simulam a abertura do material e a ação de escrever, funcionando como um gesto amplo associado ao contexto escolar. Assim, trata-se de um sinal polissêmico, que engloba diferentes atividades relacionadas ao ambiente de estudo, sem distinções lexicais específicas entre elas. Na Libras, ao contrário, há um sinal diferente para cada referente. Ler é representado por uma iconicidade clara, com os dedos indicador e médio simbolizando os olhos, que percorrem um texto. Escrever faz alusão direta ao movimento de segurar um lápis e escrever, evidenciando uma relação transparente com a ação. Estudar, porém, segue outra lógica: não possui uma motivação icônica clara. É realizado batendo o dorso da mão dominante na palma da mão passiva, compondo um sinal convencionalizado pela língua e sem vínculo visual direto com o ato de estudar. Dessa forma, enquanto a LIAS utiliza um único sinal de motivação ampla, baseado no processo de registrar informações em um caderno, a Libras apresenta uma diferenciação lexical mais detalhada, alternando entre sinais iconicamente motivados (ler, escrever) e sinais arbitrários (estudar).</p>		

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.





Os verbos apresentados nesta subseção mostram como a LIAS articula ações e práticas socioculturais de maneira profundamente conectada à vida do povo Apinajé, enfatizando diferenças de gênero e modos específicos de expressar atividades cotidianas. As variantes masculinas e femininas dos sinais *brincar* e *dançar* revelam não apenas distinções formais, mas também sentidos culturais incorporados no corpo, no ritmo e no sinal. O sinal único para *ler*, *escrever* e *estudar* demonstra uma organização lexical própria, que não encontra correspondência direta na Libras e evidencia processos cognitivos e semânticos singulares da

LIAS. Ao colocar esses sinais em diálogo com seus equivalentes na Libras, torna-se possível compreender tanto as convergências, quanto as peculiaridades estruturais de cada língua.

6.1.5 Elementos da natureza



O campo semântico relacionado aos *Elementos da Natureza* reúne sinais que expressam a forma como o povo Apinajé observa, vivencia e organiza os ciclos ambientais e os fenômenos naturais que estruturam seu cotidiano. Na LIAS, muitos desses sinais mantêm uma relação direta com a experiência sensorial e com a leitura do ambiente, refletindo uma percepção afinada do movimento do sol, do clima e dos ritmos naturais. Entre os sinais apresentados nesta subseção, destaca-se a sequência formada por *dia*, *tarde* e *noite*, cuja construção iconográfica evidencia a passagem do tempo a partir do deslocamento solar no céu — um processo representado de maneira contínua e coerente, que marca de forma particularmente expressiva a relação entre língua e o ambiente.

Quadro 51 - Sinal de árvore (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mãos com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	O movimento inicia-se de baixo para cima começa na altura do abdômen e se encerra a frente do queixo.		
Orientação da mão	Palmas das mãos para lado (contralateral) e no final para cima		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “árvore” é caracterizado pelo uso de ambas as mãos para representar visualmente os componentes distintos de uma árvore. Um braço/mão é utilizado para simular o tronco, geralmente mantido reto e vertical, mimetizando a base sólida da árvore. Simultaneamente, o outro braço/mão, com os dedos abertos e curvados, representa a copa, a parte mais larga e folhosa. A iconicidade na LIAS é bastante detalhada, buscando um desenho explícito do tronco e da copa, o que confere ao sinal uma representação mais completa e tridimensional da árvore. Em contraste, o sinal para “árvore” em Libras é geralmente realizado com apenas uma das mãos. O antebraço é mantido na posição vertical, simbolizando o tronco, enquanto a mão espalmada com os dedos abertos e voltados para cima representa a copa. Embora haja um claro grau de iconicidade – a mão aberta pode remeter à expansão dos galhos e folhas –, a representação é visivelmente mais simplificada e estilizada em comparação com o sinal da LIAS. A Libras foca na essência da forma da árvore, sem a necessidade de um desmembramento tão literal de suas partes. A principal semelhança entre os dois sinais é o uso da iconicidade para representar a forma geral da árvore, dividindo-a conceitualmente em tronco e copa. A diferença reside na especificidade da representação icônica. Na LIAS utiliza-se as duas mãos para representar os dois componentes distintos (tronco e copa), enquanto a Libras utiliza apenas uma mão para representar a totalidade. O sinal da LIAS é mais descritivo e detalhado, fazendo um “desenho” mais explícito das partes da árvore. Na LIAS, a iconicidade é mais literal e segmentada, representando cada parte da árvore de forma separada. Na Libras, a iconicidade é mais abstrata e integrada, representando a árvore como um todo com uma única configuração de mão.</p>			



Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 52 - Sinal de dia (LIAS)

LIAS		Libras	
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimento linear diagonal		
Orientação da mão	Palmas das mãos para baixo		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “dia” é produzido de maneira profundamente icônica, privilegiando o processo do nascer do sol. A mão aberta parte de um ponto baixo — como um horizonte simbólico — e eleva-se de forma retilínea até aproximadamente 45°, remetendo diretamente ao movimento do sol surgindo e iluminando gradualmente o ambiente. A amplitude e naturalidade do movimento reforçam essa referência ao fenômeno observado na natureza. Na Libras, a noção de dia também é construída a partir da imagem do sol nascendo, preservando a mesma base icônica. No entanto, diferencia-se por privilegiar a CM em D, estilizando o sol de maneira mais convencional dentro da Libras. Dessa forma, enquanto a LIAS privilegia o processo (a subida do sol), a Libras incorpora um elemento alfabético, mantendo a referência sem perder sua iconicidade geral.</p>			





Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 53 - Sinal de tarde (LIAS)

LIAS	Libras
	
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	Mão com a CM 2 (INES, 2022)
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo
Movimento	Movimento linear diagonal
Orientação da mão	Palmas das mãos para lado (contralateral)
Expressão Facial	Neutra
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal de “tarde” surge como uma continuação direta do sinal de dia. Se o dia termina simbolicamente nos 45°, a tarde se inicia justamente daí: a mão aberta segue subindo até cerca de 110°, marcando o percurso do sol avançando no céu ao longo do período vespertino. Essa construção privilegia o processo natural da movimentação solar, tornando o sinal altamente icônico e diretamente relacionado ao ambiente observado. Na Libras, a ideia central também remete ao movimento do sol durante o entardecer, preservando a mesma base imagética. Entretanto, a diferenciação ocorre na orientação da palma da mão, que na Libras fica voltada para baixo. O movimento é realizado de cima para baixo, simbolizando o baixe do sol e o início do entardecer. Assim, enquanto a LIAS representa o percurso ascendente do sol ao longo da tarde, a Libras enfatiza o momento de queda da luz, cada uma privilegiando um aspecto distinto do mesmo fenômeno natural.</p>	





Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 54 - Sinal de noite (LIAS)

LIAS		Libras	
			
			
Parâmetros Configuracionais			
Configuração de mão	Mão com a CM 2 (INES, 2022)		
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo		
Movimento	Movimento linear diagonal		
Orientação da mão	Palma da mão para cima		
Expressão Facial	Neutra		
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras			
<p>Na LIAS, o sinal de “noite” segue exatamente a mesma lógica sequencial dos sinais de dia e tarde. Partindo dos 110° — onde se encerra o período da tarde — a mão continua seu percurso até aproximadamente 160°, indicando que o sol já se pôs totalmente. Esse deslocamento gradual reforça a ideia de um ciclo contínuo, em que cada sinal corresponde a uma fase do movimento solar. A iconicidade permanece centrada no processo natural: o sol sobe (dia), avança (tarde) e, por fim, ultrapassa o limite do horizonte simbólico (noite). Na Libras, o sinal de noite também conserva uma forte base icônica, mas utiliza outro recurso visual: o pôr-do-sol sendo escondido atrás do horizonte. Aqui, a mão passiva funciona como o horizonte, enquanto a mão dominante “desce” por trás dela, representando o sol desaparecendo. Assim, enquanto a LIAS mantém a lógica ascendente e contínua do ciclo solar, a Libras privilegia a imagem do sol se ocultando, enfatizando visualmente o momento em que a luz se encerra.</p>			

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 55 - Sinal de fogo (LIAS)

LIAS	Libras
 	 
Parâmetros Configuracionais	
Configuração de mão	1 – Mão dominante com a CM 2 (INES, 2022) 2 – Mão passiva com a CM 8 (INES, 2022)
Ponto de articulação	Espaço neutro a frente do corpo
Movimento	1 - Movimento retilíneo horizontal de abanar 2 – Estática
Orientação da mão	1 - Palma da mão” para o lado (contralateral) 2 – Palma da mão para dentro
Expressão Facial	Assoprar
Diferenças ou semelhanças entre a LIAS e a Libras	
<p>Na LIAS, o sinal de “fogo” remete claramente ao ato tradicional de avivar o fogo a lenha. A mão dominante realiza um movimento que simula o uso de um abano, gesto muito presente no cotidiano Apinajé, especialmente, quando se trabalha com fogões a lenha ou pequenas fogueiras domésticas. A iconicidade está centrada no processo de fazer o fogo crescer, reforçando não apenas o movimento físico, mas também um elemento cultural associado ao manejo do fogo na aldeia. Na Libras, o sinal de fogo se baseia em outra perspectiva icônica: a representação das chamas subindo, semelhante ao visual de um fogão aceso. As mãos realizam movimentos ascendentes e tremulantes, evocando o comportamento das labaredas. Aqui, o foco está mais na forma e no aspecto visual das chamas, e menos no processo de produção ou manutenção do fogo.</p>	

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

A análise dos sinais apresentados nesta subseção evidencia como a LIAS constrói o domínio dos elementos naturais a partir de uma percepção sensível, corporal e profundamente conectada ao território Apinajé. A comparação com os sinais correspondentes em Libras permitiu reconhecer tanto aproximações quanto escolhas linguísticas distintas, revelando diferentes modos de perceber e representar os ciclos naturais conforme a realidade cada um dos grupos, indígenas Surdos e Surdos urbanos.

Encerrando esta subseção — e, por extensão, a seção dedicada ao glossário — ressalta-se que o conjunto dos 49 sinais apresentados nos diversos campos semânticos evidencia a riqueza linguística, cultural e histórica da LIAS. Cada ficha, cada descrição paramétrica e cada análise comparativa reforçam que a LIS além de ser um sistema comunicativo, é um patrimônio vivo, transmitido entre gerações e enraizado nas práticas, saberes e modos de significação do

povo Apinajé. O glossário aqui organizado busca, portanto, registrar esses sinais e reconhecer e valorizar uma expressão linguística singular, marcada pela criatividade, pela iconicidade e pelo profundo vínculo entre língua, corpo e cultura.

7 ANÁLISE DE DADOS

A análise dos 49 sinais catalogados da LIAS evidencia que sua organização lexical é profundamente marcada pela relação entre língua, iconicidade, cultura e ambiente — uma relação que dialoga diretamente com os pressupostos apresentados no Capítulo 2. Onde buscou-se compreender como a iconicidade nas línguas de sinais desempenha um papel estruturante na construção dos significados, fortemente enraizados nas experiências socioculturais de seus sinalizantes. Na LIAS, esse princípio se torna especialmente visível: a iconicidade não é apenas um recurso representacional, é um elemento constitutivo da língua, acionado de maneira processual e situada, em estreito vínculo com o mundo Apinajé.

Os quadros comparativos produzidos nesta etapa mostram um padrão recorrente que confirma essa perspectiva: na LIAS, os sinais privilegiam processos, ciclos completos de ação ou estágios sucessivos de manipulação — aquilo que Quadros e Karnopp (2004) e Felipe (2005) tratam como a dimensão experiencial do léxico gestual-visual. Em contraste, a Libras tende a representar o objeto ou o resultado da ação de forma condensada, seguindo convenções já estabilizadas em contextos urbanos brasileiros. Essa diferença não se explica por um maior grau de iconicidade em uma língua ou outra, mas pela forma como cada comunidade, conforme discute Carneiro (2017), traduz sua experiência sociocultural.

Nos sinais relacionados aos alimentos, essa distinção torna-se particularmente evidente. A LIAS incorpora práticas locais de preparo e consumo, como verificar a frescura do ovo, assar o milho na brasa ou bater o açaí no paneiro — práticas que constituem, como mostra Garcia (2024), parte central da construção do léxico nas LISs. Já a Libras recorre a representações mais generalistas, pautadas por ações amplamente reconhecidas no contexto urbano (como quebrar o ovo ou servir café em xícara), reforçando a noção apresentada nesta tese de que língua e cultura se moldam mutuamente.

Situação semelhante é observada entre os sinais de animais. A LIAS prioriza comportamentos observados na mata — ciscar, rastejar, capturar, farejar — enquanto a Libras privilegia configurações visuais convencionais, como bicos, chifres ou antenas. Essa diferença corresponde ao que Ferreira (2021) e Santos (2024) identificam em suas análises de outras LISs: a iconicidade é culturalmente situada e responde diretamente ao ambiente e ao repertório de experiências compartilhadas por cada povo.

Nos campos semânticos das relações familiares, dos verbos e dos elementos da natureza, a LIAS reafirma essa dimensão cultural. Relações de parentesco são expressas pelo vínculo sanguíneo e ancestral — em diálogo com a compreensão da cultura como espaço de negociação

(Bhabha, 1998). Os verbos apresentam distinções entre ações masculinas e femininas, refletindo papéis sociais tradicionais, enquanto a sequência dia-tarde-noite revela um refinamento icônico que acompanha o percurso do sol no céu, prática profundamente associada ao território e ao tempo Apinajé.

De modo geral, os dados demonstram que a LIAS não apenas nomeia o mundo: ela o descreve em movimento. Sua lógica lexical retoma práticas cotidianas, conhecimentos tradicionais e relações indissociáveis entre corpo, a ancestralidade e o ambiente. Essa característica confirma o entendimento, de que o léxico faz parte de um domínio simbólico, marcado pela materialidade do sinal, pela experiência social e pela memória cultural. Assim, a LIAS reafirma-se como sistema linguístico pleno, com escolhas formais próprias e coerentes, cujos sentidos emergem da vida e da cosmologia do povo Apinajé.

7.1 FOCO NO PROCESSO X FOCO NO PRODUTO

A análise da LIAS evidencia um padrão recorrente que atravessa os diversos campos semânticos estudados nesta pesquisa e ajuda a compreender a organização do léxico dessa língua: a tendência a privilegiar processos completos, etapas sucessivas de manipulação, ou ações culturalmente situadas como base para a construção dos sinais. Em contraste, observa-se que a Libras, embora igualmente assentada em bases icônicas, tende a selecionar aspectos mais pontuais, formas visualmente marcantes ou os resultados das ações, o que revela uma relação distinta entre língua, experiência e mundo vivido. Essa diferença se torna particularmente evidente quando se comparam sinais, em diversos casos, a LIAS representa desde a origem do referente até sua transformação, enquanto a Libras opta por formas condensadas que enfatizam qualidades perceptíveis ou ações convencionais mais difundidas no contexto urbano brasileiro.

Um traço comum a ambas as línguas é a presença marcante da iconicidade como princípio organizador. Quase todos os sinais analisados têm algum grau de correspondência visual ou gestual com o referente. Essa semelhança, porém, é operacionalizada de maneira distinta. Na LIAS, a iconicidade é frequentemente processual e expandida; na Libras, apresenta-se de modo compactado e focal. Assim, modelos diferentes de iconicidade coexistem e refletem modos de vida, valores culturais e rotinas socialmente enraizadas em cada comunidade. Essa dinâmica pode ser observada no Quadro a seguir, que sintetiza os itens analisados e ilustra claramente o contraste entre foco no processo (LIAS) e foco no produto (Libras).

Quadro 56 - Sinais de Alimentos documentados

Item analisado	LIAS	Libras
	Foco no processo/etapas detalhadas	Foco no produto/ação específica
Abacate	Fruto, cortar, dividir as partes e comer.	Ato de comer a fruta + sinal verde.
Abacaxi	Descasque horizontal e cortar os pedaços.	Coroa e descasque vertical.
Açaí	Fruto, esmagar, misturar e beber.	Maceração do fruto.
Arroz	Segurar um grão cozido e comer.	Debulhar, separar a casca.
Café	Beber em copo e soprar para esfriar.	Beber em xícara.
Caju	Arrancar a castanha.	Destacar apenas a castanha.
Carne	Abocanhar a carne diretamente.	Puxar pele no dorso da mão.
Cuscuz	Manufatura da farinha no pilão.	Formato arredondado / cor amarela.
Farinha	Abanar para esfriar + levar à boca.	Jogar/espalhar no prato.
Feijão	Segurar um grão cozido, apertar e comer.	Forma do grão.
Mandioca	Arrancar e descascar.	Arrancar.
Manga	Abocanhar (alta iconicidade).	Sinal arbitrário.
Milho	Comer a espiga.	Segurar a espiga para comer.
Ovo	Chacoalhar para testar frescor.	Quebrar o ovo.
Tapioca	Amassar a farinha na frigideira.	Jogar a tapioca na frigideira e dobrar.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 57 - Sinais de Animais documentados

Item analisado	LIAS	Libras
	Foco no processo/etapas detalhadas	Foco no produto/ação específica
Abelha	Picada + esfregar o local.	Inseto voando + picada.
Aranha	Andar da aranha no braço.	Andar no espaço neutro.
Arara	Voar e pousar	Bico
Barata	Movimento rápido em zigue-zague.	Antenas da barata.
Boi (Gado)	Movimento das orelhas e os chifres.	Chifres.
Cachorro	Latir + Expressão Bravo	Focinho ou focinheira
Cobra	Rastejar e mordida.	Rastejar e presas.
Escorpião	Pinça capturando presa.	Ferrão atacando.
Formiga	Picada + expressão de dor.	Andar da formiga.
Galinha	Bater as asas	Crista do galo
Gato	Lamber as patas.	Bigodes
Macaco	Subir na árvore e cortar os braços.	Ato de coçar.
Pato	Movimento das patas ao nadar.	Representação do bico.
Peixe	Movimento ondulatório natural.	Anzol na boca.
Porco	Narinas abrindo/fechando + expressão.	Arbitrário.
Rato	Roer alimento com as mãos.	Bigodes.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 58 – Sinais de Relações familiares documentados

Item analisado	LIAS	Libras
	Foco no processo/etapas detalhadas	Foco no produto/ação específica
Família	Mãos abertas envolvendo um grupo.	Sinal convencionado.
Avós	Ato de se caminhar de bengala.	Sinal arbitrário.
Homem	Corte curtos nas laterais do cabelo.	Referência a barba
Mulher	Franja e cabelos longos.	Sinal arbitrário.
Parentes/Irmãos	Faz alusão ao sangue das veias	Sinal arbitrário.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 59 – Sinais de Verbos documentados

Item analisado	LIAS	Libras
	Foco no processo/etapas detalhadas	Foco no produto/ação específica
Brincar (homens)	Simulação de uma luta.	Sinal arbitrário
Brincar (Mulheres)	Simulação de cuidar de um bebê/boneca.	Sinal arbitrário
Dançar (homens)	Dançar típico com o maracá.	Dedos dançantes
Dançar (mulheres)	Dançar típico abrindo/fechando os braços	Dedos dançantes
Cozinhar	Chamas do fogo	Mexer a panela
Ler/Escrever/Estudar	Abrir o caderno e escrever	Sinais específicos para cada verbo

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 60 – Sinais de Elementos da natureza documentados

Item analisado	LIAS	Libras
	Foco no processo/etapas detalhadas	Foco no produto/ação específica
Dia	Trajectoria do sol dos 0° aos 45°.	Sol nascendo com a CM 53 (INES, 2022)
Tarde	Continuação do percurso até 110°.	Sol descendo com a CM 2 (INES, 2022)
Noite	Movimento até ~160° (pôr do sol).	Sol atrás do horizonte.
Árvore	Tronco e copa com duas mãos.	Tronco e copa com uma única mão.
Fogo	Abanar fogo para avivar chamas.	Chamas do fogão.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

A partir desses exemplos, torna-se evidente que a LIAS organiza seu léxico de forma profundamente enraizada na experiência cotidiana da aldeia. As ações manuais, os modos tradicionais de preparo de alimentos e o conhecimento prático do território aparecem como eixos que moldam a estrutura dos sinais. Em muitos casos, o sinal não apenas nomeia o referente, mas reconta uma prática cultural, evidenciando a estreita relação entre língua, corpo e cultura na comunidade Apinajé. Na Libras, por outro lado, a construção dos sinais tende a priorizar a representação visual mais estável ou a ação que se consolidou socialmente como símbolo do referente. Isso resulta em sinais mais concisos, frequentemente associados à forma do objeto ou a uma etapa convencional de uso, sem necessariamente abarcar as múltiplas fases do processo envolvido.

Esse contraste revela que a iconicidade não funciona da mesma maneira em todas as línguas de sinais: as escolhas de cada comunidade refletem perspectivo-culturais distintas sobre o que é relevante, significativo e reconhecível. Assim, o estudo sistematizado desses sinais ajuda a compreender que a iconicidade, longe de ser homogênea, é moldada pela cultura e pelo ambiente que dão sentido à língua.

7.1.1 Influência da iconicidade e da cultura na construção do sinal na LIAS

A análise dos dados da LIAS confirma, de forma concreta, aquilo que os estudos apresentados no Capítulo 3 têm reiterado sobre as LISs: a iconicidade e a cultura não são apenas elementos presentes na constituição do léxico — elas são o próprio eixo estruturante que orienta a emergência, a estabilização e a circulação dos sinais. A motivação cultural da iconicidade manifesta-se claramente na LIAS, em que os sinais representam seus referentes e atualizam práticas tradicionais, técnicas de preparo, interações com animais e observações do ambiente. Fenômeno semelhante já havia sido descrito entre os Paiter Suruí por Eler *et al.* (2019); entre os Ka’apor por Godoy (2020); entre os Munduruku por Ferreira (2021); entre os Terena por Candelario (2023); entre os Pataxó por Santos (2024), dentre outros povos. Em todos esses casos, as ações cotidianas constituem a base do léxico, padrão igualmente observado na LIAS, cujos sinais preservam saberes intergeracionais transmitidos no cotidiano da aldeia.

Esses elementos dialogam diretamente com as características linguísticas observadas em outras línguas de sinais indígenas, reforçando o argumento de que a LIAS não é um repertório de sinais espontâneo, mas uma língua autônoma, emergente e culturalmente situada. Além disso, a iconicidade nas LISs não funciona somente como semelhança visual, mas como expressão cultural, memória coletiva e registro de práticas sociais. A língua incorpora os saberes próprios do povo Apinajé e os transforma em estrutura linguística de (re)significação e um arquivo cultural vivo, no qual a ancestralidade, o território, o corpo e os modos de vida se entrelaçam para constituir uma língua que descreve o mundo em movimento e reafirma a identidade dos indígenas Surdos. Os quadros a seguir complementam a descrição dos sinais da LIAS feita anteriormente, pois, relacionam a iconicidade e a motivação cultural presente em muitos sinais.

Quadro 61 - Alimentos e sua descrição integrada

Item analisado	LIAS
	Descrição integrada (iconicidade + motivação cultural)
Abacate	O sinal reproduz o movimento de cortar e retirar a polpa, espelhando o modo tradicional de consumo da fruta, em que o gesto de “abrir” o abacate é tão significativo quanto o alimento em si.
Abacaxi	A iconicidade do descasque horizontal e a forma de cortá-lo reflete, evidenciando a técnica comum de consumo da fruta.
Açaí	A sequência de esmagar o fruto, misturar e beber traduz fielmente o processo artesanal de preparo, reforçando o vínculo entre o sinal e a importância cotidiana do açaí na dieta Apinajé.
Arroz	O sinal de segurar o grão remete ao momento final do preparo, que se avalia o cozimento do arroz para o consumo.

Café	A ação de mexer e levar à boca representa a preparação simples e diária da bebida entre os Apinajé.
Caju	O sinal remete ao ato de retirar a castanha, atividade do cotidiano da aldeia.
Carne	O sinal reflete a prática de consumo do alimento.
Cuscuz	O movimento de pilar no pilão retrata a etapa mais característica do preparo tradicional do alimento.
Farinha	O sinal combina o gesto de abanar para esfriar com o ato de comer, mostrando a centralidade da farinha na alimentação.
Feijão	O sinal de segurar e apertar o grão remete ao momento final do preparo, que avalia-se o cozimento do feijão para consumo.
Mandioca	A retirada do solo e o descasque giratório representam o processo completo de preparo da raiz.
Manga	O sinal reproduz consumo direto da fruta, observação típica da prática local.
Milho	A representação da espiga associada ao gesto de assar demonstra o hábito de prepará-lo no fogo.
Ovo	O ato de balançar o ovo próximo ao ouvido, técnica tradicional para se avaliar a qualidade.
Tapioca	O movimento de amassar e moldar a massa na panela, a técnica tradicional usada na aldeia.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 62 - Animais e sua descrição integrada

Item analisado	LIAS
	Descrição integrada (iconicidade + motivação cultural)
Abelha	A picada seguida de esfregar reproduz a experiência corporal da ferroada, mostrando como o sinal nasce de uma vivência sensorial direta.
Aranha	Os dedos caminhando no braço evocam o deslocamento real da aranha sobre o corpo, fruto da convivência cotidiana com o animal.
Arara	O sinal tem origem na observação dos hábitos da ave, seu voo e pouso, o que reflete o convívio do povo Apinajé com a arara em seu habitat natural.
Barata	A sinalização em zigue-zague reflete o padrão de movimento do inseto presente na aldeia, mostrando assim a observação atenta do comportamento dos pequenos animais.
Boi (Gado)	A iconicidade do sinal está diretamente vinculada à experiência visual, remetendo as orelhas e ao chifre do animal.
Cachorro	O sinal de cachorro enfatiza o ato de latir e tentar morder, juntamente com a expressão facial correspondente. Assim, o sinal traduz uma experiência cultural concreta — a convivência próxima, mas cautelosa, com os cães da aldeia — transformando a interação cotidiana em forma linguística.
Cobra	O rastejar seguido da mordida sintetiza tanto o movimento quanto o risco do animal, presente no contexto Apinajé.
Escorpião	A simulação das pinças capturando a presa reflete o perigo e a necessidade de reconhecimento rápido do animal. Refletindo a observação detalhada do animal presente no cotidiano das aldeias.
Formiga	O sinal de picar acompanhado da expressão de dor evoca a sensação física do contato com formigas, extremamente comuns na região.
Galinha	A sinalização feita com o abrir e fechar dos braços, explora a iconicidade da observação do animal no dia a dia das aldeias.
Gato	o sinal de gato privilegia a ação de se lamber — uma característica marcante do comportamento desse animal, o que revela apenas uma observação minuciosa do comportamento do animal e da convivência cotidiana na aldeia.
Macaco	O sinal de macaco reflete, de maneira direta, a relação do povo Apinajé com esse animal. O representação dele subindo em uma árvore evidencia o olhar atento dos Apinajé para o

	comportamento natural do macaco em seu ambiente. E a segunda parte, que remete ao ato de cortar os braços do animal, está ancorado em práticas alimentares tradicionais do povo.
Pato	O sinal imita o movimento das nadadeiras do pato na água, remetendo diretamente ao deslocamento natural do animal nos igarapés, rios e lagos das aldeias.
Peixe	O movimento ondulante representa o nadar dos peixes nos igarapés, rios e lagos da aldeia.
Porco	O sinal se baseia em uma observação extremamente fina do comportamento do animal: o abrir e fechar das narinas enquanto fareja o chão em busca de comida. O que reforça a ideia da construção do léxico a partir da convivência.
Rato	O morder e segurar alimento imita o comportamento ágil do roedor, conhecido pela convivência forçada nos espaços domésticos.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 63 - Relações familiares e sua descrição integrada

Item analisado	LIAS
	Descrição integrada (iconicidade + motivação cultural)
Família	O sinal representa visualmente a ideia de coletividade que marca a vida social Apinajé. A iconicidade pode refletir a noção de família ampliada, não se limitando ao parentesco direto, mas à rede de convivência e apoio mútuo.
Avós	O sinal de avós reproduz o ato de caminhar apoiando-se em uma bengala. A iconicidade do sinal está ancorada na observação do cotidiano: talvez devido às características do terreno — caminhos irregulares, declives, raízes expostas e trechos de mata — o uso de bengala ou apoio improvisado seja comum. Assim, o sinal não apenas identifica a idade avançada, mas incorpora um elemento concreto da vida na aldeia, associando a figura dos avós à experiência coletiva de vê-los se apoiar para caminhar.
Homem	O sinal destaca o corte curto nas laterais da cabeça. Ao enfatizar esse detalhe, a iconicidade se ancora em um marcador visual culturalmente reconhecido, revelando como a aparência cotidiana se converte em parâmetro linguístico.
Mulher	O sinal evidencia a franja e os cabelos longos, características comuns ao estilo feminino Apinajé. A iconicidade permite não apenas identificar o gênero, mas refletir a estética valorizada na aldeia, conectando identidade, corpo e cultura.
Parentes/Irmãos	O sinal faz alusão ao sangue que corre pelas veias, representando os laços consanguíneos

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 64 - Verbos e sua descrição integrada

Item analisado	LIAS
	Descrição integrada (iconicidade + motivação cultural)
Brincar (homens)	O sinal reproduz movimentos de luta corporal, gesto que espelha as brincadeiras físicas praticadas pelos meninos Apinajé
Brincar (Mulheres)	O sinal representa o ato de embalar e cuidar de um bebê, gesto ligado às brincadeiras femininas e às práticas de cuidado presentes no cotidiano das meninas nas aldeias.
Dançar (homens)	O sinal reproduz a mão segurando o maracá e o balanço do corpo característicos da dança masculina Apinajé. A iconicidade está intimamente ligada a memória cultural do povo.
Dançar (mulheres)	O sinal destaca o movimento de abrir e fechar os braços diante do corpo, registrando as diferenciações culturais e as marcações de gênero entre o povo Apinajé.
Cozinhar	A representação das labaredas do fogo, enfatizando a centralidade do fogo nas práticas culinárias Apinajé.
Ler/Escrever/Estudar	A unificação dessas ações em um único sinal reflete o modo como a escola é percebida como um bloco de atividades interligadas no cotidiano da comunidade.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

Quadro 65 - Elementos da natureza e sua descrição integrada

Item analisado	LIAS
	Descrição integrada (iconicidade + motivação cultural)
Dia	Representa a trajetória inicial do sol surgindo no horizonte, com o movimento do braço percorrendo um arco de aproximadamente 0° a 45°. Essa iconicidade nasce da observação direta do ambiente: nas aldeias Apinajé, o nascer do sol é um marcador temporal fundamental, associado ao início das atividades diárias, como preparar o café, cuidar dos animais e organizar as tarefas coletiva
Tarde	O sinal representa a continuidade da trajetória solar. Esse sinal iconiza o percurso do sol quando já está alto no céu. A iconicidade do sinal não é apenas visual — do sol em movimento — mas cultural, porque reproduz um modo de perceber o tempo baseado no deslocamento efetivo da luz no céu da aldeia.
Noite	O sinal de noite completa a sequência do dia ao representar o sol descendendo até aproximação da linha do horizonte. Na aldeia, o anoitecer determina o encerramento das atividades externas e o recolhimento para as casas. A iconicidade, portanto, articula movimento, luz e experiência social: a leitura visual do pôr do sol orienta o ritmo comunitário.
Árvore	O sinal de árvore utiliza as duas mãos para representar o tronco e a copa, criando uma imagem tridimensional do vegetal. A iconicidade reflete não apenas o formato, mas a presença dominante das árvores na paisagem Apinajé,
Fogo	O sinal fogo está diretamente relacionado a prática tradicional de avivar o fogo a lenha, tão presente no cotidiano Apinajé. Esse sinal imita claramente a ação de abanar o fogo para fazê-lo crescer — prática necessária nos fogões a lenha. A iconicidade, portanto, não se limita à forma do fogo, mas evidencia o processo cultural de manutenção da chama, revelando uma compreensão profundamente enraizada no modo como o fogo é manejado no dia a dia da comunidade.

Fonte: Produzido pela autora com base nos dados da pesquisa.

A análise dos dados apresentados nesta subseção evidencia que, na LIAS, a iconicidade não atua como um simples espelhamento visual do referente, apresenta-se como mecanismo profundamente enraizado nas experiências materiais, sensoriais e culturais do povo Apinajé. Cada sinal revela que o corpo, o ambiente e as práticas sociais orientam diretamente a construção do léxico, fazendo com que a língua recupere modos de fazer, de observar e de viver que integram o cotidiano do grupo.

Alguns exemplos ilustram de forma clara essa dinâmica. No campo da alimentação, sinais como açaí e café não apenas nomeiam o alimento, mas reconstróem as ações que fazem parte da rotina diária — esmagar o fruto, mexer e beber o líquido espesso; mexer, assoprar e tomar o café no copo americano. O sinal se torna, assim, uma narrativa condensada do processo culinário, preservando técnicas e práticas transmitidas entre gerações.

Entre os animais, a iconicidade também se articula a partir da observação precisa do comportamento. A arara, voando e seu bico característico ficando em evidencia até pousar, evidencia a atenção visual dirigida às aves que circulam no território Apinajé. O macaco, por sua vez, demonstra uma iconicidade ainda mais elaborada: primeiro, representa-se o animal

subindo na árvore; em seguida, realiza-se o sinal que alude ao corte dos braços, rememorando práticas tradicionais de caça e consumo. Esse sinal, altamente processual, demonstra como o léxico da LIAS incorpora tanto o comportamento natural do animal quanto elementos da cultura alimentar do povo.

Nas relações sociais, o sinal de parentes/irmãos baseia-se na metáfora do sangue percorrendo o braço, remetendo ao laço consanguíneo como fundamento da organização familiar Apinajé. Aqui, o corpo torna-se o próprio espaço de representação do parentesco, reforçando a centralidade da ligação sanguínea para a compreensão das relações de família.

Entre os elementos naturais, o sinal de fogo é exemplar: em vez de representar apenas a forma das chamas, a LIAS privilegia o ato de avivar o fogo com um abano — gesto presente no dia a dia das famílias Apinajé. Esse movimento comunica não apenas o fogo enquanto entidade, mas a técnica de fazê-lo crescer, revelando a íntima relação entre corpo, ambiente e sobrevivência cotidiana. Outros sinais reforçam essa lógica: dia, tarde e noite representam a trajetória real do sol sobre o horizonte; porco parte da observação minuciosa das narinas farejando o chão; galinha imita a ação de bater as asas; tapioca encena o processo de pressionar e moldar a farinha quente na frigideira. Em todos os casos, a iconicidade não é acidental: ela emerge da vida na aldeia, da convivência com o território, das ações repetidas diariamente e das memórias culturais que estruturam o cotidiano.

Dessa maneira, a LIAS demonstra que seu léxico nasce de uma iconicidade motivada culturalmente — uma iconicidade que não apenas representa, mas reenquadra as práticas e os saberes Apinajé no interior da língua. Trata-se de uma iconicidade que conta histórias, preserva técnicas, registra modos de viver e atua como extensão da cultura no domínio linguístico. Com isso, finaliza-se destacando que a LIAS é uma língua plenamente estruturada e culturalmente situada, e que sua análise contribui para compreender a diversidade das LISs e os diferentes caminhos pelos quais a iconicidade se manifesta em contextos socioculturais específicos.

7.2 ENTRE DUAS LÍNGUAS DE SINAIS: INFLUÊNCIA DA LIBRAS E A PRESERVAÇÃO DA LIAS

A análise dos dados desta pesquisa revela que a LIAS encontra-se, hoje, em um ponto de encontro entre duas línguas de sinais distintas: por um lado, preserva uma estrutura fortemente vinculada à cultura, ao território e às práticas tradicionais do povo Apinajé; por outro, passa a conviver de maneira cada vez mais intensa com a Libras, uma língua de sinais dominante e presente em diversos espaços frequentados pelos indígenas Surdos. Esse encontro

produz efeitos linguísticos e socioculturais que merecem atenção cuidadosa, seja para a compreensão dos processos de influência, seja para o delineamento de estratégias de preservação da LIAS como patrimônio linguístico.

A Libras tem alcançado os indígenas Surdos Apinajé por múltiplos caminhos, não necessariamente planejados ou sistematizados. A presença de intérpretes de Libras e um professor Surdo fluente em Libras nas escolas representa um dos vetores mais significativos de contato linguístico. Esses profissionais, essenciais para garantir direitos educacionais, introduzem cotidianamente novos sinais, estruturas e usos da Libras no espaço escolar — e, conseqüentemente, na interação comunitária.

Outro elemento relevante diz respeito à formação acadêmica dos estudantes Apinajé da UFNT. A participação deles nos cursos de graduação que incluem obrigatoriamente a disciplina de Libras expõe estudantes indígenas a aulas formais, materiais didáticos e ambientes de uso intensivo dessa língua, ampliando o repertório de sinais que circula entre eles e que pode retornar às aldeias por meio de práticas comunicativas espontâneas.

A influência também se manifesta pela circulação de materiais multimodais em Libras nas escolas indígenas, como cartazes do alfabeto manual, painéis de sinais e publicações comemorativas — a exemplo da postagem da Escola Indígena Kunitik⁸ celebrando os 23 anos do reconhecimento legal da Libras. Essa difusão simbólica reforça a presença visual e cultural da Libras entre crianças, jovens e adultos Apinajé.

7.2.1 Existência de sinais compartilhados

A análise dos dados revelou que os sinais utilizados espontaneamente pelos indígenas Surdos Apinajé e pelos seus familiares ouvintes, representam um repertório ativo no cotidiano comunicativo da aldeia e incluem tanto sinais propriamente pertencentes à LIAS quanto sinais provenientes da Libras. No entanto, para fins de rigor metodológico, é fundamental esclarecer que este trabalho não incorporou ao *corpus* analisado os sinais de origem externa, ou seja, da Libras, ainda que eles estejam em circulação entre os participantes da pesquisa.

Embora façam parte do repertório comunicativo deles, esses sinais não foram considerados representativos da LIAS e, portanto, não foram incluídos nos quadros descritivos nem nas análises estruturais desta pesquisa. A decisão metodológica de separá-los busca preservar a integridade do objeto de estudo e garantir que as descrições reflitam apenas o léxico

⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/escolaind.kunitik?igsh=eng3aWs5eDR4ZHIh>.

próprio da LIAS. Ainda assim, a presença de sinais da Libras no cotidiano linguístico da comunidade constitui um dado sociolinguístico significativo. Esses sinais funcionam como indicadores de processos contemporâneos de contato entre a LIAS e a Libras, resultantes de mudanças no acesso à educação, na presença de intérpretes em sala de aula, na circulação de materiais didáticos e nas dinâmicas digitais que ampliam a exposição dos indígenas Surdos Apinajé a conteúdos em Libras.

Cabe destacar que a análise desse fenômeno de contato linguístico — ainda incipiente, mas já observável — pode servir como base para novos estudos que investiguem a dinâmica de coexistência entre a LIAS e a Libras, processos de mudança linguística, políticas de preservação e o papel das instituições na formação do repertório linguístico indígena, incluindo os indígenas surdos. Esses resultados abrem caminho para pesquisas mais amplas que poderão explorar, de forma longitudinal, os caminhos pelos quais a LIAS se transforma, se fortalece ou se reconfigura diante de novos contextos socioculturais.

A presença de sinais compartilhados entre a Libras e a LIAS evidencia um processo sociolinguístico em curso, no qual diferentes repertórios circulam e se influenciam mutuamente. Esse contato, embora recente, revela rearranjos comunicativos que acompanham mudanças educacionais, tecnológicas e institucionais que atingem o povo Apinajé. Ainda assim, reconhecer essa influência não implica afirmar uma substituição da LIAS; ao contrário, permite compreender o cenário no qual ela se encontra e refletir sobre caminhos para sua preservação.

Preservar a LIAS não significa isolá-la da Libras, e sim garantir que seus fundamentos culturais sejam reconhecidos, valorizados e transmitidos. A manutenção de sua autonomia como língua depende de ações articuladas em diferentes frentes, entre as quais se destacam: i) a documentação contínua, voltada à ampliação do *corpus*, ao registro do uso dela na escola, nos rituais, suas variações e à observação dos usos espontâneos na comunidade; ii) a formação comunitária, que incentive a transmissão intergeracional da LIAS, envolvendo crianças, jovens e adultos Surdos e ouvintes; iii) a criação e implementação de políticas linguísticas locais, capazes de promover o reconhecimento oficial da LIAS e assegurar espaços formais de uso e legitimação.

A influência da Libras, portanto, não deve ser concebida como ameaça, mas como um contexto que demanda atenção analítica e políticas de fortalecimento. A Libras amplia o acesso a recursos educacionais, tecnológicos e comunicativos, ao mesmo tempo em que introduz elementos que podem moldar o repertório linguístico dos indígenas Surdos Apinajé.

Compreender esse movimento é essencial para acompanhar como a LIAS se transforma, resiste e se reorganiza diante das novas dinâmicas de contato. Esta seção evidencia que a

coexistência entre as duas línguas de sinais não apenas descreve um fenômeno linguístico, mas abre espaço para pensar o futuro da LIAS. Nesse sentido, a análise aqui apresentada contribui para reforçar o papel da documentação linguística como instrumento de preservação cultural, afirmação identitária e fortalecimento das LISs no Brasil.

8 CONCLUSÃO

Esta tese chega ao seu desfecho retomando o caminho iniciado ainda na dissertação “Educação Escolar Indígena: Um olhar para o contexto Apinajé” (Barroso, 2022), cuja investigação revela a existência de indígenas Surdos distribuídos em diferentes aldeias e uma forma de comunicação que não correspondia à Libras. Se, naquele momento, tratava-se de um achado inicial, aqui consolidou-se a compreensão de que essa comunicação constitui uma língua de sinais própria: a Língua Indígena Apinajé de Sinais (LIAS), objeto central desta pesquisa. Ao longo desta obra, ampliou-se o olhar sobre essa língua emergente, documentando seu léxico, descrevendo-a e analisando a profunda relação entre iconicidade, cultura e práticas cotidianas no povo Apinajé.

A pergunta de pesquisa que orientou todo o percurso — compreender de que maneira a iconicidade molda a formação lexical da LIAS e sustenta sua legitimidade como língua natural — pôde ser respondida mediante a articulação entre os dados empíricos, a revisão teórica e a comparação sistemática com a Libras. A hipótese, formulada na introdução e revisitada em cada capítulo, mostrou-se consistente: a forma de comunicação utilizada pelos indígenas Surdos Apinajé apresenta estrutura, léxico e princípios organizadores que não derivam da Libras ou de sinais caseiros, revelando-se, portanto, uma língua autônoma.

Da mesma forma que a estrutura da tese foi apresentada no início para guiar o leitor, sua conclusão retoma esse percurso: partiu-se da contextualização histórica da Libras enquanto uma língua urbana, avançou-se para os estudos sobre as LISs e a caracterização do povo Apinajé, detalharam-se os procedimentos metodológicos e chegou-se à documentação minuciosa do corpus lexical. Cada etapa contribuiu para a compreensão global da LIAS, permitindo analisar seus sinais por campos semânticos e identificar padrões que reforçam a relação entre cultura, ambiente e língua.

8.1 RESPOSTAS AOS OBJETIVOS

A presente pesquisa foi guiada por um conjunto de objetivos que, desde a introdução, delinearam o percurso necessário para compreender a LIAS em sua complexidade linguística, sociocultural e histórica. O ponto de partida foi a hipótese de que a comunicação utilizada pelos indígenas Surdos Apinajé constitui uma língua autônoma, distinta da Libras e dos sinais caseiros, com léxico, padrões de iconicidade e estruturas próprias. Ao final deste trabalho, é

possível afirmar que os objetivos traçados não apenas foram alcançados, mas também se desdobraram em reflexões e resultados que extrapolam o escopo inicial da tese.

O primeiro objetivo — documentar os sinais utilizados pela comunidade Surda Apinajé — exigiu um processo de imersão cuidadoso, apoiado em observações sistemáticas, registros em vídeo, conversas com familiares e práticas espontâneas de comunicação. Esse movimento resultou na constituição de um corpus lexical que reúne sinais distribuídos em cinco campos semânticos: alimentos, animais, relações familiares, verbos e elementos da natureza. O *corpus* representa um avanço significativo no registro dessa língua emergente, especialmente, considerando que até então não havia documentação estruturada da LIAS. A elaboração desse glossário não apenas cumpre uma função científica, mas também dialoga com demandas da própria comunidade, que carece de instrumentos de registro e valorização de sua língua.

O segundo objetivo — comparar o corpus lexical da LIAS com os sinais equivalentes na Libras, identificando semelhanças e diferenças — foi explorado de forma minuciosa. A análise comparativa revelou padrões consistentes que permitem compreender como cada língua, situada em contextos socioculturais distintos, operacionaliza seus mecanismos de iconicidade. Na LIAS, observou-se predomínio de sinais ancorados nos processos, nas etapas detalhadas e nas práticas cotidianas do povo Apinajé. Já na Libras predomina a representação do produto final, de formas convencionadas ou de traços visuais estabilizados socialmente. Essa distinção estrutura a maior parte das diferenças identificadas, reforçando a compreensão de que a LIAS articula sua iconicidade de forma ambiental, corporal e culturalmente situada.

O terceiro objetivo — descrever gramaticalmente os sinais documentados do corpus, a partir dos parâmetros das línguas de sinais — permitiu aprofundar o entendimento da arquitetura interna da LIAS. A análise revelou regularidades na configuração de mãos, padrões recorrentes no ponto de articulação, movimentos que reproduzem trajetórias observadas no ambiente (como o percurso do sol, o rastejar de animais e os sinais ligados ao preparo de alimentos) e expressões faciais e corporais que intensificam a iconicidade dos sinais. A descrição gramatical auxiliou a identificação de elementos estruturais que distinguem a LIAS da Libras, reforçando a autonomia linguística postulada na introdução da tese.

O quarto objetivo — apresentar um glossário da LIAS organizado por campo semântico — concretizou-se de maneira detalhada no Capítulo 6. Cada subseção (alimentos, animais, relações familiares, verbos e elementos da natureza) foi acompanhada de descrições dos sinais, quadros comparativos, observações culturais e análises de iconicidade, contribuindo para a compreensão da língua a partir de sua relação com o território e com as práticas do povo Apinajé. Além disso, essa organização por campos semânticos facilita futuras pesquisas, amplia

o acesso ao material por parte da comunidade e oferece subsídios para a elaboração de materiais pedagógicos.

Por fim, quando considerados conjuntamente, os objetivos respondem à questão que orientou a tese: a iconicidade na LIAS não se reduz a um recurso visual, apresenta-se como um princípio estruturador de seu léxico e de sua organização linguística, evidenciando que a língua emerge das práticas cotidianas, da relação com o território e das experiências culturais específicas da comunidade. A documentação, a descrição e a análise comparativa realizadas neste estudo confirmam que a LIAS é, de fato, uma língua autônoma, constituída por uma lógica interna própria e profundamente enraizada na visão de mundo do povo Apinajé.

8.2 LIMITAÇÕES

Reconhecer as limitações deste estudo é fundamental para situar seus alcances e para orientar futuras pesquisas sobre a LIAS. As investigações etnográficas relacionadas aos povos indígenas, particularmente as que envolvem crianças Surdas, podem apresentar diferentes fatores que condicionam o processo de coleta, registro e análise dos dados. A seguir, apresentam-se as principais limitações identificadas ao longo do percurso metodológico.

Uma primeira limitação refere-se ao acesso e ao consentimento parental. A participação de crianças indígenas na pesquisa exigiu um processo cuidadoso de obtenção de autorização dos pais ou responsáveis, o que demandou tempo, sensibilidade cultural e estratégias comunicativas adequadas. Explicar a finalidade da pesquisa, seus potenciais benefícios e o modo como as imagens seriam utilizadas implicou um esforço contínuo de construção de confiança, para que as famílias se sentissem seguras e confortáveis.

Outra limitação envolveu o comportamento dos participantes diante da presença da pesquisadora. A entrada de uma pesquisadora externa e de uma intérprete de Libras na Aldeia pode ter gerado retraimento, timidez ou certa inibição, principalmente entre as crianças. Esses sentimentos podem ter reduzido a espontaneidade das interações, limitado a demonstração natural dos sinais ou mesmo levado a representações mais formais ou idealizadas das práticas comunicativas cotidianas. Embora tenha sido realizada uma imersão gradual na comunidade para mitigar esses efeitos, não foi possível eliminá-los completamente.

A composição da amostra também constituiu uma limitação importante. O falecimento da única indígena Surda adulta previamente identificada fez com que a pesquisa se concentrasse majoritariamente em crianças e adolescentes. Esse recorte etário restringiu o tipo de informação acessível, especialmente no que diz respeito a nuances culturais mais profundas, reflexões sobre

uso linguístico ou memórias históricas relativas à transmissão da língua. Embora as crianças sejam agentes centrais na vitalidade e manutenção da LIAS, sua perspectiva tende a refletir práticas comunicativas do presente imediato, dificultando o acesso a níveis discursivos mais amplos ou a variações que poderiam emergir em diferentes gerações.

Uma limitação de natureza epistemológica e metodológica diz respeito à condição da pesquisadora enquanto pessoa Surda. A ausência de acesso direto à LIAV, somada à impossibilidade de realizar leitura labial — devido tanto às características fonético-articulatórias da língua e às dinâmicas próprias da Aldeia — tornou a presença de uma intérprete de Libras indispensável, entretanto, esta intérprete também não dominava as línguas do povo Apinajé. Essa dependência gerou vários filtros comunicativos, por exemplo: entre os próprios indígenas ouvintes que se comunicavam oralmente na língua do povo e depois para o português, do português para a Libras, entre a Libras e a LIAS e, por fim, o registro da LIAS pela pesquisadora. Nesse processo, nuances culturais, elementos contextuais e expressões não verbais podem ter sido atenuados, reformulados ou parcialmente perdidos.

Essa limitação se intensifica quando se considera a formação da intérprete de Libras, que, embora competente para situações gerais, não possuía formação especializada em tradução e interpretação. Sua atuação exigiu interpretar não apenas entre línguas, mas entre cosmovisões distintas, o que é uma tarefa complexa e altamente especializada. Elementos culturais específicos do povo Apinajé podem ter sido simplificados, adaptados ou interpretados de acordo com sua própria compreensão, impactando diretamente a precisão dos dados coletados. Além disso, a intérprete não estava familiarizada com os sinais próprios da LIAS, que eram justamente o objeto da pesquisa, o que pode ter acrescentado camadas adicionais de dificuldade na comunicação e no registro fiel desses sinais.

Outro aspecto a ser considerado diz respeito às limitações linguísticas de transposição para o português. Como a pesquisadora tem a Libras como primeira língua, o processo de escrever em português — uma língua de modalidade distinta e adquirida como segunda língua — representa um desafio adicional. A tarefa de converter vivências, expressões visuais e complexidades culturais da LIAS e do povo Apinajé para a língua portuguesa envolve, inevitavelmente, perdas de sentido, simplificações e reconstruções discursivas. O próprio ato de escrever constitui um processo de tradução entre mundos linguísticos e cognitivos distintos, especialmente quando se trata de fenômenos cujas matrizes são visuais-motoras e culturalmente situadas.

Por fim, é importante destacar limitações associadas à logística da pesquisa em território indígena. O deslocamento entre aldeias, as condições climáticas, a infraestrutura e a

necessidade de respeitar as atividades cotidianas do povo Apinajé influenciaram o planejamento das visitas, a duração das sessões de coleta e os contextos possíveis de observação. Tais fatores, inerentes ao trabalho de campo em regiões remotas, afetaram diretamente o volume e o ritmo dos dados obtidos.

Apesar dessas limitações, o conjunto de procedimentos adotados permitiu construir um panorama sólido e coerente sobre a LIAS, oferecendo contribuições significativas para o campo das LIS e para a compreensão da experiência Surda no povo Apinajé. O reconhecimento desses limites não diminui os resultados alcançados; ao contrário, reforça a transparência do processo e destaca caminhos que poderão ser aprimorados em futuras pesquisas.

8.3 PERSPECTIVAS PARA NOVAS PESQUISAS

Os resultados alcançados nesta tese representam apenas uma etapa inicial na documentação e análise da LIAS. A natureza emergente dessa língua, seu contexto sociocultural singular e o caráter limitado da literatura existente sobre LISs no Brasil apontam para um conjunto expressivo de possibilidades investigativas. As pesquisas futuras podem não apenas aprofundar os achados aqui apresentados, mas também abrir novas frentes de reflexão sobre a diversidade linguística e cultural dos indígenas Surdos no país.

I - Ampliação de campos semânticos e contextos de uso: O *corpus* analisado concentrou-se principalmente em sinais relacionados ao cotidiano familiar, aos alimentos, aos animais e a alguns elementos ambientais. No entanto, há vastos campos semânticos que permanecem inexplorados e que poderão enriquecer significativamente a documentação da LIAS. Destacam-se, entre eles:

- ✓ Ambiente escolar: sinais relacionados a sala de aula, caderno, escrever, prova, estudar, professor, amigo/colega, brincadeiras do recreio, rotina escolar e relações hierárquicas dentro da instituição. A expansão desse domínio pode revelar como a LIAS se adapta a novos contextos introduzidos pelo contato com a escola formal;

- ✓ Atividades produtivas e culturais: agricultura, pesca, coleta, preparo de alimentos tradicionais, práticas rituais, artesanato, festas, danças específicas e atividades comunitárias;

- ✓ Termos associados à geografia e ao território Apinajé: trilhas, rios, matas, pontos de referência culturalmente importantes, animais específicos da região e fenômenos climáticos;

- ✓ Vida social e papéis comunitários: liderança, parentesco ampliado, atividades coletivas, rituais de passagem, saúde, cura e situações de conflito.

A documentação desses domínios permitirá não apenas consolidar um repertório mais robusto, mas também compreender como os sinais se estruturam conforme as necessidades comunicativas do povo Apinajé, incluindo a incorporação de conceitos contemporâneos ou provenientes de outros repertórios linguísticos, como da Libras.

II. Estudos descritivos e analíticos da estrutura da LIAS: Embora esta tese tenha priorizado a análise do léxico da LIAS, há um amplo conjunto de dimensões linguísticas que permanece aberto para investigação. Futuras pesquisas poderão dedicar-se a descrições sistemáticas da LIAS que abarquem:

- ✓ **Fonologia:** padrões de configuração de mãos, orientações, movimentos e pontos de articulação específicos da LIAS; identificação de restrições fonológicas próprias da língua; análise de contrastes mínimos e processos fonológicos como assimilação, coocorrência e alternância de movimentos;

- ✓ **Morfologia:** mecanismos de formação de sinais complexos, composição, derivação, processos de incorporação (como objeto, instrumento ou modo), uso de classificadores e produtividade de estruturas morfológicas;

- ✓ **Sintaxe:** ordem preferencial dos constituintes, estratégias de topicalização, marcação de tempo, espaço e aspecto, mecanismos de concordância verbal, uso de apontamentos espaciais e padrões de estrutura narrativa;

- ✓ **Pragmática e uso discursivo:** marcadores discursivos visuais, expressões não manuais, estratégias de ênfase, mecanismos de gerenciamento de turnos e construção de referenciação ao longo de narrativas.

A consolidação de estudos estruturais poderá situar a LIAS no panorama das LISs e das Línguas de Sinais Emergentes, contribuindo para debates teóricos mais amplos sobre a diversidade tipológica das LISs. Investigações que aprofundem a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a pragmática da LIAS permitirão identificar padrões internos de organização, possíveis restrições estruturais e mecanismos produtivos de criação lexical, revelando em que medida essa língua compartilha características observadas em outras línguas de sinais ou se apresenta particularidades decorrentes da cultura, do território e das práticas comunicativas Apinajé. Estudos dessa natureza também têm potencial para desafiar modelos teóricos construídos a partir de línguas amplamente documentadas, como a Libras, ampliando o escopo comparativo da linguística das Línguas de Sinais. Além disso, análises tipológicas poderão evidenciar como fatores socioculturais — como padrões de interação familiar, a presença de Surdos distribuídos em diferentes aldeias, as formas tradicionais de transmissão de conhecimento e a dinâmica do contato com a Libras — influenciam a constituição e a evolução

da LIAS. Assim, a compreensão profunda de sua estrutura não apenas fortalecerá sua descrição linguística, mas fornecerá subsídios para repensar teorias sobre a emergência, variação e mudança de línguas de sinais em contextos indígenas e multilíngues.

III - Investigação da variação e mudança linguística: A presença de sinais derivados da Libras no repertório dos indígenas Surdos Apinajé, ainda que não integrados ao *corpus* analítico desta tese, constitui um dado relevante para pesquisas vindouras. Estudos longitudinais poderão explorar, por exemplo:

- ✓ a velocidade e direção das mudanças linguísticas em curso;
- ✓ os efeitos da escolarização sobre a LIAS;
- ✓ o papel das tecnologias digitais no acesso a conteúdos em Libras;
- ✓ variações entre gerações, famílias e aldeias.

Esse tipo de estudo é fundamental para compreender como a LIAS se fortalece, se transforma ou se reconfigura diante de novos contextos comunicativos e institucionais. Investigações de caráter longitudinal permitirão observar, ao longo do tempo, de que maneira a circulação de novos repertórios linguísticos — especialmente aqueles provenientes da Libras, da escolarização bilíngue e das mídias digitais — influencia a vitalidade e a dinâmica interna da língua. Pesquisas futuras poderão analisar se determinados sinais se estabilizam, se diversificam ou são substituídos, bem como identificar possíveis inovações estruturais que emergem das interações entre diferentes gerações, aldeias ou grupos familiares.

IV – A vitalidade da LIAS: Está é uma outra área relevante de investigação que se refere à vitalidade da LIAS e às condições que favorecem ou ameaçam sua continuidade. A vitalidade de uma língua de sinais emergente, sobretudo em comunidades indígenas com presença reduzida de pessoas Surdas, depende de um conjunto complexo de fatores socioculturais, institucionais e demográficos. Pesquisas futuras podem analisar:

- ✓ Como a LIAS circula entre diferentes gerações, em quais espaços comunitários é utilizada e quais são as atitudes linguísticas dos próprios Apinajé — tanto surdos quanto ouvintes — em relação à LIAS e à Libras;
- ✓ Examinar o grau de transmissão espontânea da língua entre crianças, o papel das famílias na manutenção do repertório da LIAS;
- ✓ A influência de políticas linguísticas voltadas à Libras poderá revelar pontos de fortalecimento ou de fragilidade no processo de continuidade da LIAS.

Estudos dessa natureza podem contribuir diretamente para políticas públicas que assegurem a preservação da LIAS, um patrimônio linguístico do povo Apinajé. A partir de dados sistemáticos sobre a vitalidade, os usos e as dinâmicas de transmissão da LIAS, torna-se

possível fundamentar iniciativas de reconhecimento oficial da língua em instâncias municipais, estaduais e federais, além de orientar a elaboração de programas educacionais bilíngues que contemplem a formação de professores indígenas Surdos e ouvintes aptos a trabalhar com a LIAS em ambiente escolar. Tais pesquisas também podem subsidiar a criação de materiais didáticos culturalmente situados, a oferta de cursos de formação continuada para profissionais da educação e da saúde que atuam nas aldeias, e o estabelecimento de ações de documentação contínua conduzidas pela própria comunidade. Dessa forma, a produção científica não apenas ilumina a complexidade linguística da LIAS, mas também pode se converter em instrumento estratégico para sua proteção, fortalecimento e perpetuação.

V - Metodologias colaborativas e pesquisas etnográficas aprofundadas: A experiência desta investigação revelou desafios importantes relacionados ao acesso, à mediação linguística, ao consentimento comunitário e à documentação visual, evidenciando que pesquisas com LIS exigem metodologias particularmente sensíveis, colaborativas e eticamente fundamentadas. A realização do trabalho de campo mostrou que cada etapa — desde a entrada na Aldeia até a coleta e interpretação dos dados — é atravessada por dinâmicas socioculturais complexas, que demandam escuta atenta, negociação contínua e respeito profundo às decisões e aos tempos da comunidade. Esses desafios, longe de representarem obstáculos intransponíveis, oferecem importantes aprendizados sobre como conduzir investigações em contextos indígenas, sobretudo quando envolvem Surdos cuja língua ainda não foi formalmente descrita. Nesse cenário, pesquisas futuras podem aprofundar:

- ✓ Metodologias participativas envolvendo jovens indígenas surdos como copesquisadores;
- ✓ Práticas de registro audiovisual culturalmente sensíveis;
- ✓ O papel dos intérpretes de Libras em pesquisas etnográficas complexas;
- ✓ A relação entre pesquisadores e comunidade na coautoria de glossários, materiais didáticos e iniciativas de preservação.

Essas abordagens podem contribuir para produzir pesquisas mais éticas, contextualizadas e alinhadas às necessidades do povo Apinajé. Ao privilegiar metodologias colaborativas amplia-se a precisão e a sensibilidade cultural dos registros e a autonomia da comunidade é fortalecida no processo de documentação de sua própria língua. A participação ativa de indígenas Surdos e ouvintes como coautores, consultores ou pesquisadores locais pode favorecer uma relação menos verticalizada, em que o conhecimento circula de forma dialógica e respeitosa, garantindo que as escolhas metodológicas reflitam interesses e prioridades

definidas conjuntamente. Além disso, práticas de pesquisa alinhadas às expectativas comunitárias tendem a gerar produtos — como glossários, materiais didáticos, registros audiovisuais e procedimentos de preservação — que têm utilidade real no cotidiano das aldeias, ampliando o impacto social das investigações. Dessa forma, o campo acadêmico passa a atuar não apenas como observador, mas como parceiro no fortalecimento da LIAS, contribuindo para que a língua seja documentada, valorizada e transmitida de maneira sustentável às próximas gerações.

Assim, a LIAS se apresenta como um campo fértil, complexo e urgente de investigação. Sua emergência em um contexto multilíngue, marcado por práticas culturais próprias e pela presença de diferentes repertórios comunicativos, torna essa língua não apenas um objeto científico singular, mas também um testemunho vivo da criatividade linguística e da resistência cultural do povo Apinajé. A continuidade dos estudos poderá ampliar o conhecimento linguístico já iniciado, oferecendo descrições mais robustas de seus aspectos fonológicos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos, além de contribuir para o fortalecimento das identidades Surdas indígenas e para a compreensão da diversidade de experiências linguísticas existentes no Brasil.

Investigações aprofundadas sobre a LIAS têm o potencial de enriquecer significativamente a literatura sobre LISs, ampliando o escopo comparativo da linguística e trazendo à tona fenômenos até então invisibilizados pela predominância de línguas amplamente documentadas. Paralelamente, os resultados de tais pesquisas podem subsidiar a formulação de políticas públicas de reconhecimento, valorização e preservação linguística, assegurando que a LIAS ocupe espaços legítimos na educação, na cultura e na memória coletiva Apinajé. O aprofundamento dessas investigações é, portanto, essencial para garantir que a LIAS seja documentada, compreendida e celebrada enquanto patrimônio cultural e linguístico do povo Apinajé, contribuindo para sua transmissão às gerações futuras e para o fortalecimento das epistemologias indígenas.

8.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese marca um passo inaugural e decisivo na documentação da LIAS, configurando-se como o primeiro estudo sistemático dedicado à descrição de uma língua de sinais utilizada por indígenas Surdos do povo Apinajé. Sua realização só foi possível graças a um percurso investigativo construído ao longo de anos, em parceria com os próprios indígenas, movido pelo compromisso ético da autora — ela própria uma pesquisadora Surda — em

compreender e registrar modos diversos de viver e significar o mundo por meio da visualidade. Ao longo deste trabalho, buscou-se não apenas descrever sinais, mas dialogar com a história, a cultura, as práticas comunicativas e as experiências de vida de uma comunidade cuja presença no campo linguístico ainda se encontra silenciada pelas fronteiras do desconhecimento acadêmico.

A tese teve início com a contextualização histórica das pessoas com deficiência e do percurso educacional das pessoas Surdas no Brasil, situando o leitor em um cenário no qual a oralidade e a hegemonia de modelos clínicos e normativos, durante séculos, determinaram o lugar social dos sujeitos Surdos. Esse resgate histórico permitiu compreender que, embora a Libras tenha sido reconhecida legalmente e consolidada como língua de instrução, o país abriga múltiplas experiências linguísticas que escapam aos registros institucionais — entre elas, as LISs, cuja existência rompe com a ideia de um único padrão linguístico, a Libras.

Na sequência, apresentou o contexto sociocultural do povo Apinajé, destacando a organização comunitária, a relação com o território e a centralidade da coletividade para a transmissão de saberes. Nesse cenário, emergiram os primeiros indícios de que pessoas Surdas Apinajé utilizavam, entre si e com membros ouvintes, um repertório visual próprio, distinto da Libras. O encontro inicial da autora com esses sinais — ainda dispersos, espontâneos e não documentados — constituiu o ponto de partida para a investigação que se desdobrou nos capítulos subsequentes.

O capítulo metodológico, construído com base em uma abordagem etnográfica, evidenciou o percurso sensível e cuidadoso empreendido pela autora no processo de pesquisa. As etapas de entrada nas aldeias, o diálogo com as lideranças, o consentimento das famílias e os desafios enfrentados pela condição de pesquisadora Surda foram expostos com transparência, revelando os limites e as potências de uma investigação realizada em camadas: mediada por diferentes línguas, diferentes modos de narrar e diferentes experiências de mundo. O registro dos sinais, a convivência com as famílias, o (re)conhecimento de ritmos comunitários, o ajuste de métodos e construção de vínculos que sustentaram a legitimidade das análises foram ações que conduziram a prática investigativa da pesquisadora Surda.

A análise lexical apresentada nos capítulos centrais consolidou-se como a contribuição inédita desta tese. Pela primeira vez, um conjunto de sinais da LIAS foi registrado, descrito e comparado com a Libras, constituindo o primeiro *corpus* sistematizado da língua. As análises evidenciaram a força da iconicidade cultural como princípio organizador do léxico, a criatividade visual das representações e as convergências e diferenças entre a LIAS e a Libras. Também foi possível observar que a LIAS é uma língua viva, em movimento, influenciada

tanto pelas práticas tradicionais quanto pelos contextos contemporâneos — especialmente o contato com a escola e com a Libras. Esses achados revelam que a LIAS não é apenas um repertório gestual; trata-se de um sistema linguístico em desenvolvimento, dotado de regularidades, motivações culturais e potencial gramatical.

As discussões sociolinguísticas ampliaram esse panorama ao demonstrar que a coexistência entre a LIAS e a Libras não é um conflito, mas um espaço de negociação linguística que reflete transformações sociais profundas. A LIAS resiste, adapta-se e se recria diante de novas realidades. Compreender esse movimento exige estudos contínuos que articulem etnografia, linguística e políticas linguísticas. Por fim, a seção dedicada às perspectivas de novas pesquisas reforçou aquilo que esta tese inaugura: um campo de estudo vasto, ainda pouco explorado no Brasil. A LIAS se insere em um conjunto maior de LISs que começam a ser reconhecidas, mas cujo registro e cuja compreensão carecem de investimentos acadêmicos e institucionais. Este trabalho demonstra que a documentação de uma língua não se reduz ao levantamento de sinais, mas envolve responsabilidade histórica, diálogo comunitário, reconhecimento da diversidade humana e compromisso com a preservação cultural.

A relevância desta pesquisa reside, portanto, em três dimensões complementares. Em primeiro lugar, seu ineditismo, por registrar formalmente uma língua até então desconhecida pela linguística brasileira. Em segundo, sua contribuição científica, ao oferecer dados empíricos que ampliam o debate sobre LISs, variação linguística, iconicidade cultural e processos de contato linguístico. Em terceiro, sua dimensão social e política, ao tornar visível a experiência Surda Apinajé e fortalecer a legitimidade de suas práticas comunicativas diante do Estado, da academia e da sociedade.

Ao concluir esta tese, reafirma-se que a LIAS é patrimônio cultural e linguístico do povo Apinajé. Sua documentação, compreensão e preservação são essenciais para garantir que as próximas gerações — Surdas e ouvintes — possam reconhecê-la como parte de sua história, de sua identidade e de seu modo de existir no mundo. Que este trabalho sirva, assim, como fundamento e convite para que novas vozes, novos olhares e novos estudos deem continuidade a essa trajetória, permitindo que a LIAS floresça em toda a sua complexidade e potência.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil**. Rio de Janeiro, 1946. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/92058/constituicao-dos-estados-unidos-do-brasil-46#art-172> Acesso em: 19 mar. 2025.
- BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Casa Civil: Brasília, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 10 jun. 2025.
- BRASIL. Decreto nº 11.785, de 20 de novembro de 2023. Institui o Programa Federal de Ações Afirmativas. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, ed. 220, seção 1, p. 4, 21 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.in.gov.br/web/dou/-/decreto-n-11.785-de-20-de-novembro-de-2023-524538182> Acesso em: 27 mar. 2025.
- BRASIL. **Lei 10.436 de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Casa Civil: Brasília, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 13 jul. 2024.
- BRASIL. **Lei 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Casa Civil: Brasília, 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm. Acesso em: 10 jun. 2024.
- CASTRO JÚNIOR, Gláucio de; TUXI, Patrícia; FRANCISCO, Gildete da S. Amorim Mendes; PROMETI, Daniela. **Descrição de sinais-termo em diferentes propostas terminográficas em Libras**. *Tradterm*, São Paulo, v. 45, p. 351–381, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/220906/202185> Acesso em: 22 de novembro de 2025
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. São Paulo: EDUSP, 2001.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. **Saber tradicional: o direito de ser diferente**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- FAGUNDES, Marcelo Gonzalez Brasil. **Fragmentos de uma história Panhã: história e território Apinajé na longa duração**. 2022. 397 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/4077>. Acesso em: 30 abr. 2025.
- FELIPE, Tania A. de Souza e Monteiro, Myrna Salerno: **Libras em contexto**. 6. ed. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial, 2006. Disponível em: <https://jucienebertoldo.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/03/libras-em-contexto.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2025.

FERREIRA BRITO, L. F. **Por uma gramática das línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

FERREIRA, Ivanilton. **Minidicionário digital da língua de sinais Munduruku**. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/13594>. Acesso em: 30 abr. 2025.

FUNAI. **Terras Indígenas homologadas**. Brasília: Fundação Nacional dos Povos Indígenas, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/funai>. Acesso em: 24 jun. 2025.

GOLDFELD, Marcia. **A criança Surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista**. 7. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GUGEL, Maria Aparecida. A pessoa com deficiência e sua relação com a história da humanidade. AMPID, [s.d.]. Disponível em: <http://www.ampid.org.br/v1/wp-content/uploads/2019/03/A-pessoa-com-defici%C3%Aancia-e-sua-rela%C3%A7%C3%A3o-com-a-hist%C3%B3ria-da-humanidade.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2025.

GASPARIN, C. A educação de surdos. In: GASPARIN, C. **O tradutor-intérprete de Libras escolar, seu conhecimento de Física e a percepção de sua práxis** [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2022. p. 15-19. DOI: <https://doi.org/10.7476/9786550190507>.

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Lista de Configuração de Mãos de Libras**. Brasília: INES, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/ines/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes-1/todas-as-publicacoes/alfabeto-manual-e-configuracao-de-maos>. Acesso em: 28 out. 2025.

MARTINS, Arão da Silva *et al.* **Educação Escolar Indígena: práticas pedagógicas em contextos Apinajé**. Palmas: UFT, 2020.

PESSOTTI, I. **Deficiência mental: da maldição à esperança**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de Surdos: a aquisição da Língua Portuguesa**. São Paulo: Artmed, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. São Paulo: Editora Parábola, 2019.

QUADROS, R Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos**. São Paulo: Artmed, 2004.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suelly Arruda. **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**. 2. ed. Campinas: Parábola Editorial, 2018.

RUBIM, Altaci Correa; SANTOS, David Kaique Rodrigues dos (orgs.). **Línguas indígenas de sinais - LIS**. Brasília: Ministério dos Povos Indígenas, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/Cartilha_Linguas_Indigenas_de_Sinais_LIS_DIGITAL_26_11_2_compress.pdf Acesso: 26 abr. 2025

SANTOS, David Kaique Rodrigues dos. **Língua Indígena Pataxó de Sinais**: um enfoque na formação escolar dos indígenas pataxós surdos. 2024. 226 f. Dissertação (Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Jequié, 2024. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgrec/wp-content/uploads/2024/05/Disserta%C3%A7%C3%A3o-David-Kaique-Rodrigues-PPGREC.pdf> Acesso em: 27 mar. 2025.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, Josiane Apinajé da; NASCIMENTO, Clarice C. do. Expressões culturais e resistência indígena entre os Apinajé. **Saberes Indígenas**, v. 5, n. 2, p. 45-64, 2021.

SOUZA, Joyce Cristina; STUMPF, Marianne Rossi; TUXI, Patrícia. Propostas metodológicas para a organização de obras terminográficas em língua de sinais baseadas em corpus. **Tradterm**, São Paulo, v. 45, p. 180-211, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/article/view/210580/202068> Acesso em: 22 de novembro de 2025

STOKOE, William C. **Sign Language Structure**: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. Washington, D.C.: Linstok Press, 1960.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. **The Linguistics of British Sign Language**: An Introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

FELIPE, T. A. **Libras em Contexto**: Curso Básico: Livro do Estudante. 9. ed. Rio de Janeiro: WalPrint Gráfica Editora, 2009.

TORRES, C. A. Povo Indígena Apinajé: contatos interétnicos na cidade de Tocantinópolis-TO. **Perspectivas Sociais**, v. 8, n. 2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.15210/rps.v8i02.22583>.

TUXI, Patrícia; FELTEN, Eduardo Felipe. Terminologia, terminografia e línguas de sinais: novos rumos linguísticos. **Coralina**, v. 1, n. 1, p. 134-152, 2019. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/coralina/article/view/8772> Acesso em: 22 nov. 2025.

VILHALVA, S. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes**: um estudo sobre as comunidades linguísticas Indígenas de Mato Grosso do Sul. 2009. 124 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

WILCOX, S. **Gesture and Language**: Cross-linguistic and Developmental Perspectives. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

APÊNDICE A – LISTA DE PALAVRAS E IMAGENS SELECIONADAS

PALAVRAS

Nº	ALIMENTOS	FAMÍLIA	ANIMAIS	SAUDAÇÕES/ CUMPRIMENTOS
1	TAPIOCA	MÃE	CACHORRO	BOM DIA
2	CUZCUZ	PAI	GATO	BOA TARDE
3	CAFÉ	IRMÃO	ARARA	BOA NOITE
4	LEITE	HOMEM	GALINHA	TCHAU
5	OVO	MULHER	BOI	BEIJOS
6	ARROZ	TIO	PORCO	ABRAÇOS
7	FEIJÃO	AVÓ/AVÔ	SAPO	
8	PEIXE		COBRA	
9	CARNE DE BOI		PATO	VERBOS
10	CARNE DE PORCO		JABUTI	DANÇAR
11	GALINHA		BORBOLETA	ESTUDAR
12	MANDIOCA		MACACO	LER
13	MILHO		BARATA	ESCREVER
14	FARINHA		ABELHA	AJUDAR
15	BANANA		ESCORPIÃO	NADAR
16	ABACAXI		ARANHA	COMPRAR
17	ABACATE		FORMIGA	BRINCAR
18	MANGA			CANTAR
19	CAJU			GRITAR
20	GOIABA			ANDAR
21	LARANJA			CORRER
22	MAMÃO			
23	AÇAI			
24	TAPIOCA			

IMAGENS

CUZCUZ



CAFÉ



LEITE



+ -



OVO



--	--

ARROZ



FEIJÃO



PEIXE



--	--

CARNE DE BOI



CARNE DE PORCO



GALINHA (CARNE)

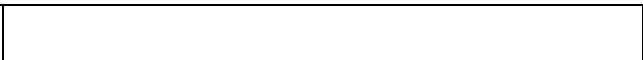


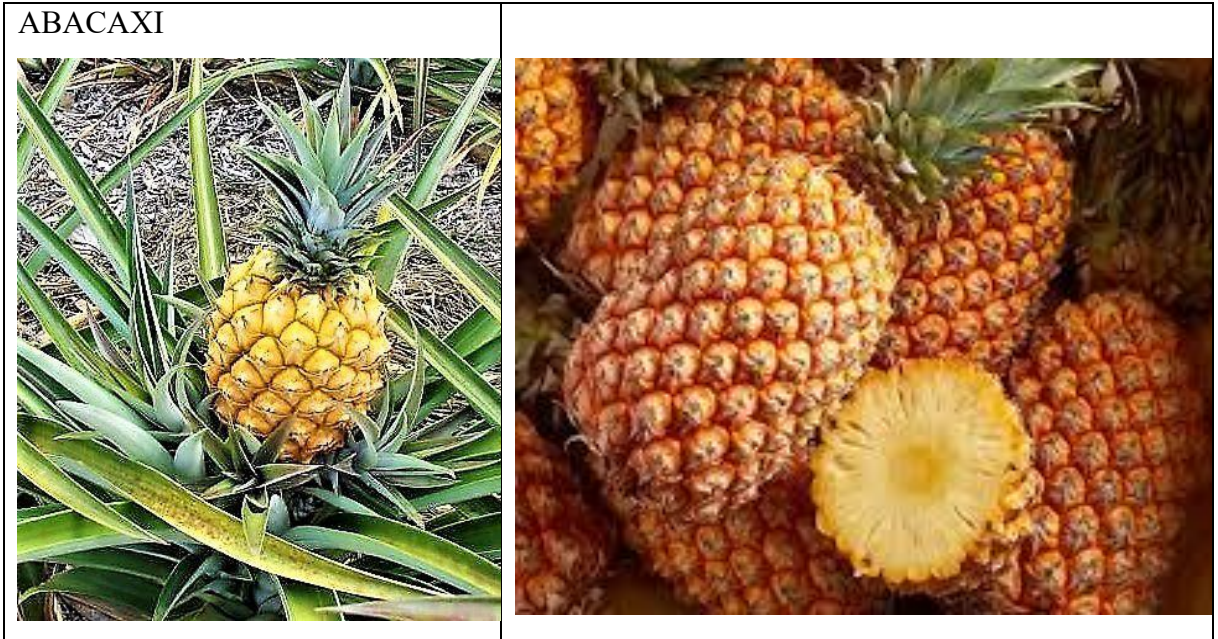


MANDIOCA



MILHO







<p>MANGA</p>	
--------------	--



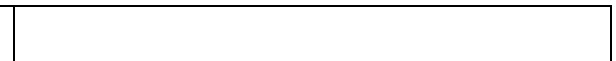
CAJU



LARANJA



GOIABA





MAMÃO



AÇAÍ



BABAÇU





FAMILIA



CACHORRO



GATO



ARARA



PAPAGAIO



SAPO

COBRA



PATO



JABUTI



BORBOLETA



MACACO/MICO



ABELHA

BARATA



RATO



ESCORPIÃO



ARANHA



FORMIGA



VERBOS

DANÇAR



Apresentação de dança utilizando o maraca, saias e tornozelo

BRINCAR



Apresentação feita no dia das crianças Aldeia São José

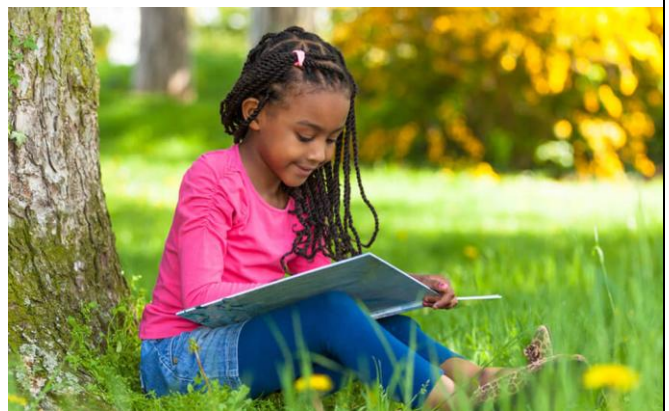


Crianças brincando de bola

ESCOLA/ESTUDAR



LER



ESCREVER



NADAR/RIO



CORRER



CANTAR/MUSICA



APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Título do Projeto: Língua de Sinais Indígena: Mapeamento da possível língua de sinais utilizada pelo povo Apinajé

Pesquisadora Responsável: Fabiane Silva Barroso

Local onde será realizada a pesquisa: Tocantinópolis/TO (Aldeias Palmeira e Patizal)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa porque é indígena surdo do povo Apinajé. Sua contribuição é muito importante, mas não deve participar contra a sua vontade. Esta pesquisa será realizada porque é importante registrar a forma que os indígenas surdos do povo Apinajé se comunicam, de modo a preservá-la. O objetivo dessa pesquisa é confirmar se a forma de comunicação gestual dos indígenas surdos Apinajé constitui de fato uma língua, bem como, fazer o registro dessa possível língua de sinais e disponibilizar para o povo Apinajé uma cartilha de divulgação. Os participantes da pesquisa são os sete indígenas surdos do povo Apinajé, distribuídos principalmente nas Aldeias Patizal e Palmeira, faz-se necessário conhecê-los para identificar a existência de um padrão linguístico entre eles.

Antes de decidir, é importante que entenda todos os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa. A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar mais esclarecimentos, recusar-se ou desistir de participar sem ser prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma. Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável Fabiane Silva Barroso, no celular (31) 99833-1394 ou pelo e-mail fabiane.barroso@ufnt.edu.br ou também poderá entrar em contato com o professor Francisco Edviges Albuquerque pelo celular (63) 99244-8117 ou pelo e-mail fedviges@uft.edu.br.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFNT com o número _____, um órgão que protege o bem-estar, a dignidade, a segurança e garante os direitos dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas sobre a aprovação do estudo, seus direitos ou se estiver insatisfeito com este estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal Norte do Tocantins -UFNT no seguinte endereço: Avenida Paraguai, s./n., esquina com a Rua Uxiramas, Sala 3 (piso superior) e térreo, prédio do PPGLIT, Centro de Ciências Integradas (CCI), Setor Cimba, Araguaína-TO. O horário de atendimento é de segunda à sexta-feira, das 13h30min às 17h30min, o telefone é (63) 3416-5686 e o e-mail: cep@ufnt.edu.br.

Por tratar-se do registro de uma língua visual falada por um número baixíssimo de indígenas, será inviável manter o anonimato, assim sendo gostaria de solicitar a sua autorização para divulgar o seu nome na minha pesquisa, caso não tenha nenhuma objeção.

Permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa;

Não permito a minha identificação através de uso de meu nome nos resultados publicados da pesquisa.

Caso você concorde e aceite participar desta pesquisa, deverá rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, a pesquisadora responsável, farei a mesma coisa, ou seja, rubricarei todas as páginas e assinarei a última página. Uma das vias ficará com você para consultar sempre que necessário.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER:

- ✓ De que forma você vai participar desta pesquisa:

Você irá participar primeiramente permitindo a minha presença na aldeia para que eu possa observar a sua comunicação com os sinais de forma natural no dia a dia da aldeia, dessa forma, poderei fazer anotações desta observação por meio “diários ou cadernos de notas”. Num segundo momento você irá participar juntamente com os outros indígenas surdos da sua aldeia de algumas dinâmicas de interação provavelmente utilizando algumas categorias de palavras, tendo o suporte das imagens e fotos para verificar a existência de um padrão na forma de sinalização de vocês. Essas dinâmicas acontecerão em períodos previamente agendados com você e com a liderança da aldeia. O tempo médio de cada encontro será de 2 horas.

- ✓ Riscos em participar da pesquisa:

Por tratar-se de uma pesquisa de campo e participante, existem alguns riscos envolvidos, tais como: Invasão de privacidade. Interferência na sua vida e na sua rotina. Você pode se sentir embaraço de interagir com estranhos ou sentir algum tipo de medo de repercussões futuras. Podem ser incluídos alguns outros riscos como: o cansaço durante o processo de coleta de dados, o aborrecimento ou algum tipo de constrangimento ao se expor durante a identificação dos sinais. Dentre tais desconfortos, ainda podem ser incluídos, o medo de não saber responder, o estresse e a vergonha ao responder às perguntas. O que pode produzir em você algum estado negativo, alguma ansiedade ou mesmo raiva.

- ✓ Benefícios em participar da pesquisa:

No que se refere as línguas faladas por pequenos grupos, existe uma grande possibilidade de sua extinção devido à falta de registro. No caso da povo Apinajé ainda não existe nenhum registro da língua de sinais utilizada por eles, e nem, mesmo a certeza de que a forma de comunicação dos indígenas surdos Apinajé pode ser considerada uma língua de fato, de modo que, a sua participação na pesquisa irá nos ajudar a comprovar a existência de uma língua de sinais próprio do Povo, a registrar essa possível língua, a evitar que essa possível língua seja extinta, a possibilitar a divulgação dessa possível língua para o povo Apinajé, e, assim aumentar o número de "falantes" da língua.

- ✓ Acesso a resultados da pesquisa:

Ao final da pesquisa será disponibilizado para o povo Apinajé uma cartilha com os sinais mapeados. E o trabalho completo ficará disponível no site: os dados estarão disponíveis no site da UFNT <https://ww2.uft.edu.br/index.php/marcadores/ppgllit>.

- ✓ Custos envolvidos pela participação da pesquisa:

Você não terá custos para participar desta pesquisa; se você tiver gastos com exames, transporte e alimentação, inclusive de seu acompanhante (se necessário), eles serão reembolsados pelo pesquisador. A pesquisa também não envolve compensações financeiras, ou seja, você não poderá receber pagamento para participar.

- ✓ Danos e indenizações:

Se lhe ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante a pesquisa, lhe será garantido o direito à assistência médica imediata, integral e gratuita, às custas do pesquisador responsável, com possibilidade de indenização caso o dano for decorrente da pesquisa.

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas.

Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos meus dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada.

Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) participante/responsável: _____

Assinatura: _____ local e data: _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do Pesquisador Responsável: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____

Nome do auxiliar de pesquisa/testemunha quando aplicável: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____

Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante.
Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):

Nome: _____ Assinatura: _____

APÊNDICE C – TERMO DE COMPROMISSO / FUNAI

TERMO DE COMPROMISSO

Eu, Fabiane Silva Barroso, aluno do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT, portador do RG nº MG 17698785 e CPF nº 091846426-96, desenvolverei a pesquisa intitulada Línguas de Sinais Indígenas: Mapeamento da possível língua de sinais Apinajé, na Terra Indígena do povo indígena Apinajé, nas aldeias Patizal e Palmeiras, conforme o conforme Proc. Funai nº 000173.0022995/2024, reitero que por se tratar de uma língua visual será preciso fazer registros fotográficos ou de vídeo, para fins da referida pesquisa. **COMPROMETO-ME A:**

1. respeitar os usos e tradições indígenas e abster-me de proceder a exigências constrangedoras excessivas ou abusivas para com os indígenas, submetendo-me às disposições da Constituição Federal de 1988, da Lei Federal nº 6.001 de 1973 – Estatuto do Índio, da portaria nº 177/PRES/FUNAI de 2006 e da Lei nº 9.610 de 1998;

2. não veicular qualquer informação ou adotar procedimento que atende contra autonomia, a honra e a dignidade individual ou coletiva dos povos indígenas envolvidos, que promova visões preconceituosas ou estereotipadas sobre esses povos ou que estimule o ódio, a intolerância ou o etnocentrismo;

3. Línguas de Sinais Indígenas: Mapeamento da possível língua de sinais Apinajé, na Terra Indígena do povo indígena Apinajé”

4. não fazer nenhum uso do material coletado para além dos objetivos anuídos pelos indígenas retratados e em conformidade com o Proc. Funai nº 000173.0022995/2024;

5. remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – AAEP/FUNAI, em duas vias, tese, relatórios artigos, livros, gravações, imagens e outras produções oriundas da pesquisa ou do projeto;


6. remeter à FUNAI documento original de Termo de Licença de Uso de Imagem firmado com os indígenas retratados ou seus representantes, durante o período autorizado pela Funai para o ingresso em terra indígena.

O descumprimento das condições estabelecidas neste Termo de Compromisso, em conformidade com a CF/88, Art. 5º, e com a Portaria nº 177/PRES/FUNAI/2006, sujeita o infrator às sanções previstas na legislação vigente, bem como ao cancelamento da Autorização de Ingresso em Terra Indígena por parte da FUNAI.

Qualquer outra utilização do material coletado, para além do objeto deste Termo de Compromisso, inclusive para exploração econômica, deverá ser objeto de novo processo de autorização junto ao indígena ou ao povo indígena retratados e à Fundação Nacional do Índio.

Declaro verdadeiras todas as informações prestadas neste Termo de Compromisso.

Tocantinópolis, 10 de junho de 2024

Documento assinado digitalmente
 FABIANE SILVA BARROSO
 data: 10/06/2024 17:21:46-0300
 Verifique em: https://validar.dig.goubr

Fabiane Silva Barroso

ANEXO A – AUTORIZAÇÃO DE INGRESSO EM TERRA INDÍGENA Nº 53/2025

14/04/2025, 18:08

SEI/FUNAI - 8461824 - Autorização de Ingresso em TI Pessoa Física



8461824



08620.006497/2024-60



MINISTÉRIO DOS POVOS INDÍGENAS
FUNDAÇÃO NACIONAL DOS POVOS INDÍGENAS

ASSESSORIA DE ACOMPANHAMENTO AOS ESTUDOS E PESQUISA

Autorização de Ingresso em Terra Indígena nº 53/AAEP/2025

IDENTIFICAÇÃO			
NOME:	FABIANE SILVA BARROSO	PROCESSO Nº:	08620.006497/2024-60
NACIONALIDADE:	Brasileira	IDENTIDADE:	RG nº MG-17.698.785 PC/MG
INSTITUIÇÃO/ENTIDADE:	Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguística e Literatura – PPGLIT Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT		
PATROCINADOR:			
OBJETIVO DO INGRESSO			
Conduzir o projeto de pesquisa científica intitulado: Língua de Sinais Indígena: Mapeamento da possível língua de sinais utilizada pelo povo Apinajé, período de 1º de agosto de 2025 a 31 de dezembro de 2025.			
EQUIPE DE TRABALHO			
NOME	NACIONALIDADE	DOCUMENTO	
*****	*****	*****	
LOCALIZAÇÃO			
TERRA INDÍGENA:	Apinayé/TO	POVO INDÍGENA:	Apinajé
COORDENAÇÃO REGIONAL:	Araguaia Tocantins (CR-ATO)	CTL:	
VIGÊNCIA DA AUTORIZAÇÃO			
INÍCIO:	1º de agosto de 2025	TERMINO:	31 de dezembro de 2025
Autorizo.			
RESSALVAS:			
<ul style="list-style-type: none"> • Esta autorização não inclui licença para uso de imagem, som e som de voz dos indígenas, para além do objeto desta autorização, conforme Termo de Compromisso anexado nos autos; • Esta autorização não inclui acesso ao conhecimento tradicional associado à biodiversidade; • Esta autorização não inclui acesso ao patrimônio genético; • Remeter à Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas – AAEP/Presidência/Funai, mídia digital contendo: relatórios, artigos, livros, gravações 			

14/04/2025, 18:08

SEI/FUNAI - 8461824 - Autorização de Ingresso em TI Pessoa Física

audiovisuais, imagens, sons, outras produções oriundas do trabalho realizado e informações sobre o acesso na internet.



Documento assinado eletronicamente por Joenia Wapichana, registrada civilmente como Joenia Batista de Carvalho, Presidente, em 14/04/2025, às 14:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site:

[http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?](http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](http://sei.funai.gov.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador 8461824 e o código CRC 3071A442.

Referência: Processo nº 08620.006497/2024-60

SEI nº 8461824

ANEXO B – COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
NORTE DO TOCANTINS
(UFNT)

**COMPROVANTE DE ENVIO DO PROJETO****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Língua de Sinais Indígena: Mapeamento da possível língua de sinais utilizada pelo povo Apinajé
Pesquisador: FABIANE SILVA BARROSO
Versão: 1
CAAE: 79325224.9.0000.0342
Instituição Proponente: Centro de Educação, Humanidades e Saúde

DADOS DO COMPROVANTE

Número do Comprovante: 042553/2024
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

Informamos que o projeto Língua de Sinais Indígena: Mapeamento da possível língua de sinais utilizada pelo povo Apinajé que tem como pesquisador responsável FABIANE SILVA BARROSO, foi recebido para análise ética no CEP Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) em 25/04/2024 às 15:51.

Endereço: Avenida Paraguai, s/n, esquina com Rua Uxiramas, sala 3, prédio do PPGL
Bairro: Setor Cimba **CEP:** 77.824-838
UF: TO **Município:** ARAGUAINA
Telefone: (63)3416-5686 **E-mail:** cep@ufnt.edu.br